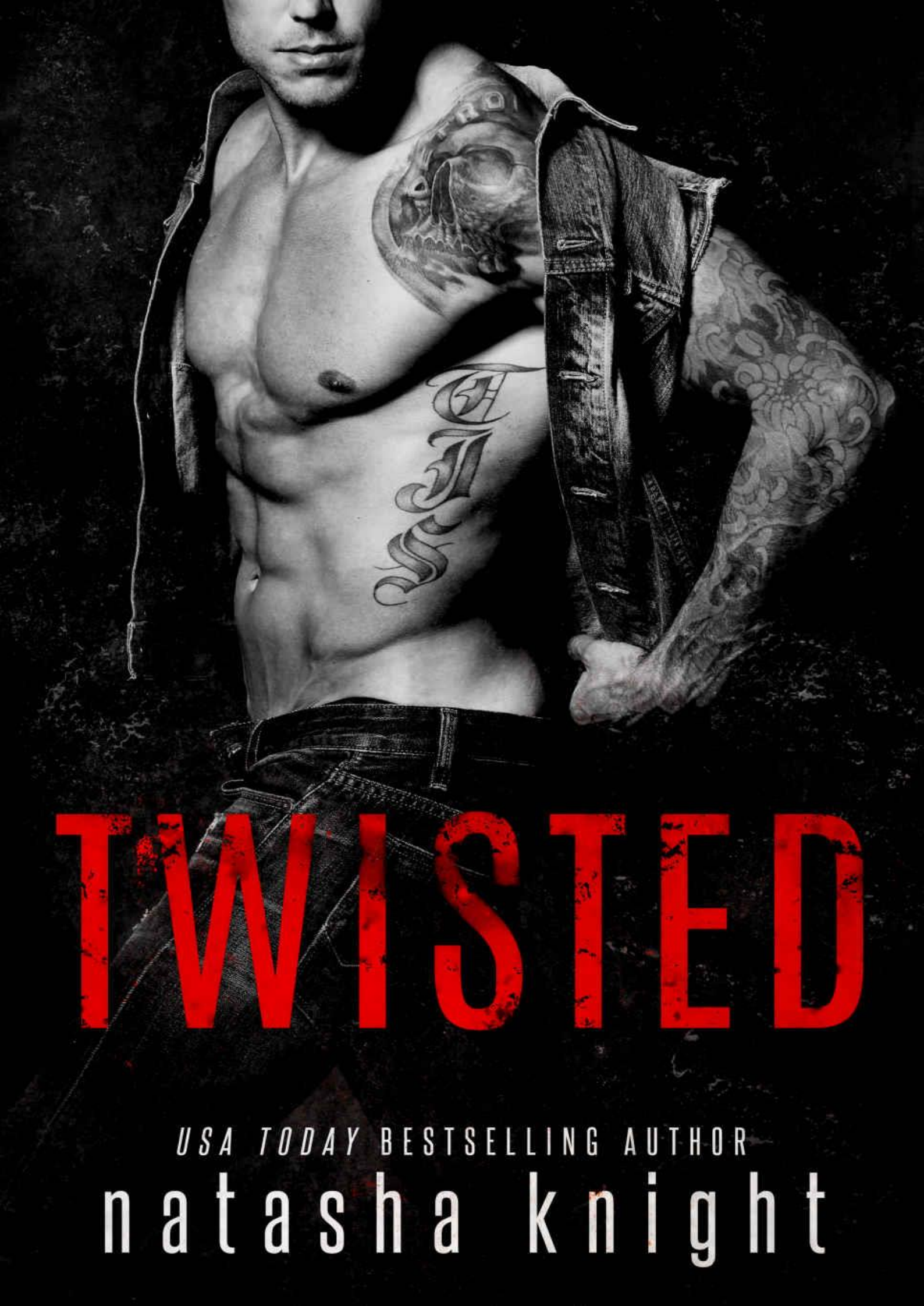
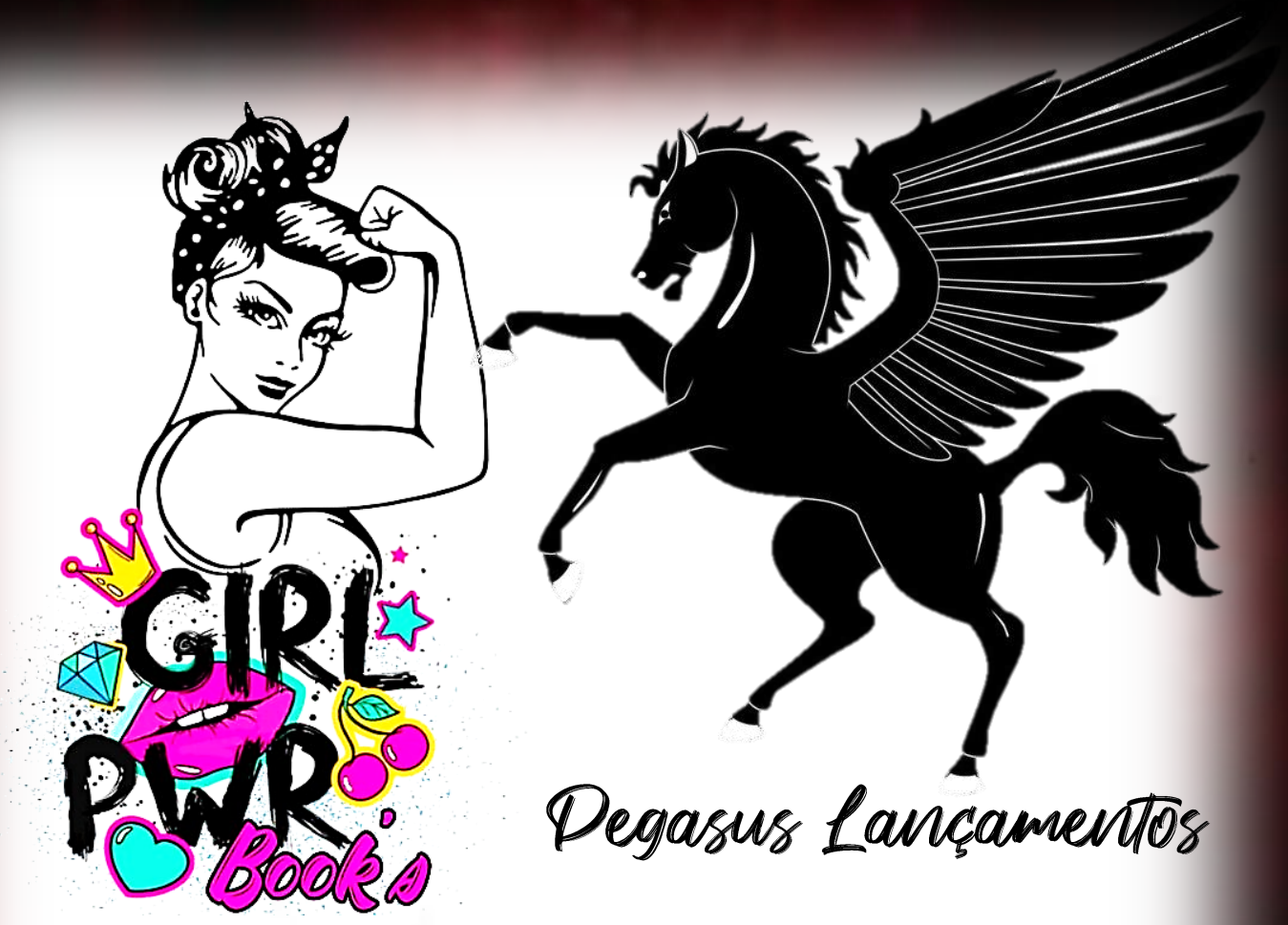

TWISTED
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
natasha knight



Pegasus Lançamentos

PARCERIA

Tradução	Equipe As Calientes
Revisão	Equipe Pegasus MC & Gostosoes
Leitura Final & Conferência	Wonder Woman
Formatação	Meghan Williams
Disponibilização	Girl Power E Pegasus Lancamentos

2020

TWISTED

TWISTED

Natasha Knight

Meu irmão estava certo. Eu sempre quis a minha própria menina Willow.

O que aconteceu naquela ilha não me quebrou.

Aquilo me abalou.

Me corrompeu.

Me fez um monstro.

Embora, eu ache que seja verdade o que ela diz. Você não pode se tornar algo que não esteja dentro de você o tempo todo.

Isso sempre aconteceria.

Eu sempre ia levar Amélia Willow.

História e destino selaram seu caminho. Selaram os nossos caminhos.

Por meses, eu estive esperando.

Assistindo.

Preparando.

E esta noite tudo vai mudar.

Porque hoje à noite eu vou pegar minha própria menina Willow.

Nota do autor: Twisted é um spin-off autônomo do Dark Legacy Duet. Nenhum penhasco! Meu irmão estava certo. Eu sempre quis a minha própria menina Willow.

TWISTED

PRÓLOGO

Amélia

Ele diz que aquilo o abalou.

Fez dele o monstro que ele se tornou.

Mas você não pode se tornar algo que não esteja dentro de você o tempo todo.

Uma lágrima cai em meu caderno de esboços no meu colo, a gota manchando o desenho. Eu a limpo com a ponta do meu dedo e vejo que a mancha escorreu para a borda da página.

Não consigo parar de desenhar aquela noite.

A noite em que os irmãos Scafoni rodeavam nossa casa e éramos obrigados a usar aquelas roupas apodrecendo, nojentas e forçadas a ficar naquele antigo cômodo enquanto Sebastian Scafoni, filho da mãe, nos olhava como se fôssemos gado.

Não consigo parar de desenhar o olhar na cara dele quando viu Helena.

Mesmo se ela não estivesse amarrada como estava, ela teria se destacado.

Ela sempre se achava o patinho feio, mas sempre foi a mais bonita de todas. Ela é especial. Sempre foi. Diferente de nós. E muito mais forte.

Porcaria.

Eu deslizo o dorso da mão pelo meu nariz e ouço o som de lágrimas cairem gordas e pesadas para a página e desta vez quando eu coloco minha mão sobre o esboço, é para secar o molhado de forma

que talvez eu possa limpar de alguma maneira aquela noite. Esfreguei pela página. Tentando apagar da história como se nunca tivesse acontecido.

—Oh, olhe, veja o que você fez. — diz ele. Sua voz é profunda e baixa, e eu juro que posso senti-lo tanto quanto ouvi-lo.

Ele pega a minha mão com a sua luva e a puxa para afastar.

—O arruinei.

Eu olho para ele. Finalmente conseguindo olhar para ele.

—Eu te odeio.

Ele sorri. Encolhe um ombro, seu aperto fica infinitamente mais forte.

Eu olho para a palma da minha mão preta do lápis e olho para baixo para a página na minha frente.

Ele tem razão. Está arruinado.

Mas não interessa. Tenho dúzias como este.

Centenas.

Milhares.

Não consigo parar de desenhar aquela noite.

Não pude parar isso.

Não pude impedir os bastardos de Scafoni de entrar em nossas vidas, acabando com tudo. Entrando em nossa casa como reis, como se eles possuíssem o lugar.

Embora, eu ache que eles possuiam.

Eles possuíam tudo. A nossa casa. Nossa terra. Os nossos pais.

A minha irmã.

Eu.

Eu me forço a encarar os olhos escuros de Gregory Scafoni com suas estranhas manchas azul-turquesa e me pergunto como eu pude pensar que ele era um anjo.

Meu anjo.

Meu Salvador.

Quando tudo o que ele é, é o diabo.

CAPÍTULO 1

Gregory

Tenho andado a vigiá-la há semanas.

Seguindo nas sombras. Sempre perto.

À espreita, como um fantasma.

E é uma coisa boa para ela, porque eu não sou o único monstro nestas ruas. Ela parece atraí-los como abelhas para o mel.

Doce, doce mel.

Ela sente minha presença. Eu sei disso.

Vejo na forma como ela olha por cima do ombro quando ela sai para a rua. A maneira como ela examina cada cômodo que ela entra.

Mesmo dentro do apartamento emprestado, ela sabe que não está sozinha.

Não é seguro.

Não foi difícil encontrá-la. Para organizar tudo para ela.

E esta noite, depois de todos os preparativos, toda a espera, eu vou colher a minha própria menina Willow.

Eu escolho um assento no canto mais escuro do bar, olho para o telefone, para o sinal de que ela está à caminho, verifico o meu relógio.

Mas ela vai estar aqui. Ela não tem escolha.

O barman aparece com a minha bebida. Ele me dá um aceno de reconhecimento sem confiança. Eu me tornei o cliente mais regular do século nas últimas semanas. É um dos últimos que ainda permite

fumar. Eu gosto de um cigarro de vez em quando, embora eu odeie o cheiro persistente, obsoleto e a névoa constante de fumaça. Não sei o que é que a arrastou para este lugar.

Ou talvez eu saiba.

É tão oposto a quem ela era.

Ou quem eu achava que ela era.

Pergunto-me se a noite da colheita a quebrou ou se ela estava quebrada o tempo todo.

Eu verifico meu telefone novamente. Ainda assim, nenhuma mensagem. Eu envio uma mensagem para Matteo.

Nada?

Nada.

Eu engulo minha bebida. Sinalizo por outra.

A porta se abre e então, eu juro que cada vez que ela entra em uma sala, algo muda. Como se houvesse uma carga de energia, um fio, vivo e perigoso, a eletricidade de estacionamento.

É quase palpável, essa transformação.

E eu sei em um instante que ela passou despercebida por Matteo.

O barman faz um drink duplo e sorri.

Ela vai para o seu lugar habitual enquanto ele prepara uma bebida na frente dela.

Vejo que está quieta daqui. Vejo-a segurar a mão, sinalizar o número três.

O barman levanta uma sobracelha e ela coloca seu cabelo atrás de sua orelha e acena. As pontas dos dedos dela estão pretas. Ela deve

ter feito isso sozinha.

Um momento depois, três copos de shot estão alinhados e tequila derramada. A garrafa mais cara que ele tem.

Eu sorrio.

Nos meses em que ela esteve fora de casa, ela mudou. A dócil e mansa boneca Barbie desapareceu. Ela já foi assim? A escuridão dentro dela, está do lado de fora também agora. Ela cuidou disso esta noite.

Ela bebe o primeiro tiro, empurra um para o barman. Ele gosta dela, eu posso ver. Ele é provavelmente o único cara neste lugar que não olha para ela como se quizesse comê-la viva. Embora ele tenha cerca de 80 anos de idade.

Eles batem os dois copos de shot restantes juntos e os pousam de volta no balcão. Novamente, ela aperta os olhos fechados enquanto ela engole a bebida. O velho a observa com a ternura de um pai, e eu acho que ela acabou de pedir outra rodada, porque ele está hesitante.

Mas ela insiste, e sempre consegue o seu desejo.

É como acontece com mulheres bonitas.

Os homens caem de joelhos para adorá-las.

O pensamento faz a minha mandíbula apertar.

Eu fiz isso, não foi?

Ajoelhei-me.

Eu a adorava.

O uísque tem gosto amargo quando eu o engoli.

Ela pega alguns dos guardanapos do bar e o lápis que o barman já colocou na frente dela. Ela nunca parece lembrar de trazê-lo. Eu sei

que ela tem lápis melhores. Cadernos de desenho cheios da imagem onde ela vai desenhar esta noite.

Mais uma vez, e novamente, o mesmo.

Diabos, ela é tão obcecada quanto eu.

Ela começa, quase distraidamente bebericando um dos shots. Ela esfrega o olho direito com o dorso da sua mão. Verifica o relógio dela.

Eu sei o que ela está esperando.

Quem ela está esperando.

E é hora de eu fazer minha jogada.

Eu escorrego do meu banco e me aproximo dela. Seu lápis pausa, e novamente, ela empurra o cabelo preto atrás de sua orelha, e eu vejo como ela desloca apenas o seu olhar, olhando para mim a partir do canto de seu olho.

O velho vê também porque ele está de repente mais perto, limpando um copo, os olhos estreitaram em mim.

Ele é protetor com ela.

Estou contente.

Ele tem sido meu aliado nas últimas semanas e nem sequer sabe. Porque também sou protetor. Eu tenho afastado os monstros de perto dela. Não sou o único predador da cidade.

Seu lápis está se movendo novamente, mas suas costas ficaram rígidas.

Eu tomo o assento ao seu lado, viro meu corpo em direção à ela. Eu coloquei a minha bota e o resto do pé no seu banquinho e inclinei-me para o guardanapo e então eu inalo, o cheiro de tintura do cabelo dela.

—Acho que a senhora prefere ficar sozinha, — diz o barman.

Não me incomodo em olhar para o velhote. Em vez disso, encontro os espetaculares olhos azuis de Amélia Willow e, nesse instante, sei que ela sabe quem eu sou.

Eu sei que ela não tem uma única dúvida.

—Eu gosto do que você fez com o seu cabelo, — eu digo, empurrando o mesmo, presos desobedientes atrás de sua orelha, sentindo seu estremecer quando minha mão enluvada toca a pele lisa de sua bochecha.

Meu olhar cai para sua boca, lábios brilhantes, carnudos, que se separaram surpresos. Acho que gostaria de beijar esses lábios.

Afundar meus dentes neles.

Eu olho para a gargantilha em volta do pescoço dela. Um pedaço simples de fita preta para combinar com seu cabelo escuro recém tingido. A gola de sua camisa é larga. Eu empurro-a sobre o ombro, vejo ela deslizar novamente revelando a alça vermelha do sutiã.

Quando eu coloquei dois dedos sobre o pulso dela, eu sinto o rápido tambor de seu coração.

—Agora olhe aqui, — o barman começa.

Eu encontro os olhos dela de novo, sorrindo.

Ela ainda está me observando, seus olhos ainda arregalados. Posso ouvi-la respirar. É uma respiração rasa e trêmula.

—Eu disse que a senhora prefere estar sozinha, — diz o velho homem novamente.

—Você prefere ficar sozinha, Amélia? — Eu pergunto a ela, nunca tirando meus olhos dela, deslizando meus dedos sobre seu delicado colar de osso para o buraco logo abaixo de sua garganta.

Ela tenta falar, mas tem que limpar a garganta para tirar as palavras.

—Está tudo bem, Bobby, — diz ela, com um ligeiro tremor em sua voz macia. Ela nunca tira os olhos de mim. —Eu o conheço.

CAPÍTULO 2

Amélia

Eu sabia que alguém estava me seguindo há semanas.

Sem olhar para longe, eu amasso o guardanapo, para deixá-lo no bar.

Tudo mudará esta noite.

É o que eu quero, não é? Porque estou aqui.

Seus dedos na minha garganta, eles estão enluvados, mas eu juro que posso sentir o calor deles em mim. Ele está deslizando-os de volta sobre minha clavícula, seu toque suave, e eu sei o que ele está fazendo. Ele está me deixando saber que ele pode sentir o quão rápido o meu coração está batendo.

—Tem certeza, Amy? — Bobby pergunta. —Eu vou pedir-lhe para sair-

—Não. — Eu digo para o barman. Ele é doce, ele tem sido super doce comigo. —Está tudo bem. Sério.

—Sim, Bobby, está tudo bem, — diz Gregory Scafoni.

Eu sei que é Gregory e não Ethan. Não tenho dúvidas.

Talvez seja a mão enluvada. Lena disse que ele aleijou a mão. Mas ela não me contou mais. Ela nunca me disse mais.

Eu olho para ele. Ele é tão bonito como eu me lembrava. Porque os monstros são sempre tão lindos.

—Não seja rude com ele, — Eu digo a Gregory, minhas palavras

independentes de meus pensamentos.

Gregory sorri, pega um dos copos de shot, o que eu estive bebendo, e empurra o outro em direção a mim com o fundo do seu copo.

Eu pego.

Ele bate o seu no meu e engole o conteúdo.

Eu faço o mesmo, já um pouco embiagrada dos dois anteriores, mas precisando da sensação de queimação. O efeito entorpecedor da bebida.

Ele põe seu copo vazio no balcão, pega um punhado de amendoins velhos e joga-os em sua boca. Eu o vejo mastigar enquanto ele me observa.

Seus dedos alisam uma madeixa do meu novo cabelo, mais curto e mais escuro. Eu cortei esta noite. Peguei as tesouras da cozinha e cortei quase dez centímetros, por isso agora cai apenas em ima dos meus ombros. Uma espécie de metamorfose. O começo de uma.

Tenho certeza que é desigual, mas não me importo.

A cor também, ainda há manchas de preto em minhas temporas, na ponta dos dedos, nas toalhas de banho arruinadas.

Ir de loiro para preto é uma grande mudança.

Mas agora também sou diferente. Duramente assim.

Ou talvez eu nunca tenha sido quem eu deveria ser.

—Combina com você, — diz ele, encontrando meus olhos novamente. —Melhor que loira.

—Você não me conhece. Como você pode saber o que me convém?

Ele sorri.

—Era você? — Eu pergunto.

—Era o quê eu?

—Me seguindo?

Ele assume. —Você deve ficar grata. Você atrai os tipos menos desejáveis.

—Como você?

Seu sorriso se alarga, transforma-se em uma gargalhada.

Eu bufo alto, mudo meu olhar para os copos vazios. Eu olho para Bobby, mas ele balança a cabeça a dizer não. Ele está encostado na parte de trás do bar, braços dobrados em seu peito. Pela primeira vez desde que o conheço, percebo que tão velho como ele é, ele provavelmente pode lidar com a maioria dos homens aqui.

E ele não gosta deste.

Volto para Gregory.

Ele digita algo em seu telefone e o coloca em seu bolso e eu percebo que ele só está vestindo a luva em uma mão, não nas duas. Acho estranho.

Mas esta noite não é a noite para isto. Para ele. Esta noite, eu pago a generosidade da mulher em cujo apartamento eu estive escondida.

Generosidade. Eu dispenso a palavra.

Eu sou uma estúpida.

A porta se abre e eu me viro para ver se ela veio me pegar, mas não é ela. É um homem e ele está vestido com um terno escuro, e fica apenas do lado de dentro da porta, as mãos dobradas juntas e eu

tenho certeza que eu já o vi antes.

—Eu preciso de outra bebida, — eu digo a Gregory.

Ele se vira para Bobby e quando o velho não vai nos pegar mais tequila, Gregory se inclina sobre o bar para pegar a garrafa e serve um para cada um.

Vejo o punho das mãos de Bobby, mas ele também viu o homem na porta.

Quando eu pego o copo, minha própria mão está tremendo tanto que alguns dos salpicos de tequila param no balcão antes que eu possa levá-la para os meus lábios para engolir.

—Você não é o que eu pensei, — diz ele.

—O que você achou?

—Uma bela chatice.

Silêncio. Não tenho nada a dizer.

—O que você quer? — Finalmente perguntei.

—Um monte de coisas. Tudo.

—O que você quer comigo?

Ele sorri. —Um monte de coisas. Tudo.

A porta se abre então e desta vez, é ela, a mulher que eu estava esperando. Charlie está com ela e quando eles me vêem, suas bocas caem abertas.

É a primeira vez em dias que o sorriso na minha cara é real porque quero que eles se fodam.

Depois de um momento, a mulher estreita os olhos e Charlie me dá um olhar triste. Eu não vou aceitar. Ele me entregou. Ele fingiu ser

meu amigo e me traiu.

—Seus amigos? — Gregory pergunta.

Eu me viro para ele, olho para o seu perfil, no corte afiado de sua mandíbula, a sombra escura ao longo dele, uma barba de alguns dias.

O homem na porta enfia uma mão dentro de sua jaqueta, mas Gregory dá um aceno de sua cabeça e ele baixa seu braço para o seu lado.

—Não amigos, não, — eu digo, deslizando do meu banquinho de bar para ficar de pé quando eles se aproximam.

Gregory levanta também, e eu olho para ele e acho que tenho errado nos esboços. Suas características, essas são exatas, mas a escuridão que se agarra a ele, eu não capturei.

Estava muito ocupada fazendo Sebastian Scafoni um demônio.

Charlie e Madame Liona param alguns metros de nós.

—O que aconteceu com o seu cabelo? — ela pergunta.

—Eu o tingi.

—Eu vejo isso. Por que diabos você fez isso?

—Quem diabos é você? — Gregory pergunta.

Ambos se viraram para ele.

Eu coloquei minha mão no antebraço dele. Eu quero impedi-lo, mas por um momento, tudo o que posso fazer é sentir o aço dele, de sua força. Absorvo a estranha energia rolando nele e em mim.

Ele não desloca o olhar. Ele está me defendendo? Defendendo-me deles? Ele não é meu aliado, nem meu amigo, nem remotamente do meu lado.

Madame Liona vira-se para enfrentá-lo.

—Eu sou a mulher que é dona da sua namorada.

Gregory anda em direção a ela, e pela primeira vez desde que eu a conheci, ela se encolhe e se afasta.

—Eu preciso chamar a polícia? — Bobby pergunta atrás do bar.

—Não, Bobby, está tudo bem. Nós estamos partindo, —Eu digo, sem olhar para trás.

—Amy, — ele chama.

Eu me viro para ele. Eu tento sorrir, mas sinto as lágrimas que me recuso a derramar. —Está muito bem. Eu ficarei bem.

Vou embora?

Charlie verifica o relógio. Sussurra algo na orelha de Madame Liona.

—Você não possui nada, — diz Gregory como se toda a conversa com Bobby não tivesse acontecido de todo. —Seu nome.

Ela hesita, outra primeira vez, e eu olho para Gregory, suas costas. Como ele é grande. Quão assustador eu sei que ele pode ser.

—Sou Madame Liona.

Ele acena, recua para trás, ajusta suas abotoaduras. —Qual é a dívida dela, Madame Liona? — ele pergunta casualmente, nem mesmo olhando para ela.

—Não é da sua conta, — diz ela. —Não há necessidade de um cavaleiro brilhante, embora você não pareça como um de qualquer maneira. Ela foi comprada e paga. — Ela se vira para mim. —Vamos discutir o cabelo, — diz ela, segurando meu braço, para me arrastar para longe.

No instante que ela faz, a mão de Gregory aperta seu pulso e eu vejo em seu rosto que dói.

—A coisa é, ela não esteve nunca à venda, — diz ele.

Mais uma vez, Madame Liona está nervosa.

Gregory força e puxa a mão dela de mim, mas mantém a pressão dele, torcendo o braço um pouco quando ele fica entre nós, quase protegendo-me dela.

—Mas eu sou um homem de negócios. Diga-me as condições exatas da transação.

—Não é negociável

—Os termos.

Quando ela não responde de imediato, ele torce um pouco mais forte.

—Virgens são difíceis de se encontrar. Especialmente aquelas que se parecem com ela. Meu cliente comprou as três virgindades.

Sinto um rubor exuberante subir no meu pescoço. Não me atrevo a olhar para Bobby, só espero que ele não tenha ouvido.

Gregory não olha para mim. Ele já sabe disso. Eu não estava marcada, só Helena estava.

Deus, que humilhação.

—Quanto ele pagou? — ele pergunta casualmente, como se esta conversa fosse a mais comum das transações.

Ela diz o número, uma quantia ridícula de dinheiro.

—Embora, ele esteja esperando uma loira.

—Bem, isso é muito ruim para ele, não é? — Ele libera o pulso

com um empurrão que a coloca alguns passos mais longe de mim.

O homem à porta avança agora.

Gregory se vira para Charlie. —E você é?

O olhar de Charlie cai sobre mim, depois volta para Gregory e quando ele vai para trás, ele corre para a direita para o outro homem que é duas vezes mais alto e uma centena de vezes mais ameaçador. Charlie solta um grito decididamente feminino.

Atrás de mim, ouço ele engatilhar o que sei que é uma espingarda.

—Isso é o suficiente, — diz Bobby. —Amy, vem cá. Atrás do bar comigo. O resto de vocês lixo deem o fora daqui antes de eu colocar um buraco em um de vocês.

Gregory se vira para ele, com a expressão exata de que ter uma espingarda apontada para ele é a coisa mais normal.

—Nobre de você, — diz ele. Ele alcança, toca o nariz da espingarda com a ponta de um dedo enluvado e inclina-o para Madame Liona. —Aponte para ela.

—Maldito bastardo. — Bobby diz, mas o homem de Gregory pega o revólver que agora está segurando. Tenho a sensação de que ele é muito mais experiente com ela do que Bobby com a espingarda.

—Agora escutem o que vai acontecer, — diz Gregory. —Eu vou dobrar o que aquele idiota pagou pela garota. Vão entrar no carro e desaparecer, nunca mais vão chegar perto dela. Está claro?

—O quê? — Eu pergunto.

Gregory se vira para mim, sua expressão fria. Ele levanta as sobrancelhas.

—Eu não...

Eu juro que ele vira os olhos então. —Eu posso ser um demônio, mas eu sou o diabo que você conhece, querida.

Eu engoli.

Ele sorri e se vira para a mulher.

—O dobro? — Seus olhos gananciosos se alargam, ela já está fazendo as contas.

—Matteo, — diz Gregory.

O homem com a arma avança. —Coloque-a no carro. Espere com ela. Ele se vira para mim. —Ela tem o hábito de desaparecer.

Sem uma palavra, o homem tem a mão enrolada em torno do meu braço e está me puxando para longe.

—Espere!

Todos focam em mim.

—Eu não concordo.

—Eu não estava perguntando se você concorda. Mas se você preferir ser fodida por um estranho esta noite... — Ele se arrasta. Ele se vira para Liona. —Quantos anos ele tem?

—Uh... anos sessenta.

Gregory muda seu olhar de volta para mim. —Você prefere ter que chupar um fodido de 60 anos de idade gordo?

Sinto o sangue drenar da minha cara.

—Eu não achei que sim.

Ele faz gestos para o Matteo que retoma a caminhada.

—Mas... — Estamos fora antes que eu complete a frase e um

momento depois, eu estou no banco de trás de um SUV com janelas matizadas e o homem, Matteo, está de pé junto das portas trancadas.

Meu casaco ainda está lá dentro. Minha bolsa também. Que é onde meu telefone está.

Mas quem eu chamaria? A polícia? Helena?

Nem cinco minutos depois, Gregory sai carregando meu casaco e bolsa. Ele abre a porta e sobe para o banco de trás comigo. Matteo pega o assento do condutor e liga o motor.

—Aperte o cinto de segurança. — Gregory e remexe minha bolsa.

—O quê?

Ele olha para mim. —Aperte o cinto de segurança. É a lei. — Ele me dá um sorriso que me diz que ele poderia passar por cima de qualquer lei.

Mas quando eu não me movo para fazer o que ele pediu, sussura algo em sua respiração e alcança a fivela do cinto antes de retomar a sua busca dentro da minha bolsa.

—O que você está fazendo? Isso é meu.

Ele tira o meu celular, abre a parte de trás e remove a bateria antes de colocar ambos em seu bolso.

—Agora é meu, — diz ele. —Assim como você.

Ele encontra as minhas chaves e leva-as também.

Nós paramos do lado de fora do hotel onde é meu apartamento, apartamento Madame Liona.

—Fique aqui, Matteo. Voltaremos logo. — Ele se vira para mim. — Precisamos pegar suas coisas. Você não voltará aqui.

—Eu não entendo o que acabou de acontecer, — eu digo quando

ele abre a porta para sair.

Ele suspira, como se talvez estivesse falando com alguém que não raciocina, e fechou a porta. —Você devia o dinheiro da sua boceta e eu paguei. Em troca, eu comprei o que você já vendeu. O que é decepcionante ouvir. Eu pensei que você teria mais respeito por seu corpo, Amélia.

Sei que ele está rindo de mim. Posso ver na cara dele.

—Vai se lixar.

Ele sorri o suficiente para mostrar os seus dentes brancos perfeitos.

—Eu vou foder você, — diz ele. —Esse é o ponto desta transação.

—Não pode ser feito do jeito antiquado? — Não sei por que pergunto.

Ele chega mais perto, o sorriso desaparecendo, substituído por algo mais escuro, mais predatório, mais premeditado. Ele agarra um punhado de cabelo na parte de trás da minha cabeça e puxa, fazendo-me chorar.

Eu bato minhas mãos contra o peito dele para empurrá-lo, sinto músculo duro lá. Eu não sou páreo para a sua força sólida.

—Aprenda isso agora, Amélia Willow. Eu sou o dono. E eu não vou deixar você ir até que eu tiver tudo de você.

Ele torce os dedos no meu cabelo.

—Madame, ou qualquer que seja o nome dela estava certa sobre uma coisa. Eu não sou um cavaleiro brilhante. Não sou seu amigo. Eu não fiz isso por bondade do meu coração. Você e eu, isto ia acontecer de qualquer forma. Destino e toda essa besteira. Ele inclina sua cabeça para o lado. —E você sabe o quê? Eu não acho que você vai lutar contra mim.

—Eu vou lutar com você.

Ele acena. —Já ouvi essas palavras antes.

Antes que eu possa perguntar o que ele quer dizer, ele puxa minha cabeça para trás duramente e toma tudo o que eu não tenho para gritar com dor.

—Agora seja boa ou eu vou ter que realmente machucá-la.

CAPÍTULO 3

Gregory

Ela não me dá nenhum problema enquanto caminhamos pelo saguão e vou ao elevador. Está vindo, no entanto. Eu posso sentir. Meu palpite é que ela ainda está processando o que acabou de acontecer.

Eu assisto sua reflexão olhando as portas do elevador espelhado, sua pele delicada realçada ainda mais com o cabelo escuro. Esta mudança, só a fez mais marcante.

—Porquê preto? — Eu pergunto.

—O quê? — ela pergunta como se ela estivesse perdida em seus pensamentos.

—Seu cabelo.

Ela balança a cabeça com desdém. —Eu estava cansada de olhar para mim mesma. Cansada de parecer como elas.

—Suas irmãs.

—Você é um gênio, — ela diz com um sorriso quando as portas do elevador abriram.

Eu sorrio, dou um aperto maior em seu braço. —Eu vou deixar essa passar.

Caminhamos pelo corredor até ao apartamento dela, e insiro a chave na fechadura.

—Espere, — ela começa quando eu empurro a porta para abrir. —Como você sabe qual deles é meu?

—Eu já lhe disse. Eu estive observando você por semanas.

Porquê? Eu não sei porquê?

Vamos para dentro, e eu a liberto depois de fechar a porta. Eu enfio minha mão no bolso do meu casaco e puxo o guardanapo que ela tinha deixado no bar. Está amassado, mas é a mesma coisa que ela tem esboçando desde sempre.

—Isto, — eu digo.

Ela reconhece-o, tenta tirá-lo de mim, mas eu puxo-o fora do seu alcance.

—Você os deixa por todo lado.

—Você está a recolhê-los? — pergunta ela.

—Eu não gosto de desperdiçar uma boa arte. Você é muito talentosa.

As rugas de sua testa e seus olhos se estreitam quando ela me estuda.

—É educado dizer obrigado quando alguém lhe faz um elogio.

—Guarde seus elogios. Você não significa nada para mim.

—Eu não acho que isso seja verdade. — Eu verifico o meu relógio. —Você tem dez minutos para recolher o que você precisa.

—O que você quer dizer?

Eu levanto a minha sobrancelha. —Eu quero dizer embalar o que você quer levar.

—Não essa parte.

Eu sabia o que ela queria dizer. É fácil transar com ela porque

acho que sei algo sobre ela.

—Você está tão obcecada com isso como eu estou, Amélia.

Preocupação aprofunda o azul de seus olhos. Eu percebo que há um anel de ouro fino circulando a pupila.

—Obcecado com isso. O legado Willow. Talvez você até encontre algo romântico nisso.

Ela rosna. —Não há nada de romântico sobre o que seu irmão fez. Como ele fez isso.

—Não? — Eu fico à frente dela em seu quarto.

Ela segue de perto mas, atrás.

Eu vou diretamente para a mesa onde caderno atrás de caderno estão empilhados com todos os esboços. Abro um, passo o polegar pelas páginas, faço o mesmo com outro, depois outro.

—Você esteve aqui dentro?

—Agora você está entendendo.

—Como?

Dinheiro. O dinheiro compra tudo. — Eu viro minha cabeça para o lado. —Mesmo você. Também comprou a sua irmã. Ou você esqueceu como facilmente as meninas Willow foram compradas e vendidas?

Ela cai para a borda da cama e eu não tenho certeza se é a sua nova cor de cabelo fazendo parecer mais pálida ou o que eu disse.

—O tempo é um tique-taque, Amélia. — Eu fecho os livros. —Vou esperar na outra sala.

—Não estou obcecada, — diz ela quando estou na porta.

Eu paro, viro.

—Eu só não entendo. Eu não entendo como me sinto, — diz ela como se eu podesse ter a resposta.

—Como você quer?

Ela segura o olhar com o meu e o que eu vejo dentro de seus olhos, eu sei que estou certo.

—Eu não quero, — ela nega.

Eu levanto as sobrancelhas. Não estou interessado em desperdiçar meu tempo com essa conversa. Eu toco na tela do meu relógio e saio da sala para sentar-me em uma das cadeiras enquanto eu espero por ela. Eu verifico dentro do meu bolso o que eu precisarei quando ela me der o problema que eu estou esperando e estudo a arte no guardanapo.

Este é um pouco diferente do que a maioria dos outros. Neste, ela me imaginou, não Sebastian. Está incompleto, não sei qual menina Willow está no cômodo perante mim, mas posso adivinhar.

E isso torna tudo muito mais interessante.

Poucos minutos depois, ela sai do quarto com uma mochila no ombro e um saco de lona na outra mão. Quando eu me movo para tirar a mochila dela, ela a mantém afastada.

Ela pára no cofre e soca seu código para desbloqueá-lo. De dentro, ela recupera o passaporte.

—Eu vou levar isso, — eu digo, tirando-o antes que ela possa argumentar. Eu coloco no meu bolso. —Vamos lá. —

—Onde?

—Casa. —

Ela parece confusa com isso e pára, vira para mim. —Isso é de

verdade? — pergunta ela. —Quero dizer, o que você fez, o que você... Comprou... Não é legal nem nada. Eu não tenho que ir com você.

—Não, você não tem. Mas eu posso te fazer ir. Se é parte de sua fantasia, quero dizer, ser tomada pela força

O quê? Não! Deus. —

Estou rindo. —Só estou me divertindo com você. Eu tenho uma pergunta, no entanto. Meu sorriso desapareceu. —Você vai me dar algum problema?

Ela vira para trás, mais perto da porta.

—Quer saber se vou sair daqui com você? Entrar na parte de trás do SUV e deixar você me sequestrar?

—Sim, exatamente isso.

—Você pode apostar que eu não vou, babaca! — Ela bate a mochila em mim, e o que diabos está nela, pedras?

Eu empurro-a para longe, ataco quando ela pega na maçaneta, uma mão apertando sobre sua garganta, fixando-a contra a porta. Sou facilmente mais rápido que ela, mais forte que ela, e é melhor que isto tenha acontecido aqui do que no lobby.

Mas o que eu não estou esperando é uma maldita faca na minha garganta.

—Deixe-me ir seu doente!

Ela põe a ponta no meu pescoço, furando a pele.

Mas no instante em que ela vê sangue manchar a borda da faca, ela congela, seus olhos se alargando em pânico. Ela está com medo demais e é a fração de segundo que preciso.

—Solte, — eu digo, apertando a garganta dela, fechando a outra mão ao redor da mão em que está a faca e torcendo-a para trás até

que solte um grito e a faca caia no chão de madeira falsa.

—Uma maldita faca de bife?

—Meu... braço.

—Onde diabos você a conseguiu? Você dorme com uma faca embaixo do travesseiro?

Ela faz um som gorgolejante e seu rosto fica rosa.

Eu solto a garganta dela. Não quero matá-la. Mas no instante em que eu faço isso, ela está me agarrando com a mão livre e quando eu percebo, ela bate o joelho em minhas bolas.

—Foda-se!

Eu dobro e no instante em que eu a deixo ir, ela tenta a porta novamente, mas eu a bloqueei e quando ela tenta abrir, ela trava no gancho.

Eu me inclino contra ela, a derrubo no chão, minhas bolas em fogo. Eu coloco meu peso em cima dela enquanto a onda de dor insuportável passa e eu recapturo seus pulsos.

—Isso foi um erro, Amélia, — Eu digo através de dentes cerrados.

Dói muito.

Ela tenta libertar as pernas, provavelmente para chutar minhas bolas novamente, mas isso não vai acontecer. De jeito nenhum.

—Eu sabia que aconteceria isso, — eu digo, enfiando a mão em meu bolso para tirar uma seringa. — Mas não se preocupe, estou preparado.

Ela para de lutar quando a vê, seus olhos crescendo ainda mais. —O que é isso? — ela pergunta, reiniciando seu esforço, tentando se libertar de mim.

Mas eu a peguei.

E não vou deixá-la ir.

Eu puxei a tampa com os meus dentes e a cuspi de lado. — Relaxante muscular, — eu digo com um sorriso. —Uma espécie disso.

—Não, não!

—Você vai ter uma dor de cabeça assassina amanhã, mas você procurou isso.

Eu levanto meu tronco, e a mantenho presa entre as minhas coxas e empurro o ar para fora da agulha.

—Não, não, não. Por favor, não! Por favor. Eu irei com você. Eu vou!

—Tarde demais, querida. — Usando o meu braço, eu viro o rosto para o lado mais lindo, aquele do cabelo mais curto. —Agora fique quieta.

—Por favor!

Mas é tarde demais para ela. Eu empurro a agulha em sua pele e vejo-a espremer os olhos fechados enquanto eu esvazio o conteúdo da seringa nela.

Ela faz um som, e quando eu me sento e a deixo ir, ela rola a cabeça para olhar para mim.

—Da próxima vez seja mais esperta, — eu digo.

Ela pisca, lutando contra a droga e tenta bater em mim uma vez, duas vezes, mas seu braço apenas bate no chão.

Eu pego a mão dela e fico de pé, ignorando a dor, puxando seu corpo mole para cima comigo. Eu a iço sobre meu ombro e pego meu telefone tirando-o do meu bolso para chamar Matteo.

—Mudança de planos. Encontre-me na entrada de serviço.

Ele ri. Acho que ambos sabíamos como iria acabar.

—Esteja lá em um minuto, — diz ele.

Eu abro o fecho da mochila dela e olho dentro. Os cadernos. Ela não fugiria sem eles. Torno a fechar, eu pego-a e coloco sobre o meu ombro livre, deixo a mochila onde está e dou-lhe um tapa na bunda antes de sair mancando pela porta com tanta dignidade quanto eu posso reunir.

Eu não posso pegar a porra do elevador com ela desmaiada por cima do meu ombro assim, então eu encontro as escadas e desço quatorze andares.

Quatorze malditos andares.

Bem, tecnicamente, treze, eu acho.

Talvez haja alguma verdade para o treze dar azar. Deu para ela.

A saída está livre eu chego lá fora, onde eu passo por dois dos funcionários da cozinha fumando. Matteo abre a porta traseira do carro e eu dou um sorriso aos homens.

—Nunca sabe quando parar, — eu digo a eles, sugerindo que ela desmaiou bêbada.

Eles parecem confusos sobre o que fazer, mas eu não me importo. Tenho-a deitada no banco traseiro do SUV e nos afastamos antes que possam pensar.

CAPÍTULO 4

Amélia

Eu vi um filme uma vez onde uns gangsters tinham a cabeça de um cara em algum tipo de dispositivo de vício, e o cara estava gritando enquanto eles mantinham as mandíbulas apertadas, quebrando seu crânio, literalmente espremendo seus miolos fora de seus ouvidos. Foi nojento, e eu não pude olhar para longe.

É assim que sinto minha cabeça.

—Bom dia, querida.

Meus ouvidos estão lentos para absorver as palavras, para colocar o homem a que pertencem.

Para recordar.

Estamos nos movendo. Eu posso sentir a vibração de estar em algum tipo de veículo.

Meu rosto está descansando contra algo frio, mas quando eu tento levantar a cabeça, eu acho que vai explodir.

Eu gemo.

Ele ri e minha cabeça salta contra a coisa fria e dura. O vidro.

—Acorde, acorde. Você está perdendo a melhor parte.

Eu abro uma pálpebra de cada vez porque é como se estivessem coladas. Eu levanto meus braços, e eles parecem pesados, como peso morto, mas eu esfrego meus olhos, e quando eu os abro, eu vejo o brilho laranja profundo de um nascer do sol através de árvores densas.

O carro bate num buraco, me jogando para o homem sentado ao meu lado.

Eu suspiro, saltando fora de seu corpo duro, e eu me viro para ele e foda-se, é real. A noite passada. Madame Liona. Charlie. Ele.

Gregory Scafoni.

É tudo real.

—O que você me deu?

Ele passa uma mão enluvado sobre o canto da minha boca, e eu acho que estava babando.

—Relaxante múscular. Eu disse a você.

Um carro passa em frente de nós em uma estrada que parece muito estreita para dois carros. É mais baixo que o nosso. Estamos em um SUV. Um SUV diferente do de ontem à noite, no entanto.

E a marca do carro que passa, também é diferente.

Um retângulo estreito, longo e azul e branco com um *I* e um círculo de estrelas do ouro. Pânico me fez pressionar meu nariz para o vidro para ver o carro desaparecendo, tentando ver a placa porque não é americana.

—Onde estamos?

Ele ri. —Relaxa. Cristo. Você está tão tensa.

Eu me viro para ele e uma onda de náusea me fez cobrir minha boca.

Merda. Pare o carro, —ele ordena, fazemos uma parada repentina e mal eu saio antes de vomitar ao longo do acostamento.

Eu estou dobrada. Ele está me segurando pela cintura e uma mão está em meu cabelo, ou a maior parte dele, e nós estamos em pé

em cerca de um palmo de neve.

—Onde estamos? — Eu pergunto novamente, mas outra onda me atinge e eu vomito novamente. —O que você fez comigo?

Depois de alguns minutos, eu endireitei, passando o dorso da mão sobre a minha boca, provando a bile.

O motorista chega perto, coloca nas mãos de Gregory algum tipo de trapo que Gregory usa para limpar meu rosto.

—Acabou? — ele pergunta.

Como se eu pudesse controlar.

—Pegue um pouco de água, — diz ele.

O condutor vai ao carro, tira uma garrafa de água e abre.

—Enxague, — diz Gregory, entregando-a para mim.

Eu faço porque minha boca tem um gosto nojento, mas a água não vai tirar esse gosto.

Sinto outra onda, mas não sobrou nada. E quando ele me coloca de volta no carro, eu não luto. Não tenho forças para isso. Eu apenas deixo-o me amarrar e me sentar lá, sentindo-me nojenta e fria, porque meus pés e jeans estão molhados da neve e minha cabeça pulsa e eu não posso tirar o gosto de vômito da minha boca.

—Minha cabeça dói.

—Aprenda a lição.

Estou a ofuscá-lo. —Espero que suas bolas doam tanto como a minha cabeça.

—Aí está ela, — diz ele com uma risada quando retomamos na estrada.

—Onde estamos?

—Cerca de 45 minutos fora de Roma.

—Roma?

Ele acena afirmativamente.

Eu olho para fora novamente, leio um sinal de trânsito desconhecido, um círculo vermelho com o número 80 no meio. Um limite de velocidade?

—Roma? Eu pergunto de novo.

—Estes são os arredores. Não estamos em Roma propriamente dita.

—Como?

Eu estava desmaiada. Teríamos que ter tomado um vôo. Os oficiais de imigração o teriam impedido. Alguém o teria impedido.

—Lembra-se do que te disse ontem à noite? Sobre o dinheiro comprar tudo? — Como ontem à noite, ele olha para mim como se eu fosse lenta.

—As pessoas teriam visto.

—Avião privado. Ninguém viu, ninguém que importe.

—Você me sequestrou.

—Você não me deixou escolha quando tentou apunhalar-me e bateu o joelho em minhas bolas.

Eu olho para o pescoço dele, na minúscula picada de um lugar onde eu lhe furei a pele. Eu sou uma covarde.

—Da próxima vez eu vou usar direito a faca, — eu digo.

—Se houver uma próxima vez, você vai pensar que como está se sentindo agora é uma porra de férias para como você vai estar sofrendo quando terminar com você.

Ele não está sorrindo, ou rindo, ou brincando, ou qualquer coisa do tipo.

Ele está me avisando.

E não duvido que ele faça exatamente o que diz.

—Onde você está me levando?

—Para casa. Eu te disse ontem à noite. Espero que você não seja sempre tão esquecida.

—Você me drogou, seu cretino.

—Você não me deixou escolha. Gastei muito dinheiro com você ontem à noite.

Eu procuro no meu cerebro, lembrando os detalhes.

Deus, eu teria ido em frente com isso se ele não estivesse lá? Eu teria ido mesmo com a Madame Liona? Fazer sexo com um estranho?

Não, não consigo pensar nisso.

—Você ainda não me agradeceu por salvá-la de qualquer pervertido que tinha comprado sua *virgindade*. Cristo. Que palavra.

—Por que você fez isso?

—Por que eu fiz isso?

Eu aceno.

—Porque eu sou um homem egoísta. Eu quero você para mim. Mais uma vez, ele está mortiferamente sério, mas diferente. Não

ameaçando com violência. Outra coisa.

Algo sombrio, mas também solitário.

Como se houvesse algo vazio nele.

Sinto um frio repentino e dói meu estômago. Não é como se eu fosse vomitar de novo, no entanto. Mais parecido com a forma como me sentia depois da colheita.

É a coisa mais estranha. Não consigo imaginar porquê.

Tudo o que sei é que está errado.

O carro diminui, eu ouço o clique do pisca alerta quando fazemos uma curva fechada e começamos a subir, uma estrada irregular, não pavimentada, muito estreita para permitir qualquer erro no julgamento.

Gregory desloca o olhar para o pára-brisa dianteiro, e eu faço o mesmo.

É inverno, então as árvores estão nuas. A neve cobre a terra e adere-se a tudo criando quase cartão postal como o Wonderland do inverno. O nascer do sol laranja profundo sendo uma maneira de limpar o céu azul e eu sei que está totalmente silencioso lá fora. Como se você pudesse ouvir o bater das asas de um pássaro.

Eu olho para Gregory Scafoni. Os pelos ao longo de sua mandíbula é mais espesso.

—Há quanto tempo estou fora?

Ele muda o olhar para mim. — Uma noite.

Vira-se outra vez e me estuda.

Eu pisco, olhando para fora.

—Eu gosto do seu cabelo assim.

Volto para ele. —Porque eu pareço com ela?

Não sei por que pergunto. Isso é parte dessa estranheza. Esse querer. Desejo.

Seus olhos são estreitos e é como se ele estivesse me lendo, como se estivesse entendendo algo.

Eu volto minha atenção para a cena nevada lá fora, passo uma mão através de meus olhos molhados esperando que ele não perceba.

Há algo seriamente errado comigo.

O SUV abranda à medida que nos aproximamos dos enferrujados portões abertos ao longo da parede de pedra antiga de uma enorme propriedade.

Tudo em torno de mim é branco, uma quantidade grande, pesada da neve e árvores densas, um jardim coberto que conduz a um caminho sinuoso e a uma casa que eu posso somente ver o telhado por muito tempo. Uma casa enorme, uma propriedade, antiga e quase em ruína com as paredes de pedra no perímetro e no portão velho.

E tudo o que posso pensar é como é bonito.

Que assombração.

Como algo esquecido no tempo.

Duas das quatro chaminés fumam, e onde a neve não se agarra, eu vejo as paredes coloridas de terracota associadas com todas as coisas italianas. Há três andares e no sotão, as janelas estão fechadas com madeira nas molduras ornamentadas, quase parecem árabes.

Uma grande varanda abrange o segundo andar. A neve drapeia os ramos enormes, torcidos que se tecem através dos trilhos do ferro feito. Lá, as persianas de madeira estão abertas, as janelas parecem

olhos observando a nossa chegada.

E parece assim. Como se a casa nos observasse chegar.

Nós alcançamos uma fonte enorme que eu posso quase imaginar o fluxo de água na primavera e no verão, exceto que ela está desmoronando. Mas é quase mais bonita na decadência.

O motorista faz a curva em torno dela para parar na frente da casa.

Degraus de pedra largos, três deles, levam até ao alpendre, que é tão grande como a varanda acima. Está seco embaixo, a neve não penetrou aqui, e eu posso ver a cor bonita da parede, como a do nascer do sol esta manhã.

Há um fogo queimando na grande lareira ao ar livre e quando a porta se abre, uma mulher mais velha caminha para fora limpando as mãos em seu avental e eu sorrio porque por um momento, por um único momento, fugaz, eu esqueço onde estou, quem eu sou e como cheguei aqui.

Esqueci-me que sou uma prisioneira.

Uma menina Willow para o lindo, bastardo e cruel Scafoni ao meu lado.

Tudo que é preciso é a porta do SUV se abrir e a mão de Gregory está como um vício no meu braço puxando-me pelo banco para fora do veículo para me lembrar, no entanto. Ele me pega quando eu tropeço, mas ele não está olhando para mim.

Os olhos dele estão trancados na casa e os meus estão presos nele.

Casa.

Ele disse que estávamos indo para casa.

Eu arrepio quando uma rajada de vento gelado envia neve até as

pernas ainda molhadas do meu jeans, eu me abraço e Gregory finalmente se vira para mim.

—Bem-vinda a Villa de Rossi, Amélia Willow. Espero que você vá ser muito infeliz aqui.

CAPÍTULO 5

Gregory

Eu ando com a Amélia em direção à entrada da frente. Ela não está lutando, mas isso é provavelmente uma combinação de sentir-se fraco da droga e da impossibilidade de sua nova situação.

No começo, quando decidi que a queria, achei que teria que fazê-la me querer. E eu ainda acho, até certo ponto, mas há outra coisa também. Uma parte dela é atraída por isso.

Para o legado das meninas Willow.

Para mim.

Não quer dizer que ela não lute, mas não quer dizer que não queira.

Ela caminha na minha frente pelas escadas. O cabelo dela precisa ser consertado. Ela deve ter pego uma tesoura e cortado em linha reta através das costas. Cortado a maior parte. Eu vou os manter escuro por agora. E não porque a faz parecer com a Helena. Não faz.

Elas compartilham semelhanças em características, não na cor, obviamente, mas a virada para cima de seu nariz, o conjunto arrogante de suas maçãs do rosto, o quase perfeito perfil de boneca. Alguns maneirismos também, especialmente a maneira teimosa que elas projetam seus queixos para fora, quando elas não gostam de algo.

Matteo vai falar com a mãe, Irina. Ele a cumprimenta com um beijo em sua bochecha. É estranho vê-lo quando está com ela. Ele é do dobro do tamanho e meu braço direito. Confio nele a minha vida. Mas com Irina, ele é um garotinho de novo.

—Irina, — eu digo.

Matteo dá uns passos de lado e Irina sorri de volta para mim, dizendo algo em italiano, olhando-me mais, perguntando se eu tenho comido bem o suficiente. Já se passaram várias semanas desde que a vi.

Beijo-lhe a bochecha e deixo-a abraçar-me. Lucinda, minha própria mãe, nunca me abraçou assim. Irina é mais uma mãe para mim do que Lucinda alguma vez foi.

Mas Lucinda carece de calor. Não sobrou espaço para isso com todo o ódio e agitação dentro dela.

—Esta é Amélia, — Eu digo a Irina em italiano.

A mulher mais velha sorri calorosamente, olha para ela também, diz algo sobre nos alimentar corretamente.

—Amélia, esta é Irina, a mãe de Matteo. — Eu percebo que eu nunca realmente apresentei Matteo.

—Prazer em conhecê-la, — diz ela. Ela esfrega os braços se aquecendo.

—Vá para dentro, — Eu digo a ela.

Ela hesita, olhando para trás pelo caminho que viemos.

Eu vou em direção a ela, esfrego os braços, os aperto para fazê-la olhar para mim. —Você pode congelar aqui ou ir para dentro onde está quente. Sua escolha. Eu realmente não me importo. Mas essas são suas únicas escolhas.

Ela resmunga algo, mas segue Irina.

Eu demoro um momento para andar até o pórtico, para ficar diante da grande lareira de pedra para aquecer minha mão, aquela não foi queimada enquanto eu observo o trabalho feito enquanto eu

estive fora.

A casa tem mais do que um século de idade e esteve vazia na maioria desses anos. Eu estou restaurando-a sua grandeza original, mas só comecei o projeto um ano atrás, embora eu a possua por mais. O tempo ruim atrasou a remodelação.

Na verdade, sou o segundo dono. Após as circunstâncias da família original deixar Villa de Rossi, o banco não poderia vende-la. Havia rumores de ser assombrada pela familia Rossi, mãe e filha.

Mas não me incomoda. Fantasmas não me assustam. Vivi com eles toda a minha vida.

Além disso, esta é a minha casa agora.

A minha casa.

Não é deles.

A casa na ilha, nunca senti como minha qualquer uma das nossas propriedades. Ou como lar. A forma como a lei de Scafoni é escrita, embora cada um herde uma certa quantia uma vez que chegue à maioridade, o primeiro nascido, ou, como é o caso agora, o filho mais velho vivo, é mestre da propriedade de Scafoni.

Eu bufo.

É uma maldita loteria.

Além disso, não sou tecnicamente o primeiro nascido. Timothy era. Era. Talvez Sebastian tenha enrolado o cordão em volta do pescoço de Timothy enquanto ainda estavam no útero. Talvez ele fosse um maldito assassino antes mesmo de ter nascido.

Eu sacudo essa ideia.

Eu tenho o meu dinheiro. Nada disso importa agora.

Depois do que aconteceu na ilha, eu coloquei um advogado para

elaborar a papelada exigindo a minha parte. Exigindo que eu fosse livre de Sebastian. Ameaçando que eu voltaria para a ilha para reivindicar a sua preciosa menina Willow, porque no final, ela não está marcada. Ela ainda é um jogo justo.

Diabos, talvez seja por isso que fiz isso, porque tirei sua marca de ferro. Não para salvá-la, mas para manter as minhas opções abertas.

Sebastian mal podia esperar para se livrar de mim. Me fez assinar um contra acordo que nunca mais teria contato com Helena antes de concordar com meus termos.

Pergunto-me se Helena sabe disso.

Ou se foi ela quem pediu.

Há um pensamento irritante que o que estou fazendo agora, é por causa dela.

Eu peguei Amélia para machucar Helena?

Ou, de alguma forma, em alguma ideia ridícula da minha mente destorcida, eu fiz isso para estar perto dela?

Eu rango os dentes e puxo a luva de couro para me fazer lembrar. Eu olho para a pele marcada da minha mão. A textura desigual, a nova tão clara.

A marca dele.

Dela apesar de ser eu que a salvei do ferro. Não ele.

E ela ainda o escolheu.

Recuso-me a descer esta estrada outra vez. Eu me recuso.

Que se lixe Helena.

Que se lixem os dois.

Eu seguro minha mão perto do fogo e sinto a dor excruciante novamente. Sinto o abrasador calor do ferro quando eu fechei minha mão em volta e agarrei-o apertado, a dor como nada que eu experimentei antes ou depois.

O médico disse que não devia sentir nada. Que os nervos estão mortos.

Mas eu sinto.

Eu sinto como se estivesse acontecendo de novo agora, tanto quanto eu quero puxar minha mão para longe, eu me obrigo a mantê-la no calor, até que expulse pensamentos dela, daquela noite, da ilha, daqueles meses.

Foda-se Helena e foda-se Sebastian.

Isto não tem nada a ver com nenhum deles.

Nada!

A porta se abre e o Matteo limpa a garganta.

Eu viro as costas para ele, deslizo minha luva de volta.

O sol está alto, e um quadrado de neve desliza do telhado, caindo pesado e apenas alguns metros de mim. Como se tivesse sido empurrado. Como um fantasma empurrou-o para me lembrar que estou aqui. Que eu possa afastar meu pensamento longe porque o passado está terminado.

Porque eu tenho o que sempre quis. Minha própria menina Willow.

Eu entro, um sorriso apertado na minha cara. Estou cansado. Foi uma longa noite e não dormi nada.

Amélia está em pé no hall de entrada, na frente da lareira que é do tamanho de um homem e aquece as mãos. Ela está olhando para o teto de afrescos. Ainda não foi totalmente restaurado, mas as cores

brilhantes originais das flores, o jardim acima é impressionante. Há mais como ele em toda a casa. Sempre jardins. Sempre flores brilhantes em plena floração.

Estranho o que é preservado e o que decai.

—Algumas partes da casa ainda estão em remodelação— eu digo. —Você precisa ter cuidado para não ir para essas áreas.

—Quantos anos tem?

—Mais de cem anos.

—Uau.

Irina diz algo sobre comida. Digo-lhe para dar tempo para nos refrescarmos e levar a mochila da Amélia.

—Venha comigo.

Ela segue-me através da sala de estar grande com a sua lareira correspondente, lugares na mesa da sala de jantar já definidos para o almoço.

—As escadas não são acabadas, obviamente, então apenas tenha cuidado.

As escadas de pedra estão em muito boa forma, mas o corrimão estava deteriorado e será necessário substituir, por isso há apenas um espaço vazio onde eles deveriam estar. As paredes estão forradas em um azul profundo, texturizado. Amélia corre seus dedos por ele enquanto ela me segue até ás escadas.

—Este lugar, foi esquecido pelo tempo, — diz ela quando chegarmos ao hall do segundo andar.

—As pessoas dizem que é assombrada. — Eu ando para o último conjunto de portas duplas em uma extremidade do corredor.

—E está?

Eu encolho um ombro, abro as portas e aponto para ela entrar.

Ela para assim que entra.

O quarto é lindo. Eu projetei-o, eu mesmo. Com quatro janelas enormes de vidro, chumbadas, pesadas, do teto ao assoalho, cortinas cor carvão e uma cama feita de encomenda no centro com um criado mudo em cada lado. É enorme e moderna e velha de uma só vez com a sua ampla base de madeira. Há uma pequena mesa e duas cadeiras contra a parede oposta, mas de no mais, o quarto está nu.

E é óbvio que não é um quarto de hóspedes.

Eu entro, fecho a porta e coloco a mochila dela na cama.

—O banheiro é por ali, — eu digo, apontando. —Você deve encontrar tudo que precisa.

Ela caminha em direção a ele, observa o livro na mesa de cabeceira, o casaco pendurado sobre a parte de trás de uma cadeira.

A porta do banheiro fecha, e eu ouço o som do trinco e faço uma rápida varredura mental de todas as coisas lá dentro com que ela pode tentar me atacar. Então eu penso em procurá-la e esse pensamento me faz sorrir.

Ela volta para o quarto dez minutos depois parecendo revigorada. Lavou o rosto e escovou os dentes. O cabelo dela está puxado em um rabo de cavalo.

—De quem é este quarto? — ela finalmente pergunta.

—Meu.

—Mas você tem produtos de higiene para mim?

Eu aceno.

—Há quanto tempo você estava planejando isso?

—Um tempo.

—Eu não vou dormir na sua cama.

Eu sorrio, sigo em direção a ela.

Ela deixa cair seus braços, que estavam dobrados em seu peito, para os lados. Eu sei que é preciso toda sua força para ficar onde ela está e não correr quando eu estou de pé perto dela.

—Minha cama é exatamente onde você vai dormir.

—Não. — Mas a voz dela sai fraca.

Eu coloquei um dedo no meio de seu peito, a empurrando para a parede, fixo-a nela.

Ela coloca as mãos no meu peito para manter um pouco de distância entre nós e tem que levantar seu pescoço para olhar para mim e tudo que eu posso pensar é como ela é pequena. Indefesa.

E minha.

—Eu não vou... — sua voz quebra e ela tem que limpar sua garganta. —Eu não vou dormir com você.

Eu olho para ela, a camisola grande de mais pendurada no ombro novamente, mais baixa também, expondo um pouco de um peito. Eu deixo os nós dos meus dedos passarem por lá, ouço-a segurar a respiração enquanto seu peito ondula. Eu volto meu olhar para o dela.

—Você vai. E você vai querer. Você vai querer mais do que você gostaria de admitir.

—Deixe-me ir.

—Você não quer que eu deixe você ir.

Ela se empurra contra mim. É um bocado forte.

—Eu vejo isso em seus olhos, Amélia. Vejo como suas pupilas dilatam. Vejo como seus lábios abrem e sua língua bonita sai para fora para lambê-los. Preparando-os para mim.

—Eu não estou... Eles não estão

—Eu até aposto que se eu tocar dentro de sua calcinha... — Eu desço essa trilha e deslizo uma mão para baixo sobre sua barriga, desfaço o botão superior de seu jeans.

Ela aperta as duas mãos sobre a minha, unhas escavando na pele.

Eu dou-lhe um sorriso, empurro meus dedos apenas dentro de suas calças de brim, apenas no cós de sua calcinha, mal fazendo cócegas lá.

Ela faz um som, tenta puxar no meu pulso.

Um minuto inteiro passa antes de eu retirar a minha mão e me afastar, liberando-a. Eu tiro o meu suéter pela cabeça, ouvindo-a suspiro.

—Você vai puxar mais facas? — Eu pergunto.

A boca dela está aberta. Os olhos dela grudam no meu peito. E imagino que seja surpreendente, o que ela vê.

Eu vou até ela, toco o queixo com um dedo para subir seu rosto para mim.

—O gato comeu sua língua?

—Você... ... — seus olhos escorregam para os pelos cobrindo muito do meu peito.

—Eu preciso de um banho e eu estou com fome. Você vai puxar

mais facas?

Ela arrasta os olhos para cima e balança a cabeça quase de forma distraidamente.

—Porquê? — ela pergunta. Ela não quer falar sobre a faca.

Um peso vem sobre mim, com a falta de dormir, da viagem, da ilha e os últimos meses... Tudo está finalmente cobrando seu pedágio. Como agora estou em casa, tudo cairá ao meu redor.

Eu a estudo, reviro os olhos, querendo me ver através deles.

Querendo ver o que ela vê.

—Porque é a noite que mudou tudo.

CAPÍTULO 6

Amélia

É a noite que mudou tudo. Não só para Helena e Sebastian, mas para ele e para mim. É a noite que nos trouxe até aqui.

Eu fico lá estupidamente muda ouvindo a porta do banheiro fechar. Ao som do chuveiro ligando.

Ele parecia derrotado. Cansado. Como quando perguntei porquê, ele estava tão cansado.

Eu atravesso a sala até minha mochila e tiro meus cadernos. Sento-me na beira da cama — a sua cama. Olhando através dos cadernos, eu acho o caderno que eu estou procurando, porque eu sei exatamente qual deles ele usou. Pelo menos pela a imagem que eu reconheci. Aquele nas costas, eu só tinha visto um flash do caos de tinta lá.

Levará horas para estudar a sua pele.

Dias.

Sento-me olhando para o esboço, traçando-o com a minha ponta do dedo, traçando cada um dos antigos cômodos de madeira, as manchas dos rostos de minhas irmãs.

Vendo-os, os bastardos Scafoni.

O chuveiro é desligado, mas mal o registrei porque estou tentando perceber o que ele fez. E quando a porta se abre, eu olho para ele e ele pausa por um segundo, como se estivesse surpreso de me ver aqui. Para onde eu iria?

Ele tem uma toalha pendurada em torno de seus quadris e seu cabelo está molhado e de pé em torno de sua cabeça e tudo o que

posso fazer é olhar por um longo minuto. Olho o passado no seu corpo, porque é isso.

—Um dos meus cadernos desapareceu. Eu pensei que eu estava louca, — eu digo. Lembro-me de procurar por todo lado. Foi quando parei de tirá-los do apartamento. Comecei a esboçar em guardanapos de bar porque eu não conseguia parar de esboçar. —Foi você? Você pegou?

Ele não me responde, mas não precisa. As provas estão lá. No peito dele.

Eu coloquei o livro de lado e levanto-me, vou até ele.

Ele ainda está com a luva. Será que ele toma banho com ela?

Mas as tatuagens atraem minha atenção para longe da estranheza.

Eu olho mais de perto, chego até tocar a tinta, sentir a pele macia e quente esticada apertada sobre o músculo duro.

Uma faísca de electricidade pura passa através da minha mão e volta com um suspiro.

Eu olho para ele.

Ele sentiu também, eu sei. Vejo na cara dele.

Eu vou andando por ele, mas ele não me deixa. Ele vira comigo, sorrindo para mim.

—Deixe-me ver, — eu digo.

—Não é para você ver.

—Foi o que aconteceu. Naquela ilha. — Eu sei disso.

Ele não responde, mas sua expressão muda, o sorriso

desaparecendo.

Esse peso está de volta.

E eu o estou segurando.

Ele se afasta, para um armário grande. Quando ele retorna um minuto depois, está vestindo uma camisa preta com jeans escuros e está penteando o cabelo com as mãos.

—Você catalogou isso? — Eu pergunto.

—Não faça um grande negócio com isso. É tinta. Apenas tinta.

Não. É mais do que isso. Eu sei disso.

—Não é?

—Eu quero ver.

—Eu te disse, não é para você ver.

Ele vai até à porta, abre, gesticula para eu ir em frente.

—Porquê?

—Porquê o quê?

—Porque você fez isso?

Ele não me responde, mas entra no corredor.

—Eu te fiz uma pergunta. — Eu sigo-o.

Ele para, vira um pouco como se estivesse entediado. Mas então algo mais assume, algo mais escuro.

—Já ouviu a expressão a curiosidade matou o gato? — ele pergunta, empurrando-me para trás, mais uma vez, na parede.

—Eu só quero entender.

Ele escova seus dedos sobre a minha bochecha, levantando o meu cabelo para sussurrar ao meu ouvido: —isso só vai fazer você querer mais, Amélia. — Sua voz é profunda e suas palavras sedutoras e provocandoras de uma só vez.

—Eu não quero isso.

Ele me estudou, como se estivesse me lendo.

—Eu vejo você. Eu vejo o que está dentro de você.

—Você não vê nada. Você não me conhece.

—Não?

Ele põe sua mão grande no meu estômago. Abrange quase todo o mesmo.

Eu não me mexo. Eu mal respiro.

—Você sabe o que *eu* quero, Amélia? — ele pergunta, mergulhando a cabeça mais para baixo para que a barba de sua mandíbula arranhe minha pele. —Eu não quero nada mais do que empurrá-la contra esta parede, arrancar o seu jeans e foder essa sua boceta virgem apertada. Quero sentir você sangrando. Eu quero sentir o calor do sangue virgem manchar todo o meu pau.

Eu faço um som, como um rato, e sua respiração ao meu ouvido faz com que cada cabelo no meu corpo fique em pé e suas palavras, suas palavras aterrorizam-me e excitam-me, e ele está certo. Eu quero isso, de alguma forma distorcida e esquisita, eu quero exatamente isso.

—Você queria ser ela? A menina Willow? — ele provoca.

Ele desliza a mão para baixo, em direção á minha calça jeans que ainda está desabotoada, e eu sinto cada dente do zíper quando ele os arrasta para baixo. Sinto o movimento lento e deliberado de sua mão

escorregando para o cós do meu jeans, minha calcinha.

—Você queria ser aquela que ele escolheu? — Sua mão mergulha mais baixo, dedos encontrando na costura do meu sexo.

—Pare. —

—Aquela que ele fodeu?

A forma como ele diz a palavra, o som quase estalando do *fodeu*, é como se ele podesse provar.

Ele enrola os dedos nas minhas dobras. É a primeira vez que os dedos de alguém, além dos meus lá estão. Me tocam lá.

E não consigo respirar, nem pensar ou lutar.

Hein? É isso? Você gostaria que ele tivesse escolhido você em vez de sua irmã? A arrastasse para aquela ilha? Você gostaria que ele tivesse escolhido *você*?

Eu olho para ele e tudo que eu posso sentir são os dedos em mim e é difícil pensar, respirar, fazer qualquer coisa, além de olhar para ele.

Ele tem um olhar estranho na cara. Seus olhos parecem mais escuros, as manchas azul-turquesa brilhantes em contraste e assim tão intensos nos meus, como se quisesse me queimar olhar, e roubar os pensamentos da minha mente.

—Você queria ser a pequena menina Willow?

—Não. — É fraco e ele ouve.

—Porque você está molhada. — Esta última parte, é um longo e arrastado sussurro, eu sinto mais do que ouço, e aperto meus olhos fechados de vergonha porque ele está certo.

Minhas mãos que deveriam empurrá-lo para longe estão descansando contra seu peito e quando ele empurra um dedo dentro

de mim, eu choramingo, e eu sei que é o que ele quer.

Ele traz sua boca para a minha e me beija, mas ele não mergulha sua língua dentro, ainda não, nem mesmo quando eu abro para ele. Em vez disso, ele puxa para trás, leva meu lábio inferior entre os dentes e morde um pouco, apenas o suficiente para cortar, para desenhar uma única gota de sangue.

Estou agarrado a ele e ele está esfregando meu clitóris e sei bem que o som que eu ouço, é meu.

Eu não deveria querer isso.

Eu não o deveria querer.

Mas então essas carícias ficam duras, dor e prazer alternando, dor dominando, com os dedos dentro de mim, ele me coloca na ponta dos pés.

—Você sabe o que eu acho?

Eu não digo uma palavra. Não posso.

—Eu acho que você quer ser fodida, — diz ele, um pouco mais de raiva nas suas palavras. Mais violência.

Eu engulo e sacudo a cabeça. Mas ele só torce os dedos dentro de mim.

—Pare, — eu tento.

—Eu acho que você está morrendo por ser fodida, na verdade.

—Você está me machucando.

—Você gosta de ser ferida? Sua irmã gostava.

Meu olhar voa para ele. —Pare com isso!

—Apenas uma pergunta. Você está morrendo de vontade de ser

fodida por mim ou qualquer bastardo Scafoni serve?

Eu empurro-o, finalmente.

—Pare!

Ele não se mexe, mas desloca o seu aperto para que esteja esfregando meu clitóris novamente e desta vez, o som que eu faço é um gemido e é de dentro de mim e eu o odeio. Eu odeio. Eu o odeio.

—Qual é? — ele pergunta.

Ele não está tão afetado quanto eu diante dos seus olhos? Enquanto ele tão facilmente me puxa para além das costuras?

Porque esses meses na Filadélfia, é como se eu soubesse que era ele. Como eu sabia o tempo todo que era ele me seguindo. Como um sexto sentido.

Como se isso fosse acontecer sempre.

Eu deixo minhas mãos deslizarem mais baixo, sobre o peito esculpido e abdominais duros e então eu sinto-o e ele não está afetado.

Não, não está afetado.

Eu embrulho minha mão em torno da vara de aço que está seu pau ameaçando rasgar seu jeans e eu lambo meus lábios e ele ainda está esfregando meu clitóris e eu estou tão perto, e quando ele fecha a outra mão em torno da parte de trás do meu pescoço e me puxa para ele, eu deixo minha cabeça cair, deixo minha testa descansar contra seu peito, estou ofegante e os sons que estou fazendo, eles são estranhos para mim.

Eu deveria lutar com ele.

Eu quero lutar com ele.

Mas quando tento afastar-me, ele desloca o seu aperto para o

meu cabelo e obriga-me a olhar para ele e ele sorri.

—É isso que você quer?

Sou patética.

Nem consigo encontrar a porra da minha voz.

Seus olhos estreitam e ele ri, mas não há alegria no som. Ele tira a mão, traz para o meu rosto, limpando os dedos na minha bochecha, minha boca, deixando um rastro de humidade.

Meus joelhos falham e eu estou no chão e ele desce comigo e, com a mesma mão, puxa minha cabeça para o peito.

É só quando meu rosto está enterrado ali, me solto. Que eu choro. Eu soluço silenciosamente nele, minhas mãos planas contra ele, ombros fixos, querendo empurrá-lo afastado, sabendo que eu deveria. Foda-se. Eu deveria.

Mas o que ele disse, é a verdade.

Ele sabe disso. Eu sei disso.

Está errado.

Estou enganada.

Perversa.

A distorcida.

Mas ele tem razão. E talvez seja uma vergonha me confortar ali, contra a força calorosa do peito do meu inimigo, o meu rosto escondido nele.

Minha vergonha escondida de mim.

Pelo menos momentaneamente.

Ele puxa para trás, e é como se alguém tivesse afastado o cobertor e de repente está tão frio.

—Cuide-se, não se apaixone por mim, menina Willow.

Eu ouço as palavras dele.

Sinto-as.

Minha cabeça está curvada, a pedra debaixo dos meus joelhos é lisa, gelada e eu aperto meus olhos fechados como se talvez eu pudesse desaparecer. Como se se eu não pudesse vê-lo, então ele não poderia me ver.

Acho que ele vai dizer alguma coisa. Humilhar-me ainda mais. Chutar-me, talvez. Chutar-me enquanto estou no chão.

Mas então ele se mexe. Se vira e sai, desce as escadas e eu o vejo ir, nem sequer olhar para trás. Nem o mais breve olhar.

Ele não pode nem mesmo ficar olhando para mim?

CAPÍTULO 7

Gregory

—Ela não come a menos que coma comigo.

—Eu posso fazer um sanduíche— Irina começa, já segurando um prato em suas mãos.

Eu olho para cima da minha mesa. Já se passaram horas desde aquele episódio. Amélia não foi para baixo e Irina, uma típica mãe italiana, quer alimentá-la. E por mais que eu aprecie a preocupação dela, ela fará o que eu disser na minha casa.

Não cometerei o erro que meu irmão fez.

Não vou mimar a minha menina Willow.

O Matteo anda atrás dela. Ele lança um olhar para mim, leva-a suavemente, balança a cabeça dizendo que não, enquanto ele a leva embora.

Eu me levanto, pego a garrafa de uísque. É cedo, mas foda-se. Não durmo há vinte e quatro horas e estou cansado.

Não me incomodo com um copo, eu pego a garrafa e saio para o corredor, viro e desço para a biblioteca, para onde a casa é mais escura, ainda à espera de ser remodelada. É mais frio aqui também, mas é porque tudo ainda está desligado. Sem calor.

Na biblioteca, eu caminho sobre os escombros usando a luz colorida que está filtrando a partir da janela de vidro manchado. Círculos de neve voam e eu olho para cima para ver o buraco no vidro. Eu acho que não fui lá na última vez que estive aqui, mas talvez não tenha prestado atenção.

Eu fico por um minuto assistindo aquele branco, o redemoinho,

como poeira, com o vento soprando lá dentro.

Esta sala é estranha. Não perco meu tempo pensando em fantasmas. Eu não ligo se a casa é assombrada. Mas eu admito, o sentimento neste quarto em particular, é diferente.

Tomo uma bebida da minha garrafa e passo sobre materiais de construção e poeira fazendo meu caminho para a parte de trás da sala enganosamente grande, para uma porta que parece mais velha do que a própria casa. Uma porta de madeira pesada, escura e sólida.

Eu tiro a minha chave, antiga, mas que também não quero mudar. Eu destranco, empurro-a para abrir, uso meu telefone para iluminar o caminho. Não há eletricidade aqui em baixo.

Há uma queda imediata na temperatura, uma humidade que cheira a mofo, como o quarto debaixo do mausoléu na ilha.

Eu encontro conforto nele.

Faz sentido, eu acho. Para alguém tão frio como eu, podre por dentro, um lugar como este, é sua casa.

Eu sigo nos degraus de pedra para as catacumbas. De acordo com os mapas, eles vão por quilômetros. Supostamente você pode acessar a aldeia através deles, mas eu ainda não os explorei de perto.

Há apenas um quarto que eu gostaria de ir.

Ilumino o túnel escuro. A água escorre em algum lugar à distância, o som ecoando pelas paredes. Algo foge enquanto eu dou um passo, olhando para os quartos onde passo, cavernas vazias, realmente, este usado para armazenar vinho, outra comida, o outro eu não sei. Todos não utilizados agora. Vazios.

O corredor divide-se em dois aqui. Eu viro à direita, e na próxima divisão, novamente à direita. É como um labirinto.

No final deste túnel está o quarto que procuro. É o único com

uma porta. Eu olho dentro através da janela pequena, barrada e abro, cuidadosamente empurro o batente da porta em seu furo na terra para que não feche. Não há como abrir a porta por dentro. Me faz pensar para o quê eles a usaram.

Pego em meu bolso meu isqueiro e acendo as velas ao longo das pedras junto das paredes que eu uso como prateleiras. Eu desligo a lanterna do meu telefone e guardo-o. Depois de caminhar ao redor da sala para iluminar cada vela, eu me sento na borda da cama estreita.

Fui eu que peguei o caderno dela. Foi um dos primeiros.

E aqui estão eles, todos os desenhos, preto e branco, os cantos ondulando da humidade aqui embaixo, alguns muito molhados da parede onde estão presos. Sento-me, bebo meu uísque e olho para eles, aquela noite esboçado de todos os ângulos.

Engraçado como algumas mentes funcionam.

Esses esboços, são como perscrutando a cabeça dela. Um vislumbre onde eu não sou permitido.

Foi assim que vi aquela noite, na noite da colheita. Como ela viu a cena onde foi forçada a fazer parte, que durou meros minutos e que mudou tudo.

E eu olhando para estes desenhos, parece que estou a espiando.

Ela memorizou todos os detalhes. Até os nossos rostos. Apesar de não estarem bem. Ethan é um borrão. Sebastian se parece com Satanás. Eu, eu pareço eu, mas ela está perdendo alguma coisa.

Eu engoli um pouco mais de uísque, me levanto. Vou á um dos esboços, pego carvão vegetal da prateleira abaixo. Eu conserto os detalhes de nossos rostos. Adiciono sombra aos cantos da biblioteca. Porque é aí que os fantasmas dos mortos das meninas Willow se escondem em sua casa.

O foco dela naquela noite, teria sido no meu irmão.

Sobre ele e Helena.

Estou surpreso com o detalhe do meu rosto.

Eu olho para o esboço onde Sebastian levantou o vestido de Helena. Eu adicionei cor a esse. É um dos únicos dois com cor em qualquer um desses esboços. Uma mancha de vermelho. A marca. Pergunto-me se foi isso que atraiu o meu irmão.

Mas eu teria escolhido Helena também. Ela foi a única que se destacou.

Talvez os pais dela tenham feito isso de propósito. Vinculá-la como eles fizeram. Engasgando com ela. Talvez fosse para salvaguardar as suas filhas douradas e desistindo da que eles menos adoravam.

Não.

Não sei se a amavam menos que as outras.

Eu não sei se eles adoraram qualquer uma delas de todo. Porque se eles amassem, como eles poderiam tê-las colocado naqueles cômodos?

Eu sento embaixo e borro o rótulo da garrafa de uísque com carvão vegetal quando eu o pego. O líquido queima o caminho pela minha garganta. Eu esfrego meus olhos. Estou cansado. Eu deveria dormir.

O que aconteceu lá em cima, no final, eu não esperava isso. Aquele silêncio, soluços desesperados.

E mesmo que eu ache que a entendo, pelo menos de alguma forma, essa parte me confundiu.

Eu sei que o que eu disse é certo. Inferno, ela confirmou com

apenas o olhar em seu rosto. Com a reação do seu corpo.

Eu trago meus dedos para o meu nariz. O cheiro está mais fraco mas perdura e eu inalo profundamente, achando difícil de engolir.

Ela é diferente do que pensei.

No tempo que eu a estive observando, ela tinha sido diferente do que eu esperava.

Achei que estava lidando com o conhecimento de que seus pais a traíram. Traiu todas as irmãs, na verdade. A mãe dela, que sobreviveu a uma colheita, que sabia o que o legado das meninas Willow fez à própria irmã, ainda pôs as filhas lá.

Eu podia ver como isso ia foder com ela.

Mas quando entrei no apartamento dela e encontrei os esboços, vi algo diferente. Senti.

Desejo.

É o que não consigo tirar da cabeça.

É o que sinto quando vejo esses esboços.

É o que me atrai a ela.

Me liga a ela.

E os soluços. Ela encostou em mim. Quase se refugiando em mim.

A mim.

Eu bebo uma longa golada de uísque, estudo as fotos que me cercam, e tudo que eu posso pensar é que ela está fodida.

Tão fodida como eu.

CAPÍTULO 8

Amélia

Quando acordo, é para aquele brilho laranja vindo das janelas que olho. Não fechei as cortinas.

Eu olho para o outro lado da cama, mas está vazia. E não foi usada. A porta do banheiro está aberta, e a luz está apagada. O mesmo com o armário. Estou sozinha.

Depois que ele me deixou nas escadas, eu me tranquei no banheiro por um tempo. Pensei que ele voltaria. Honestamente, eu não tinha certeza se eu queria que ele voltasse ou não.

Eu tomei um banho, coloquei minhas roupas de volta porque a única coisa que eu tenho na minha mochila são os livros de esboço. Acho que ele não trouxe a mochila. Mas eu acho que ele tinha as mãos cheias comigo e minha mochila depois que ele me apagou.

Minha dor de cabeça aliviou, embora não tenha ido completamente e estou com tanta fome, meu estômago dói. Eu me levanto, me sentindo pegajosa. Dormir em uma camiseta e jeans não era a coisa mais inteligente, mas a alternativa era a minha calcinha e desde que eu estou dormindo em sua cama, eu não vou fazer isso.

Vou até a janela, ver o amanhecer. É lindo. Eu nunca tive tempo para assisti-lo antes. Deve estar congelando porque a neve ainda reveste cada canto onde o sol nascente atinge, cristais de gelo brilham como diamantes.

No banheiro, lavo meu rosto, escovo os dentes e o cabelo. Meu reflexo ainda me surpreende, o escuro tão diferente da loira que estou acostumada. Se eu tivesse mais tempo, teria ido a um cabeleireiro e feito corretamente. Bem, se eu tivesse tempo e dinheiro. O último é

como eu entrei nessa bagunça com Charlie e Madame Liona.

Conheci o Charlie alguns dias depois de chegar a Filadélfia. Ele apresentou-se a mim e entregou-me um cartão de visita para a sua agência de modelagem. Ele me disse que eu tinha o olhar que eles estavam procurando e como a tola que sou, eu acreditei e fui enganada.

Eu nunca tive nenhum trabalho de modelagem, mas Charlie me disse que ele iria me alojar no apartamento, que pertencia a um amigo e que eu poderia pagá-lo de volta quando eu fosse paga. Ele me comprou roupas. Um telefone. Deu-me algum dinheiro.

Falando no golpe perfeito.

Sem mencionar a tola perfeita.

É clichê, realmente. Uma menina jovem e ingênua do Midwest chega à cidade grande por conta própria e imediatamente é vítima de um vigarista.

Mas Gregory me salvou ou eu pulei na frigideira e no fogo?

Eu penso no que ele disse. Eu queria ser a menina Willow? Queria que Sebastian me escolhesse?

Estas são as perguntas que eu tenho evitado definitivamente por meses. E ele viu em questão de horas. Ele leu-me como um livro.

Quando eu volto para o quarto, ouço uma batida tranquila na porta. Eu sei instantaneamente que não é Gregory, porque tenho certeza que ele nunca iria bater e se o fizesse, não seria tão suave.

Eu vou e abro.

A mulher que conheci ontem está de pé lá fora. Ela está segurando uma bandeja com café e fatias de pão fumegante com manteiga, geléia e um prato de queijos.

—Você não comeu, — diz ela com um sorriso caloroso,

preocupado. O sotaque dela é bonito.

Minha boca enche de água com o aroma de café e pão assado recentemente.

Eu olho atrás dela, quase esperando por ele.

—Ele se foi, — diz ela. Ela gesticula como se perguntando se ela pode entrar.

Eu me afastei. —Obrigado, — eu digo, e sinto que quero chorar com esta bondade.

Ela coloca a bandeja em uma mesa no canto.

—Você sabe onde ele está?

Ela balança a cabeça.

—Ou quando ele voltará? — Meu Deus, pareço patética.

—Não.

Ela sai e fecha a porta e eu sirvo uma xícara de café com uma generosa porção de creme. O primeiro gole é o céu e eu sento-me para colocar manteiga no pão e como tudo.

Quando esvaziei a jarra de café e apenas migalhas permanecem no prato, eu me levanto, pego a bandeja, endireito minha espinha e saio pela porta.

A primeira coisa que faço é encontrar a cozinha para devolver a bandeja. A mulher tira-a de mim, e eu agradeço-lhe outra vez antes de ir para dentro. Sou cautelosa no início, mas em breve, saberei se ele não está à espreita em algum canto, em algum lugar, esperando para atacar.

Eu passo a manhã olhando para vários quartos da casa, percorrendo os corredores que estão em construção. Ninguém está trabalhando na casa hoje. Acho que o tempo está os mantendo

afastados.

O segundo andar é o que está mais próximo de ser terminado com apenas dois quartos ainda fechados. Eu pego as escadas para o terceiro andar, tomando cuidado com algumas pedras que desmoronaram. Mas quando eu alcanço o patamar, é quase tudo preto e cada uma das três portas está fechada com tábuas.

E, francamente, é assustador aqui em cima, então eu volto para baixo.

No piso principal estão o grande hall de entrada, as salas de estar e de jantar, cozinha, uma sala trancada e uma biblioteca.

A biblioteca está no meio da construção e está frio aqui. As janelas devem ser originais. Elas são vitrais e tão bonitas como elas são, não fazem nada para manter o frio lá fora.

Eu me abraço e faço o meu caminho em torno da sala. O estilo aqui é mais gótico do que o resto da casa, mais escuro e parecendo mais velho. Eu me pergunto se ele vai tentar manter dessa forma.

Há uma poltrona antiga muito desgastada, há um rasgo no couro desvanecido do assento. Eu toco em um lugar onde os botões estão faltando, depois ando em torno de alguns dos materiais de construção para chegar às estantes.

Eu pesquiso os livros. Eles estão empoeirados, como se tivessem sido deixados aqui há séculos. Eu me pergunto sobre a história da casa.

Uma vibração chama a minha atenção e eu olho o teto. Este, como o do hall, é pintado com afrescos. As flores bonitas criam uma espécie de jardim nas sombras do céu-azul, do verde, do magenta e do amarelo. É tão bonito, eu viro em volta para olhar para ele quando eu ouço a vibração novamente.

Faz-me saltar porque é um pássaro. Deve ter ficado preso lá

dentro enquanto os operários estavam aqui.

Ele voa pelo teto novamente. Reconheço o tipo de pássaro. Um pisco. Isso me faz sorrir porque eu vejo piscos em todos os lugares que eu vou. Mas este, está obviamente em perigo. Imagino há quanto tempo ele está presa aqui.

Eu inspeciono as janelas mais de perto e tento puxar a alavanca para abri-las, mas está preso ou selado, então eu paro. Olhando mais acima, há uma ruptura no vidro grande, o bastante para que o pássaro tenha entrado a voar. O que explica a poça de água no chão onde o vento sopra neve.

A poltrona é muito pesada para se mover, mas eu vejo uma velha mesa coberta com polegadas de poeira no canto mais distante. Escolhendo o meu caminho em torno dos detritos no chão, eu chego a ela, distraída pelas prateleiras de livros, como um labirinto, o quarto pareceu maior quando eu entrei pela primeira vez.

Eu espirro quando eu limpo a poeira e testo se é resistente o suficiente para tomar o meu peso antes de transportá-la para a janela. É baixo o suficiente para eu subir e se eu ficar sobre ela, deverei ser capaz de chegar ao buraco na janela, mas eu vou ter que pegar o pássaro primeiro.

Ela está empoleirada em uma prateleira alta me observando. Preciso a persuadir.

Tomando cuidado para fechar a porta calmamente atrás de mim, eu volto para o corredor e para a parte mais quente da casa. Irina está cozinhando algo e sorri para mim, me observa cortar um pedaço do mesmo pão que eu comi mais cedo. Ela não faz nenhuma pergunta enquanto eu tomo uma mordida dele e volto para fora.

Eu volto para a biblioteca e o pássaro ainda está no mesmo lugar. Eu assobio suavemente e faço migalhas do pão, pousando a maioria deles em uma prateleira e afastando-me. Quando estou longe o suficiente, o pássaro voa para baixo e começa a pegar a comida.

Pobrezinho deve estar morrendo de fome.

Tão silenciosamente quanto posso, me aproximo dela e tenho certeza que ela vai voar para longe, mas ela não voa. Em vez disso, para de comer e olha para mim por um momento antes de voltar sua atenção para as migalhas.

Eu a alcanço e abro minhas mãos. Ela vê as migalhas na minha mão e pula para bicá-las, com seu pequeno bico afiado, como um alfinete. Quando eu fecho a outra mão ao redor dela, ela chilreia e abana suas asas.

Shh. Está tudo bem. —Digo enquanto à levo para a janela.

Subir na mesa é mais difícil de mãos cheias, mas eu consigo e um momento depois, passo minhas mãos pelo do vidro quebrado e deixo o pássaro livre. A última das migalhas de pão cai da minha mão enquanto eu a assisto ir. Quando eu vou puxar minhas mãos, eu não sou tão cuidadosa e estremeço quando o vidro afiado corta a parte de trás da minha mão.

O sangue desliza sobre a minha pele, um vermelho escuro e profundo. Não dói, mas eu fico lá momentaneamente hipnotizada, segurando meu braço para cima, assistindo escorrer do meu polegar para o meu pulso. Só quando ele cai no chão eu desço.

Eu encontro um rolo de papel toalha provavelmente deixado pela equipe de construção e seguro uma folha sobre a minha mão enquanto eu volto para a parte de trás da biblioteca, para o labirinto de prateleiras, correndo meus dedos sobre as lombadas dos livros, olhando para a encadernação, principalmente de couro, tirando alguns e lendo as datas de publicação, final de 1800 ou principios de 1900.

Será que ele vai ficar com os livros? Espero que sim. Talvez ele me deixe limpá-los, tirar o pó, organizá-los. Alguns são muito velhos e muito degradados para ser resgatados, mas muitos estão bem.

A maioria das prateleiras estão arrumadas, mesmo com a poeira, mas quando eu chego ao final de uma, há uma pilha de pastas e

notebooks. Eu olho através da pilha e encontro os planos originais da casa, olhando para as notas nas margens, incapaz de entender mais porque elas estão em italiano.

Em um dos cadernos, alguém esboçou vários quartos, interiores e exteriores, até mesmo os jardins. É fascinante, e quando eu chego às duas fotografias desbotadas da casa e da família colocada na frente dela, minha curiosidade fica maior.

É um casal e sua garotinha, o homem e a mulher sorrindo, sua filha radiante. A mãe tem as mãos sobre os ombros de sua garotinha, e parece que ela está prestes a correr atrás de seu filhote de cachorro que é um borrão.

Eu caminho para a janela para uma melhor luz, limpo a poeira e olho mais de perto em seus rostos. O homem é barbudo e parece estar em seus quarenta anos. Ele tem cabelo escuro e está vestindo um terno de lã formal. Observando a folhagem, percebo ser outono.

Sua esposa — presumo que seja sua esposa — é linda. Ela parece um pouco mais jovem do que ele e está vestida com um vestido branco fluído, não tão pesado como seu terno. Seu cabelo é loiro e seus olhos azuis. A garotinha é uma réplica exata de sua mãe.

É só quando olho mais de perto, vejo que o homem tem as mãos sobre os ombros de sua esposa e que um deles, parece quase enrolado em torno da parte de trás do pescoço, como se ele a estivesse segurando, como ele estivesse com medo que ela fosse fugir se ele a soltasse, assim como sua filha que está prestes a correr atrás de seu filhote pequeno de cachorro.

Eu também notei que elas estão enluvadas, suas mãos.

Eu olho mais de perto os seus sorrisos depois de notar este detalhe e ver a tensão no, como se estivesse sendo forçado. Como se ele não pertencesse lá com elas, a mulher e a garota muito leves, muito brilhantes, mas há uma escuridão nele.

Um calafrio repentino faz-me tremer e esfrego os braços. Eu

devolvi a fotografia para a sua pasta, mas levo os cadernos para a poltrona.

Sento-me, escorregando dos meus sapatos e dobrando meus pés embaixo de mim e colocando-os no meu colo para começar a passar por eles. O que capta minha atenção é um jornal inglês, o artigo cortado, o título sensacional.

Conde Leonardo de Rossi inocentado de homicídio!

No final do sábado à noite, a polícia libertou o Conde Leonardo de Rossi e levou-o para Villa de Rossi depois de semanas de interrogatório.

Quando pediu para comentar, o advogado do Conde disse que era um crime terrível prender um homem que está claramente sofrendo pela perda de sua família em uma cela de prisão e fez questão de apontar que não havia nenhuma evidência para vincular a história ao assassinato horrível de sua esposa e do desaparecimento de sua bela filha.

O detetive encarregado da investigação foi retirado do caso.

Havia poucas pistas na cena que o conde descobriu ao retornar de um fim de semana no exterior para encontrar sua esposa morta, seu rosto desfigurado, um crime de paixão. De acordo com o legista, ela estava morta há horas quando a descobriu na manhã de Natal.

Ainda mais assustador é o desaparecimento da garotinha. Apenas quatro anos de idade, um de seus sapatos foi encontrado na entrada das catacumbas, mas uma busca completa não levou a nada.

Qualquer esperança de encontrar o assassino está desaparecendo quando a polícia esgota todas as pistas.

O artigo termina abruptamente.

Aconteceu no Natal. Ele a encontrou na manhã de Natal. A data torna ainda mais terrível.

Eu não reconheço o nome de quem publicou, mas isso é tão velho, eles provavelmente já fecharam. É uma revista de fofocas ou um jornal respeitável? Porque não há dúvida que a suposição é que o Conde matou sua esposa e talvez sua filha?

Eu folheei mais recortes e deparei com outro datado de quase um ano depois que o artigo foi publicado. Está rasgado, mas pelo que eu posso ver, o jornal estava marcando o aniversário de um ano do crime horrível e o fato de que nunca foi resolvido. Eles também afirmam que o conde abandonou a casa, uma casa que ele construiu para sua família, e retornou a San Gimignano, a cidade de seu nascimento.

Mais um recorte de seis anos depois mostra o casa em condições terríveis com uma nota que está à venda.

Dos artigos e das partes que eu posso entender dos recortes italianos, o primeiro nome da esposa do Conde era Margot e sua filha era Belle.

Estou mais curiosa do que nunca.

Eu esfrego meus olhos e olho para a janela para ver o céu ficar escuro. É tarde.

Pondo em ordem as folhas de papel, eu coloco a maioria delas em sua prateleira, mas pego o caderno que ainda está vazio e dobro a fotografia dentro, juntamente com os dois artigos de notícias em inglês. Eu verifico o corredor antes de escorrega-los para fora da biblioteca.

Ainda não há sinal do Gregory. Eu não sei se isso é uma coisa boa ou uma coisa ruim.

Estou com fome, então eu vou para a cozinha, Irina aponta a

mesa para mim e eu me sento. Eu bebo o vinho e como a refeição que ela está preparando, uma massa caseira com molho vermelho e uma salada.

—Você sabe onde Gregory está? — Eu pergunto.

Ela recebe uma expressão preocupada em seu rosto e diz algo que não entendo, mas o abano de sua cabeça me diz que é um não.

Não sei por que pergunto. Eu não estou infeliz que ele não esteja aqui, mas também estou presa nesta casa, sem mesmo um par de botas adequadas para ir para fora ou até mesmo uma muda de roupa.

Depois que eu como, eu vagueio pela casa, à procura de uma TV ou algo para afastar o tédio. Eu deveria ter pego um livro da biblioteca, mas está muito escuro lá agora, pelo menos é o que eu digo a mim mesmo quando chego à porta, porque o vento gelado me faz tremer e eu volto para a sala de estar onde Irina aviva o fogo antes de se afastar.

Lá, eu encontro uma garrafa de uísque e me sirvo, embora realmente não beba muito ou pelo menos nunca bebi antes.

Sento-me em uma das duas poltronas e olho o fogo, tirando os meus sapatos e dobrando os meus joelhos até debaixo de mim, desfrutando do calor e do estalar dos troncos úmidos.

Depois de beber um pouco do uísque, eu descanso minha cabeça no braço da poltrona e fecho meus olhos, apenas por alguns minutos. Está quente aqui com o fogo e eu não quero ir para a cama dele. Eu sei que devia levantar-me. Deveria ficar alerta. Mas eu estou cansada e está escuro e silencioso e eu não posso resistir ao sono.

Sei que estou sonhando quando vejo a garotinha das fotografias correndo pela casa, esta casa. Sei que é ela. Não tenho dúvidas. Ela está rindo e perseguindo seu filhote de cachorro. Tudo está como era então, a casa bonita e clara e brilhante. E quente. Tão morno, eu posso quase sentir o cheiro do pão assando na cozinha e sentir seu

riso tanto quanto o ouço.

Estou admirando tudo e seguindo-a para baixo corredor após corredor, olhando ao meu redor, realmente assistindo onde eu estou indo. Só sabendo que a estou seguindo.

Mas essa luz, esse calor, muda. E não é uma mudança gradual.

Com um estremecimento eu abrando apenas quando ela corre em direção ao salão que conduz à biblioteca.

Não quero ir lá e não quero que ela vá lá.

Tento alcançá-la, impedi-la. Sei que é um sonho, mas ainda quero impedi-la.

Fica mais frio quando ficamos perto daquela sala, estou seguindo-a e é urgente agora, a necessidade de a imperdir.

Mas quando ela olha para mim, o rosto dela, está diferente. Tipo cadáver, pelo menos momentaneamente.

Como se houvesse um flash no crânio só para um único momento arrepiante, tão rápido que quando eu pisco ele se foi e ela é a garotinha bonita novamente. Mas ela não está mais rindo. E eu paro de persegui-la porque ela parou de correr. Como se ela, também, soubesse o que vai encontrar lá dentro.

Ela abre a porta da biblioteca. Eu ouço o ranger e abraço meus braços que fica mais frio.

—Não, — eu digo.

Mas ela não está me ouvindo. Nem sei se ela me ouve.

—Mamãe, — ela chama quando entra, e sua voz é doce e interrogativa, e ela é tão jovem. Muito jovem para o que ela vai encontrar.

É sangue que vejo primeiro.

A menina bonita, as sapatilhas de balé brancas de cetim absorvendo quando ela pisa na borda do círculo de sangue.

Ela não grita imediatamente. Só olha para baixo e vira sua cabeça para o lado como se ela não entendesse o que vê.

Eu não quero olhar, mas eu olho.

E eu vejo a mulher uma vez bonita deitada lá, sem rosto, buracos onde os belos olhos estavam, mostrando osso através da pele rasgada e sangue. Tanto sangue.

A mãe dela morta.

O filhote de cachorro da menina choraminga ao seu lado.

Ela está chorando, a garotinha, e eu também.

Quero dizer-lhe para se afastar, para vir até mim. Mas é tarde demais e ela pisa na piscina de sangue e seu sapato deixa uma pequena impressão.

O cachorrinho está latindo agora.

Eu sigo o olhar da menina enquanto o filhote desaparece por trás de uma estante.

—Não vá, — Eu tento dizer-lhe, mas a minha voz não faz quase nenhum som e eu encontro-me a segui-la, estendendo-me para pegá-la quando ela pisa sobre o cadáver de sua mãe.

Minha mão desliza através de sua forma de fantasma quando ela persegue o seu filhote de cachorro e eu tento não olhar para baixo quando eu, também, piso sobre o corpo sem vida da mulher.

Estou descalça e o sangue é escuro e quase pegajoso quando ele escorre grosso e quente do meu pé e eu não posso olhar para longe, não até que ouço a menina novamente. Ouço-a dizer algo e sua voz

soa diferente. Medo. E acho que ela está pedindo ajuda.

—Eu estou indo, — eu digo.

Uma porta se abre e eu arrasto o meu olhar do sangue e sigo, deixando pegadas vermelhas no chão empoeirado.

Parece que eu estou correndo por horas, dias, neste labirinto interminável até chegar ao fim. Vejo a cara dela de novo, a da criança de novo, como se estivesse me esperando. Quando ela me vê, ela estica a mão, e quando eu chego eu olho para ela, ela ri como se fosse tudo apenas um jogo, se afasta e desaparece para baixo, um espaço mais escuro, e eu ouço o eco do seu riso e olho para seu sapato arruinado, o cetim branco num vermelho sujo, deixado para trás quando ela desaparece até que não há quase nenhum som de todo, não até que eu ouço o meu nome.

—Amélia. —

É a voz de um homem. Eu olho em volta, mas não há ninguém aqui.

Tento dar mais um passo em direção à onde a garotinha desapareceu, mas não consigo me mexer. Tento de novo, mas estou presa em alguma coisa.

—Amélia.

Eu luto, mas o que quer que seja ou quem me tem não me deixa ir.

Esse riso vem, tão fraco. Tão triste. E talvez não seja uma risadinha, mas um grito.

—Estou indo. — Minha voz parece estranha, como se as palavras não são totalmente formadas.

—Amélia, — diz ele, sua voz mais firme, as mãos mais ásperas.

Eu abro os olhos.

Não.

Meus olhos estavam abertos.

Eu simplesmente não conseguia ver.

Ele está me sacudindo.

—Eu tenho que ir, — eu digo. Não sei por que ele não me deixa ir.

A testa do Gregory está franzida e ele está me observando. —Ir para onde?

Eu pisco. Olho em volta.

—O que diabos foi isso? — ele pergunta.

Estou na sala de estar, indo em direção ao corredor no meu sonho. Indo em direção à biblioteca.

—Olá. — Ele me dá outra sacudida. —Você pode me ouvir?

Eu olho para ele. Afasto as mãos. —Claro, eu posso ouvi-lo. — Eu corro uma mão através do meu cabelo, limpo as gotas de suor na minha testa.

Isso não acontecia há anos.

Não desde que eu era pequena. E mais uma vez. No meu décimo sexto aniversário.

Helena me acordou dessa vez.

Eu iria à biblioteca em casa. Sempre a biblioteca. Porque as bibliotecas são lugares assombrados.

—O que acabou de acontecer? — ele pergunta.

Eu ando para trás, meu pé pegajoso, molhado no pavimento e por

um momento, eu acho que eu vou ver vermelho quando eu olho para baixo. Mas então eu percebo qual era o calor do sangue. O uísque não bebido no meu copo, eu devo ter virado o copo, derramado e pisado nele.

O vidro está deitado de lado no chão. Eu olho para ele. Não está quebrado, pelo menos.

As chamas de fogo, em seguida, escurecem na lareira e eu viro para ele. Está quase a apagar. Eu deveria colocar outro tronco nele.

—Amélia? — Gregory pergunta. —Seus olhos estavam abertos, mas acho que você não estava me vendo.

Eu me curvo, pego o copo, em seguida, me endireito. Estou tremendo.

—Não é nada.

Está escuro aqui. O fogo era a única fonte de luz.

Ele ainda está me observando curiosamente quando olho para ele.

—Não parecia nada, — diz ele.

—Apenas um pesadelo.

—Você estava dormindo e andando?

—Não, — eu minto. —Eu ia colocar lenha no fogo.

Está tão calmo aqui, tão estranhamente calmo e eu olho para a abertura no extremo da sala que leva à biblioteca e parece uma boca.

Tivemos fantasmas em nossa biblioteca também, eu me lembro. Eu perguntei às minhas irmãs sobre eles uma vez. Perguntei quem eram. Ainda me lembro como me olharam. Nós éramos talvez oito na época e eu tinha visto vislumbres deles toda a minha vida. Pensei que

todos os viam.

Mas depois desse tempo, nunca mais perguntei.

E os nossos fantasmas eram diferentes da menina e da mãe. Eles não eram assassinados.

A imagem do rosto destruído da mãe pisca na minha memória e eu estremeço. Eu me ajoelhei, muito consciente dos olhos de Gregory em mim, e pego dois troncos, empurrando-os para a lareira. Com um atiçador, eu tento reiniciar o fogo, mas não consigo fazê-lo.

—Apenas um pesadelo, — ele repete minhas palavras, agachando-se, tirando o atiçador de mim, empurrando os troncos, reiniciando o fogo sem problemas.

Eu assisto as chamas, depois viro-me para ele para ver as sombras que o fogo lança em seu rosto.

Ele para, enche um copo com uísque e bebe um gole, ainda me estudando.

—Há quanto tempo você está aqui? — Eu pergunto.

Ele reenche o copo que eu derramei e coloca-o sobre a mesa entre as poltronas, senta em uma e gesticula para me sentar na outra.

—Não muito tempo. Você estava falando, —ele diz casualmente. —Você disse que tinha que ir. Onde você tinha que ir?

Eu me sinto envergonhada e de repente com frio, como se um vento acabasse de explodir em mim.

—Eu não me lembro, — eu minto novamente. — Que horas são?

—Duas horas.

—Duas da manhã?

Ele confirma.

Estive fora por horas.

—Você não vai me dizer? — pergunta ele.

Eu estudo seus olhos, mais escuros neste quarto escuro. Eu aceno a cabeça uma vez.

Ele me olha, depois para os meus pés, parece aceitar.

—Eu pedi algumas roupas para você. Eles vão trazer de manhã.

Eu só aceno.

—Sente-se. — Ele aponta para a segunda poltrona.

—Estou com frio.

Ele empurra o copo para mim. Percebo como as pontas dos dedos estão enegrecidas, parecendo sujas.

—Sente-se comigo.

Seu pedido — a maneira que ele diz as palavras — soa estranho.

Eu vou, sento-me na poltrona ao lado dele.

Ele cheira a úmido e terra.

Ele aponta para o segundo copo de uísque e eu pego-o. Eu bebo um gole e a queimadura, é um pouco calmante. Quente.

—Conte-me sobre o sonho, pelo menos.

—Eu vi a garotinha, — eu digo, olhando para o fogo, bebendo mais do uísque. —E sua mãe. — Eu me viro para ele. —Sua mãe morta.

—Eu não sabia que você era propensa à sonambulismo.

—Eu não sou propensa a sonambulismo.

—Eu sei o que eu vi. — Ele faz gestos com as coisas que eu trouxe da biblioteca. —Você precisa ficar fora dos quartos que ainda estão em construção. A casa é muito antiga. Você pode se machucar.

—E você se importa se eu me machucar?

Ele encolhe um ombro.

—Ou você que quer me machucar?

—Apenas fique fora desses quartos, — diz ele, bebendo seu uísque. —Eles vão te dar pesadelos, — acrescenta com um sorriso.

—Você sabia a história quando você a comprou?

Ele acena, me estudando.

—Será que ele fez isso? O Conde?

—Isso seria o meu palpite.

—É mais frio lá. Eu pensei que era apenas a janela, mas...

—O aquecimento está desligado lá. Isso é tudo. — Ele engole o último uísque e não sei se ele acredita no que acabou de dizer.

—É diferente disso.

—Fantasmas não podem machucá-la, Amélia. É com os vivos que você tem que tomar cuidado.

CAPÍTULO 9

Gregory

Ela estuda-me tal como eu a estudava enquanto dormia. Enquanto ela sonhava.

—O que você disse, — ela começa, pausando, olhando para o fogo por um longo momento antes de voltar para mim. —Sobre eu querer isso. Querendo ser a menina Willow, não é verdade.

—Não é?

Ela balança a cabeça. —Mas depois daquela noite... Depois que Helena foi embora, eu não conseguia parar de pensar nisso. Sobre a cerimônia. Meus pais se recusaram a falar sobre isso. As minhas irmãs são mais obedientes. Eu estou entre eles e Helena, eu acho.

—Ela era a ovelha negra da família?

—Eu não sei. Nossos pais eram diferentes com ela. Sempre um pouco mais duro com. Eu pensei que era porque ela era a mais velha de nós.

—Por alguns minutos.

—Eu não estou dando uma desculpa para eles. Eu sei que era mais fácil ser eu. E Helena sempre nos defendeu, protegeu-nos. E em agradecimento, deixamos seu irmão levá-la. Nem sequer lutamos contra.

Eu sirvo mais uísque e olho para o fogo. —Não se preocupe com Helena. Ela está bem. Mais do que bem.

—Estou feliz por ela estar. Você não está, no entanto.

Sinto os olhos dela queimando um buraco no lado da minha

cabeça.

—Porque não? Porque não está feliz por ela? Com o seu irmão?

Eu engoli o uísque do meu copo. Tem gosto amargo. Eu olho para ela.

—Diga-me o que fez depois daquela noite.

Imagino o quanto Helena contou a ela sobre o que aconteceu na ilha. Ela não sabe sobre mim, a minha parte no nosso ménage-a-trois condenado. Eu me pergunto que se eu dissesse a ela isso iria trazer a sua estima por sua irmã para baixo um bocado ou muito.

Pergunto-me o que faria na sua espectativa por mim.

—Eu continuei voltando para a biblioteca. Todas as noites, por semanas, não conseguia dormir, e continuei voltando lá. Eu sabia onde eles armazenavam os blocos. Ela olha para o copo em suas mãos. —Engraçado que toda a minha vida eu os vi em um canto, apenas empilhados, não realmente escondidos. Eu nunca soube o que eram ou para quê seriam usados e nunca me ocorreu perguntar.

Ela bebe um gole, em silêncio, mas eu sei que ela ainda não terminou.

—Eu parei em um de novo, — diz ela. —Não sei porquê.

Ela vira-se para o fogo e eu vejo a sombra das chamas dançando em seu rosto.

—Eu olhei para as roupas também, as coisas horríveis, fedorentas que foram feitas para vestir. Eu acho que se eu tivesse encontrado aqueles, eu teria colocado uma. Ela arrisca um olhar para mim. —Foi o que fiz depois daquela noite.

—Será que isso ajuda?

—Não, eu acho que fez o oposto. Eu não poderia deixá-lo ir. Há uma longa pausa. —E eu não sei. Quero dizer, acho que não queria

ser a escolhida. Mas não queria que minhas irmãs fossem levadas de mim também.

Sua honestidade simples me surpreende. Eu nunca esperava que ela respondesse às minhas perguntas.

—E de uma forma estranha, eu sabia que ele escolheria Helena de qualquer maneira, — ela continua.

Eu também sabia. Se eu pensar nisso.

Mas eu não digo isso em voz alta.

—Eu estava lá quando ela chamou você, — eu digo a ela.

Ela não parece surpresa com isso.

—É por isso que você me escolheu? Não as minhas irmãs? Porque Helena escolheu me ligar?

Eu agito o último gole de uísque no meu copo, engulo, olho para ela. —Sim.

Ela não reage quando eu digo isso, como se ela soubesse minha resposta, e o silêncio cresce pesado.

—Você me escolheu para puni-la?

Eu bebo. Eu não respondo.

—Você estava apaixonada por ela?

Ela olha para mim, seus olhos brilhantes e a pergunta, sai do nada e eu estou totalmente despreparado.

—É por isso que eu estou aqui? A fim de machucá-la?

Eu pouso o meu copo, estudo o intrincado padrão do cristal. — Cuidado, Amélia.

—É? Estou sendo honesta com você. O mínimo que pode fazer é ser honesto comigo. Você me deve isso, eu acho. Depois de tudo.

—Eu não lhe devo nada, — eu digo, olhando para trás, o fogo ainda um pouco calmo. —Vá para a cama.

—Eu não estou cansada.

—Vai ser melhor para você se fizer o que eu digo e for para a cama. Agora. —

—Você não me trouxe todo o caminho até aqui só para me mandar para a cama.

Eu lentamente me volto para ela, vejo-a engolir um gole de uísque como um longo estalo. Ela está testando.

Ela atravessa a mesa entre as nossas cadeiras, primeiro toca a minha mão enluvada. —Por que você veste isso?

Eu vejo seus dedos a acariciar o couro.

—O que você está escondendo? — ela continua.

Não me mexo quando ela atinge o meu pulso, provoca um pouco a luva.

—Helena disse

Em um instante, eu viro a minha mão e capturo o pulso dela.

Ela suspira quando eu a arranco de sua cadeira e a coloco de joelhos diante de mim. Pânico enche seus belos olhos azuis quando eu a puxo para mais perto e me inclino para que possa estar a polegadas de seu rosto.

—Não brinque comigo.

—Será que eu bati em um nervo? — ela pergunta.

Ela cerra seus dentes quando eu aperto um punhado de cabelo e puxo a cabeça para trás, sua mão livre apertando meu antebraço.

—Será? — ela pergunta novamente, sua voz diferente por causa do ângulo de sua cabeça.

—Eu vou dizer-lhe apenas mais uma vez para ter cuidado.

—Eu não tenho medo de você.

—Não tem? — Eu arrasto-a para se ajoelhar. —Você tem certeza sobre isso?

Sem resposta.

Eu sorrio, inclino minha cabeça para o lado. Liberando seu pulso, eu aperto a gola de seu suéter e, em um puxão rápido, rasgando-o ao meio.

Ela solta um pequeno grito, surpreso e eu olho para ela, para o sutiã muito vermelho colocando seus seios pequenos, levantando-os, tornando-os deliciosamente tão convidativos.

—Ainda não tem medo? — Eu pergunto, pegando um daqueles peitos, levantando-o para cima, sentindo o mamilo endurecer contra o meu polegar. Encontrando os olhos dela, eu arrasto-a para que levante, puxo-a para mim, tomo o mamilo na minha boca e chupo forte.

Suas mãos fecham sobre meus ombros enquanto ela tenta se estabilizar, e quando ela coloca um joelho na cadeira, eu capturo-a entre minhas coxas. Eu olho seus olhos enquanto eu fecho meus dentes em torno de seu mamilo e o desenho.

Ela solta um suspiro, um som entre dor e prazer. Um rubor rasteja ao longo de seu pescoço, e seus olhos escurecem.

Eu empurro-a de volta para os joelhos, deixando o seio exposto, a carne em torno de seu mamilo vermelho do abuso da minha boca. Eu

me inclino em direção a ela.

—Então, você não quer isso? — Eu provoco, desfazendo meu cinto, abrindo-o, desabotoando o botão superior do meu jeans.

Sua respiração é superficial, e seus olhos vão dos meus olhos para o meu colo e de volta.

Eu solto o cabelo dela e ela cai para trás, massagando seu couro cabeludo. Eu escorrego de joelhos no chão e estamos tão perto que nossas coxas estão se tocando.

—Você não quer isso? — Eu pergunto, desfazendo seu jeans, observando seu rosto quando eu os puxo para baixo.

Com uma mão no meio do peito, empurro-a para trás e ela está deitada de costas.

—Então lute comigo, — eu digo, ajoelhando-me sobre ela, pegando sua calcinha e tirando-a também.

Ela planta um pé no chão, tenta empurrar para longe, mas eu pego-a.

—Vamos lá, — eu digo, deixando meu olhar cair para sua boceta raspada, para a costura brilhante de seu sexo. —Você pode fazer melhor do que isso.

Eu mergulho minha cabeça para baixo, e quando suas mãos puxam o meu cabelo, eu aperto seus pulsos e coloco-a como eu gosto dela, lambo a umidade dela, ouço-a suspirar quando eu levo o clitóris na minha boca e chupo.

—Pare! — ela fala, sua voz alta e desesperada.

Eu não paro. Eu chupo um pouco mais forte, ouvindo-a puxar respiração, ouvindo seu choramingo, sua resistência enfraquecer. Só quando ela empurra a boceta para o meu rosto eu me afasto, liberando os pulsos, olhando para ela quando está totalmente exposta a mim.

—Lute comigo, — eu digo, limpando minha boca com as costas da mão. Eu pego seu jeans e a calcinha com uma mão para arrastá-los fora de suas pernas.

Isso anima-a, mas quando ela se senta, não a deixo me ajudar, porque eu puxo o jeans fora, então ela está nua da cintura para baixo. Sua camisa pendura fora de um ombro e ela parece feroz quando empurra do outro e fica de joelhos e me espreitando, mãos como garras indo para o meu rosto, meu pescoço.

Eu rio, capturo seus pulsos, arrasto-os para seus lados, em seguida, atrás dela, transferindo-os para uma mão.

Quando eu me inclino para beijá-la, seus dentes se encaixam para morder, fazendo-me rir novamente.

—É isso, — eu digo, arrastando meu suéter sobre minha cabeça com a minha mão livre. Ela está imediatamente distraída pela tinta, tentando a cena fazer sentido. —Essa é a luta que eu estou procurando.

Eu me levanto, puxo-a para ficar comigo.

Ela está lutando, girando e virando-se para se libertar. Ela não está esperando eu libertá-la, assim quando eu o faço, ela tropeça para trás, perigosamente perto do fogo.

Eu pego o braço dela, seguro-a.

Ela afasta-se e eu olho para ela de pé lá nua, somente de sutiã. Eu puxo-a para mim, sua pele quente contra o meu peito nu, seu cabelo macio no meu queixo. Eu começo a desatar seu sutiã, aliviá-la dele.

—Pare!

Com um punhado de cabelo na minha mão, eu mantenho-a firme e a beijo, sabendo que ela vai morder, esperando a picada na pele,

provando o gosto metálico do meu próprio sangue.

Eu puxo a cabeça dela para o meu pescoço, esfrego meu queixo contra a face dela.

—Fico duro quando você luta, — eu sussurro.

Eu a liberto abruptamente.

Novamente, ela tropeça para trás, mas desta vez, ela se segura.

—Você é louco! — ela grita, limpando seu lábio com as costas de sua mão, olhando para a mancha do meu sangue em sua pele.

Eu vou em direção a ela e ela recua de costas para a parede de pedra da lareira.

—Agora corra, menina Willow. Corra. E não me deixe pegá-la.

Quando eu vou para trás, ela fica confusa. Espero um minuto e ameaço ir em direção a ela para ela correr, ela vira em direção da porta da frente. Eu levo um tempo perseguindo-a, porque não há nenhum lugar que ela possa ir que eu não possa apanhá-la.

Quando eu chego perto dela, ela está tentando abrir a porta, mas está trancada.

—Corra, menina Willow.

Ela dispara, correndo de volta para a casa, parando nas escadas, mudando sua mente e voltando pela sala de estar e em direção ao corredor escuro que leva à biblioteca. Ela para na porta do estudio, tenta, mas também está trancada.

Eu sigo e quando ela percebe que a única fuga é para a biblioteca, hesita, olha pra cima do ombro para mim, me assiste vindo para ela.

—É o que você quer, não é? — Pergunto calmamente cada vez

mais perto. —Eu perseguindo você? Eu te apanhando?

Ela abre a porta da biblioteca e, novamente, para. Está escuro lá dentro, o luar entrando pelas janelas de vidro manchado que quebraram deixando a mais pura luz de prata, apenas o suficiente para ver.

Quando ela entra, se vira para fechar a porta pesada. Será que ela sabe que não há fechadura? Mas eu não lhe dou a chance de descobrir. Eu coloco o meu pé entre a porta e a sala e ela salta para trás quando eu lhe dou um sorriso largo, abrindo-a.

Ela está andando para trás e tropeça sobre algo no chão.

Eu a pego antes que ela caia, levantando-a pelos braços e puxando seu corpo macio e quente para mim, andando de volta para a parede.

—Para! Deixe-me ir!

—Você não quer que eu a deixe ir.

Ela está empurrando o meu peito, mas pressiono o meu corpo contra ela e prendo-a na parede enquanto eu chego ao meu jeans, empurrando-os um pouco, apenas o suficiente.

Ela faz um som de pânico, uma choradela, e seu rosto se contorce.

—Por favor.

—Ainda não tem medo de mim? — Eu pergunto, levantando uma perna, içando-a um pouco.

As mãos dela fecham-se sobre meus ombros. Ela engole, e eu sinto o seu coração batendo contra o meu peito e uma lágrima desliza pela bochecha.

—Estou com medo, — ela sussurra, e eu acho que tem medo de

mil coisas.

Meu pau está em sua entrada e sinto-a quente e molhada um dos seus mamilos preso como seixos contra o meu peito. E quando outra lágrima cai, eu assisto e ela não está me afastando, não está lutando, me arranhando ou tentando fugir de mim.

—Estou com medo, — ela repete.

—Estranha menina Willow. — Toco-lhe na bochecha, sigo uma lágrima e digo o que penso. Ela é estranha. Diferente. E de alguma maneira, eu a compreendo. —Para querer isso. Assim.

Ela não responde. Não diz sim ou não, nem nada. Só me observa quando mais lágrimas deslizam pelas bochechas dela.

Eu me movi um pouco, sentindo o aperto de sua boceta contra a cabeça do meu pau.

As unhas dela escavam nos meus ombros.

—Se você quer que eu pare, então diga. Agora.

Ela não sabe.

—Diga, Amélia.

Nada. Nada enquanto seus olhos azuis tristes procuram os meus.

—Diga. —

—Eu não...

—Fraco. —

—Eu não quero isso.

—Mais fraco ainda.

—Eu não quero *você*!

Algo escuro me pega.

Ela estuda-me por um longo momento, mas então ela abaixa o olhar, deixa cair a cabeça, se encosta em mim, agarrando-se a mim, suas ações totalmente opostas de suas palavras. E eu sei que o que ela está dizendo, não é verdade.

Mas ela é fraca.

Ela não pode ter o que quer.

Eu forço a cabeça para cima, o rosto pequeno na minha mão, suas lágrimas molhadas debaixo dos meus dedos pressionando em suas bochechas.

—Então me diga para parar.

Ela olha para longe, apenas além de mim.

—Diga-me para parar.

Nada.

—Estou certo, não estou? — Eu pergunto, finalmente.

Ela tenta se libertar, mas eu pressiono a parte de trás de sua cabeça contra a parede e faço-a olhar para mim. Porque ela precisa olhar para mim quando eu faço isso.

Ela precisa me ver por quem eu sou. O que eu sou.

Para saber, apesar de tudo, que ela ainda quer. Me quer.

—Eu estou certo. Você quer isso — a mim — assim, mais do que você está disposta a admitir. E é isso que te faz fraca. Não o querer.

Eu empurro contra ela e não sou gentil.

E quando eu sinto a barreira dela, eu impulso duro.

Suas unhas tiram pele das minhas costas quando o jorro quente de seu sangue virgem molha meu pau e foda-se ela é apertada e molhada e tão quente, porra, e ela está se agarrado a mim. Apertando, não brigando. Não me afastando.

Eu deixo solto seu rosto e ela mergulha a cabeça no meu pescoço, e eu ouço seu curto suspiro de respiração, sinto o calor dela, de sua boca em mim.

—Olhe para mim. —

Sinto-a a abanar a cabeça.

—Olhe para mim. —

—Não posso. —

—Você vai olhar.

Eu seguro um punhado de cabelo, forçando sua cabeça para trás porque eu quero vê-la. Quero ouvir a respiração dela. Eu quero segurá-la contra a parede fria e suja e ver-me a levá-la, tomar meu pau dentro dela como se eu fosse seu dono.

Ela faz outro som, um pequeno choramingo. Sua boca se abre e ela se agarra a mim e eu fodo sua boceta virgem, e ela está gostando. Muito bom.

Sua respiração muda e ela está me observando agora e os sons que ela faz, pequenos e desesperados, eles me fazem querer chegar mais perto. Profundamente.

E quando ela suspira profundamente e sua boceta pulsa em volta do meu pau, empurro uma última vez, enterrando-me dentro dela, meu pau latejando, esvaziando, enchendo-a quando ela suspira no meu pescoço, seu corpo contra o meu, seu peso total em meus braços.

Eu a segurei assim por muito tempo. Eu sinto ela me segurando, e quando eu a largo, seus joelhos falham e eu pego-a, olho para ela,

sinto o gozo e o sangue no meu pau.

Ela olha para mim, respira baixo, braços inúteis soltos.

Eu puxo o meu jeans, vejo a mancha de sangue no meu pau, vejo em suas coxas. Eu encontro os olhos dela.

—Você gozou, Amélia— Eu digo.

Sem palavras.

—Saiba que eu sei o que você quer. Eu sei quem você é.

Não consigo ler os olhos dela. Está muito escuro aqui. Mas eu sei que se eu me afastar, ela cairá. Eu acho que ela só está de pé por causa da parede e eu na sua frente.

Então, quando eu me movo, eu a carrego, ela não luta e quando chegamos lá em cima, eu sento-a na borda da banheira e encho-a com água morna antes de colocá-la dentro.

Ela fecha os olhos, solta a cabeça, então puxa os joelhos, faz punhos de com mãos e pressiona os joelhos contra os olhos.

Eu assisto-a por um longo minuto antes de tirar o meu jeans e subir na banheira grande, de frente para ela. Eu puxei as mãos de seus olhos porque eu quero vê-la chorar.

E quando ela olha para mim, as acusações fazem seus olhos queimarem.

—Você não me conhece, Gregory Scafoni. Você não sabe nada sobre mim. Você não tem idéia de quem eu sou.

CAPÍTULO 10

Amélia

O sol está apenas começando a subir e eu ainda estou acordada. Não dormi nada, além daquelas horas na sala. Talvez seja jet lag. Eu não estou acostumada com a diferença de horas ainda. Talvez seja porque eu não queira ter esse sonho de novo.

Mas se for honesta comigo mesma, sei que essas não são as razões.

Meu corpo dói. Eu me sinto ferida por dentro e por fora. Minhas costas estão arranhadas da parede. Meu interior, sofrendo.

Devia tê-lo feito parar.

Podia?

Eu deveria ter lutado.

Disse-lhe para ir para o inferno, mas ao invés disso, eu me agarrava a ele. Eu o puxei para mais perto.

O que ele disse, pelo menos parte, é verdade. Eu o queria ontem à noite.

Eu quero isto.

Mas ele está errado se pensa que me conhece, e eu encontrei a sua fraqueza. Ele a entregou ontem à noite.

Helena.

Ela é a sua fraqueza.

E eu o odeio um pouco por isso.

Talvez eu a odeie ela um pouco também e esse conhecimento me envergonha.

O que quer que tenha acontecido naquela ilha, partiu-o.

Ele acha que é vingança dele, mas não acho que seja vingança que ele queira. É mais do que isso.

Ela?

Não, não consigo pensar nisso.

Ele está me segurando. Seu braço está firme em torno da minha cintura, minhas costas estão na sua frente e ele está respirando uniformemente. Acho que ele está dormindo.

A luz alaranjada profunda do nascer do sol flui através da separação nas cortinas e eu olho para baixo, para sua mão em minha barriga. Para a luva.

Ele nunca a tirou, nem mesmo quando estávamos no banho. Eu toco-o levemente, tão levemente que eu não acho que ele vá sentir isso.

É feito do mais macio couro, o mais fino. Pergunto-me se ele está tão acostumado, que nem percebe mais. Quero saber o que está por baixo. O que é tão horrível que ele não deixar ninguém ver.

Não sei por que perguntei se ele estava apaixonado por Helena. Ouvindo as palavras em voz alta, foi chocante. Sabendo que vieram de mim, estranho. Como me fizeram sentir, errada.

O que eu quero? O que eu queria o tempo todo?

Isto?

Eu realmente queria isto o tempo todo?

Queria mesmo que um bastardo do Scafoni viesse me pegar para me fazer uma menina Willow?

Não quero pensar nisto. Agora não. Mas quando tento fugir do braço dele, ele puxa-me para mais perto.

Eu estava errada? Ele esteve acordado todo esse tempo?

—Ainda não terminamos. — Sua voz profunda sussura contra o meu pescoço, fazendo cada cabelo ficar arrepiado. Ele esfrega o queixo contra mim, me arranhando com queixo áspero.

Sinto-o atrás de mim. Sinta-o endurecer.

Com um pequeno som de protesto, eu tento libertar-me porque eu deveria me libertar.

Mas ele me mantém presa, rolando-me de bruço, colocando o seu peso em mim, espalhando minhas pernas com as dele, arrastando meus braços sobre a minha cabeça e segurando meus pulsos em suas mãos.

—Diga-me quem você é, Amélia Willow, — diz ele no meu ouvido. —Eu estou tão curioso.

Fico tensa quando ele começa a deslizar para dentro de mim. Eu ainda estou dolorida de ontem à noite e lutando contra o meu próprio desejo.

Ele geme, lambe a curva do meu ombro, fecha a boca sobre ele e morde.

Eu engasgo com a sensação de seus dentes em mim, afundando em mim. Eu me pergunto se vai tirar sangue, mas ele é cuidadoso para não rasgar a pele.

Ele se move dentro de mim, e eu estou esticando para ele, meu corpo à acomodá-lo. Querendo-o.

—Diga-me novamente que você não me quer.

Ele desloca as minhas mãos para uma das suas e desliza a outra para o meu quadril e de repente está frio quando ele levanta o peso

das minhas costas.

Movendo a mão que estava segurando meus pulsos na parte de trás da minha cabeça, ele me puxa para que eu esteja de joelhos. Quando ele aperta meus quadris, eu viro minha bochecha para o travesseiro e vejo-o atrás de mim, entre as minhas pernas, mãos no meu rabo, espalhando-me aberta, olhando para lá, olhando para mim a levá-lo.

Quando ele encontra o meu olhar, seus olhos quase brilham, pretos e brilhantes, sua boca se move em um sorriso e ele empurra forte e dói, mas ele sabe disso muito bem.

—Diga-me, porque tudo o que vejo é uma menina Willow morrendo de vontade de ser fodida.

São as palavras dele que me abalam, que são como um murro na barriga.

—Eu te odeio, — eu digo, e quando tento me afastar, ele aperta o controle sobre mim.

—Não, você não odeia. Você só gostaria de me odiar.

Ele desloca o olhar de volta para o meu rabo, e quando eu sinto o dedo no meu rabo, eu fico ereta. Mas não consigo fugir porque o aperto nos quadris está apertado e ele ainda está dentro de mim.

Ele ri, e eu estou inclinada para a frente, mãos planas contra a cabeceira. A sensação dele dentro de mim neste ângulo, é diferente.

Ele desloca seu aperto, uma mão que segura a minha barriga, a outra em torno de minha garganta. Ele puxa-me para trás, para ele, minhas costas para a frente, e seus impulsos são deliberados e profundos.

Eu viro o meu rosto um pouco e ele lambe a minha bochecha, beija a minha orelha.

—Eu vou foder o seu rabo virgem e apertado também, — ele sussurra.

—Vai se lixar.

—Você gozará com o meu pau no seu rabo, Amélia. Você vai implorar por isso.

Eu o odeio. Eu o odeio.

Mas esse ódio, é parte deste querer. É o que faz este calor tão quente.

Ele desliza a mão que está na minha barriga para baixo para o topo de minha boceta, para esfregar o meu clitóris, a barba de sua mandíbula arranha meu pescoço, a minha respiração está tão forte que eu tento me segurar, mas eu vou gozar.

Ele aperta a mão em volta da minha garganta.

Eu aperto a cabeceira, meus nós dos dedos brancos, e deixo sair um choro. Um gemido.

—Eu gosto de como você faz quando goza, — ele sussurra. — Como você fica tensa e pulsa em torno de meu pau.

E é o que meu corpo quer fazer, dar-lhe o que ele quer, ser obediente, eu gozo e quando isso acontece, ele segura-me na frente em minhas mãos e joelhos e seus impulsos são duros e ele engrossa dentro de mim e com um impulso final, ele para, gozando, e quando eu viro a cabeça para olhar para ele, eu vejo êxtase em seu rosto, vejo felicidade perfeita.

Bela felicidade.

E é impossvel manter o olhar longe.

Momentos depois, quando seus olhos se concentram mais uma vez, ele se deita em cima de mim, achatando-me contra a cama. Ele

ainda está dentro de mim e beija minha bochecha.

—Apenas uma garota querendo ser fodida, — ele sussurra, deslizando para fora de mim.

Eu puxo meus braços debaixo de mim e fecho as pernas quando eu o sinto derramar fora de mim. Eu não sei o que eu espero, o que eu quero, mas então ele sai da cama e se foi, a porta do banheiro fecha, o chuveiro é ligado e eu só me deito em sua cama e eu me sinto tão pequena. Simplesmente muito pequena.

O cheiro dele se agarra a mim. Está ao meu redor.

O nosso cheiro.

As coisas dele estão dentro de mim, pegajosas entre as minhas pernas, e tudo o que posso fazer é olhar para a luz desesperada para penetrar as cortinas pesadas.

Mas não pode e estou presa aqui nesta meia-luz. Nós duas estamos congeladas neste inverno.

O que estou fazendo?

O que eu quero?

Não, não o que quero.

Como?

Como eu quero isso?

Isto.

Ele.

Como diabos eu *o* quero?

Algo incha dentro de mim, algo triste. Um peso na minha barriga. Uma coisa tangível e palpável. E tudo de uma vez, meus olhos se

enchem de lágrimas e eu só olho para as janelas enquanto eu as deixo cair. Sinto-as deslizar sobre a ponta do meu nariz e para o travesseiro.

O chuveiro desliga e um momento depois, a porta do banheiro abre, e eu não quero que ele me veja assim. Mas ele anda pela cama, está usando uma toalha baixa sobre seus quadris e aquelas tatuagens, elas são um borrão de tinta escura em seu peito, seus braços, e ainda não estamos acabados.

Ele senta-se na beira da cama.

Fecho os olhos.

Ele toca na minha bochecha, coloca o meu cabelo atrás do meu ouvido, e ele é gentil. O oposto de ontem à noite. Oposto desta manhã. É mais fácil quando ele é bruto.

Com a ponta do polegar, ele esfrega uma lágrima na minha cara.

—Acho que as meninas Willow foram feitas para chorar, — diz ele.

Eu não olho para ele.

Mais lágrimas não virão.

E ele se levanta e se afasta e alguns minutos depois, ele se foi.

CAPÍTULO 11

Amélia

—Acho *que as meninas Willow foram feitas para chorar.*

Eu me deixei chafurdar por exatamente cinco minutos depois que ele saiu antes que eu empurre as mantas e me levante para tomar banho. Não posso ficar aí deitada sentindo pena de mim mesma. Não posso deixar que ele me afete.

Quando eu volto para o quarto, eu encontro vários sacos de roupas e sapatos esperando por mim. Tudo que eu poderia precisar por várias semanas e tudo do meu tamanho. Eu escolho um par de jeans e uma camiseta de lã quente juntamente com um par de botas que chegam até os meus joelhos.

Na porta, eu hesito, mas a minha espinha se endireita e abro-a para descer.

Não serei uma pequena boneca mansa. Eu não vou quebrar facilmente.

Gregory está tomando café e lendo o jornal quando eu vou para a sala de jantar. Ele olha para cima quando eu entro, olha para mim, acena uma vez em aprovação, em seguida, retorna sua atenção para o jornal.

Eu sirvo-me de um pouco de café e um croissant.

Ele acha que me conhece? Bem, eu também o conheço. Eu sei a fraqueza dele.

Eu só tenho que encontrar alguma maneira de usá-la contra ele.

Para fazê-lo se sentir o jeito que me faz sentir.

Ele dobra o jornal e o coloca de lado.

—São boas maneiras agradecer a alguém quando você recebe um presente.

—Desculpe?

—As roupas.

—As roupas não são um presente. Você me sequestrou, lembra? — Seu rosto escurece, e eu viro a minha atenção para agitar o creme no meu café. —Além disso, eu não pedi um presente.

—Você prefere andar pelada? Porque isso certamente pode ser arranjado.

Não duvido.

—Amélia?

Eu me viro para ele. Eu o olho. —Obrigado. —

—Não tem de quê, — diz ele, um lado de sua boca curvando-se para cima em um sorriso.

Foda-se. Você.

—Você deve telefonar á sua irmã hoje.

Estou surpresa com isso. —Porquê?

—Ela parece preocupada. Está mandando mensagens para você.

Ele tira o meu telefone, que estava no seu bolso, e desliza-o por toda a mesa para mim.

—Você leu minhas mensagens?

Ele encolhe um ombro.

—Quando ela descobrir o que você fez, ela virá me pegar.

—Provavelmente. Mas a coisa é, eu não acho que você vai dizer a ela. Porque eu não acho que você quer que ela venha buscá-la.

Eu não respondo.

—Além disso, não recebi tudo o que paguei.

Eu me encolho, suas palavras me fazendo sentir pequena.

—Você teria ido com ele? Com um estranho? — pergunta.

—Você não é um estranho? — E não me faz um tipo de prostituta?

—Somos diferentes, você e eu. — Qualquer zombaria foi substituída por algo quase triste. —Nunca fomos estranhos. A história viu isso.

Eu o vejo, e acho bela a poesia que ele faz. Uma poesia terrível e bonita. E naquele momento, acho que o vejo. Acho que vislumbrei o homem por baixo do monstro.

Mas foi tão rápido quanto veio.

E ele ainda é cada pedacinho do monstro.

Ele pega o telefone de volta, o vira, carrega num botão e coloca-o sobre a mesa entre nós.

Quando Helena responde no segundo toque, ele me dá um sorriso.

Amy? Onde você esteve? Eu tenho tentado ligar, — diz ela sobre o auto-falante.

—Oh. — Não estou preparada.

—Você está bem? Há algo de errado?

Eu olho para Gregory que está me observando com tanta confiança. Tanta, que ele sabe exactamente o que vou dizer.

—Amy?

—Estou bem, Helena. Desculpa. Eu só... — Eu olho para a mesa.

—Onde você está? Não estamos no meio da noite? Você está ferida? Aconteceu alguma coisa?

Merda. Diferença de tempo.

O sorriso do Gregory descobre cada um dos seus dentes.

Eu me movo para deslizar o telefone para fora da mesa e tirá-lo do alto-falante, mas ele pega meu pulso, e balança a cabeça.

—Amy? O que está havendo?

—Eu estou bem. Está tudo bem, eu digo. —Eu tenho este trabalho de última hora... Hum... na França. Outra garota ficou doente, então meu agente me enviou em seu lugar.

—França? Onde na França?

—Oh. Uh. Paris .

—Você está em Paris e não me disse?

—Foi tudo muito de última hora, e eu estive tão ocupada, e eu... — Eu acho. —Eu precisava comprar um novo carregador para o meu telefone já que o meu é o tipo errado... — Estou a divagar e Gregory está aproveitando cada segundo do meu desconforto. —A bateria morreu.

—Bem, quanto tempo você estaré aí? É só um vôo curto. Eu tenho certeza que o médico...

—Não. Não deve vir. Vou embora de novo amanhã. Voando de volta. Eu não vou ter tempo para vê-la.

—Bem, você não pode estender a viagem e vir para a ilha?

Eu faço uma pausa. Ela está tão perto, minha irmã. Posso ir até ela agora mesmo. Eu posso voar para Veneza. Eu posso pegar um trem.

É o que eu deveria fazer.

Se eu fosse sã, era o que eu faria.

Mas eu encontro os olhos de Gregori e eu sei que não vou.

—Não. Desculpa. Eu tenho outro trabalho quando estiver de volta.

—Uau, — ela pausa. —Isso é ótimo, Amy. Estou feliz que está funcionando para você.

A culpa torce meu coração.

Eu sou uma mentirosa.

Estranho que a única pessoa para quem não estou mentindo é para o meu inimigo.

—Eu tenho que ir.

—Tem certeza que está bem? — Helena pergunta. —Você não soa como você.

—Sim. Apenas cansada. Eu esqueci de perguntar como você está.

—Bem. Cansada também.

—Eu aposto. — Não sei mais o que dizer.

—Amy...

—Eu tenho que ir. Estão me esperando. Ligo assim que puder, está bem?

Está silenciosa. Preciso desligar o telefone. Helena me conhece muito bem.

—Falo com você em breve, — eu digo.

—Tchau. —

Eu desligo, enfio o telefone no bolso do meu suéter.

—Está no médico? — Gregory pergunta.

Eu olho para ele e me pergunto se ele sabe. Se sabe que Helena está grávida.

—Eu não sei, — eu minto.

Ele me observa, para, caminha para trás da minha cadeira. Ele chega no meu bolso para pegar o telefone.

—Você é uma boa mentirosa. Melhor do que eu esperava que você fosse.

Eu exalo.

Ele acreditou que eu não sabia sobre o doutor.

Ele desliga o telefone, tira a bateria novamente, em seguida, empurra-o em seu bolso.

Matteo entra então. Ele está vestindo seu casaco e diz algo para Gregory em italiano.

Gregory responde, e vira para mim. —Voltarei mais tarde. Se precisar de alguma coisa, Irina está aqui.

—Onde você está indo? — Eu pergunto.

—Eu tenho algumas coisas para cuidar.

—Onde?

—Roma. —

—Roma—?

Ele não tem nada.

—Posso ir?

Ele para, surpreso, e eu acho que ele vai dizer não.

Eu paro, coloco minhas mãos nos meus quadris. —Se você vai continuar me fodendo, eu provavelmente deveria ter certeza que minhas pílulas estão atualizadas. Nenhum de nós quer outro bastardo Scafoni no caminho, não é?

Acho que o peguei.

Dou-lhe um sorriso, dou-me um tapinha mental nas costas.

Sua postura relaxa, ele inclina sua cabeça para o lado. —Você acabou de tomar a injeção de controle de natalidade. Você acabou de tomar há três semanas.

Meu sorriso desaparece.

O dele cresce.

—Não sou estúpido, Amélia. Eu não iria entrar em você se houvesse alguma chance de ter um filho com uma prostituta Willow.

Acho que estou fisicamente hesitando. Como podem as palavras deste homem fazer tanto estrago?

Como elas podem me ferir tanto?

—Pelo menos concordamos com isso então, — Eu digo, tendo que

me forçar a segurar o seu olhar, embora a minha voz pareça fraca.

Ficamos lá por um longo minuto estranho antes que ele finalmente fale. —Termine o seu café da manhã.

Isso é um sim?

Eu dou uma mordia no meu último croissant e a metade restante jogo em minha boca.

—Feito, — eu digo rapidamente, não querendo que ele mude de idéia.

As sobrancelhas dele sobem, mas ele não diz nada. Em vez disso, indica para eu andar à frente dele para a porta, pega um dos casacos pendurados no vestibulo e segura-o para mim. É um longo casaco de lã cinza com botões com fecho na frente. E fica perfeito, tal como as outras coisas.

Depois de ele abotoar, ele coloca o seu e nós vamos para fora, onde Matteo está esperando com o carro.

É bom sair, embora esteja congelando. É bom sair daquela casa.

O sol está brilhante, e a neve ainda está coberta por uma camada de gelo, tudo congelado.

Eu assisto quando Matteo faz a curva íngreme indo para a colina, corre partindo com os pneus pesados do SUV. No caminho passamos uma pequena aldeia e, eventualmente, por uma rodovia que nos leva a Roma.

A cidade é linda e movimentada com turistas e moradores locais. O tráfego é muito mais pesado do que eu esperava, buzinas de carro e pessoas que atravessam em ruas que eu não ousaria.

Matteo segue alguns metros atrás de nós, Gregory segura meu braço o que é uma coisa boa, porque tenho certeza que seria atropelada por um carro devido a boca aberta que tenho olhando os

edifícios antigos, igrejas e praças que são a paisagem que tem aqui.

—Eu nunca vi nada parecido com isso, — eu digo.

Gregory para, olha para mim e olha a minha volta como ele estivesse vendo isso de forma diferente pela primeira vez.

Ele não tem ideia de como é sortudo por ter crescido cercado por toda essa história. Deve ter sido tão excitante, emocionante.

—Apenas tome cuidado para não ser atropelada por um carro.

—Você ficaria triste?

Ele sorri. —Matteo vai levá-la para comprar o que você precisa.

Eu olho para Matteo e não sei por que isso importa, por que deveria me importar se é Gregory ou Matteo. Ambos são meus carcereiros, não são?

O que ele disse naquela noite no bar? Diabo você sabe?

—Onde você está indo? — Eu pergunto.

Ele põe o dedo na ponta do meu nariz como se eu fosse uma criança. —Pequena menina Willow curiosa.

—Pare de me chamar assim. Não sou menina Willow.

Ele aperta o meu colarinho, puxando-me para ele, mas não é bruto, apenas abrupto. —Seja boazinha. Faça como Matteo disser, ou eu vou castigá-la, você entende?

A emoção que senti por estar aqui se dissipa e eu aceno minha cabeça.

—Matteo, — diz ele, não tirando os olhos de mim, liberando-me, ajustando meu casaco. —Leve-a para onde ela precisar ir.

Ele acena, e Gregory está prestes a ir embora, e eu odeio isso,

mas eu limpo a minha garganta. Ele verifica o relógio, levanta as sobrancelhas.

—Eu não tenho nenhum dinheiro.

—Matteo cuidará disso.

Eu levanto meu queixo para cima, meus lábios apertando. Detesto isto.

Ele vem em minha direção. — Como se fala, Amélia? — ele provoca.

Eu ranjo meus dentes. —Obrigado, Gregory.

Ele sorri, em seguida, sai, desaparecendo na multidão.

Eu olho para o Matteo que não parece muito desconfortável ou contente por ter que cuidar de mim.

—Existe uma farmácia? — Eu pergunto.

Ele acena afirmativamente, e nós andamos alguns quarteirões para uma farmácia onde eu gasto cerca de 45 minutos olhando para as coisas que eu não preciso, porque as farmácias aqui são muito diferentes do que conheço. Eu compro alguns itens essenciais e decido sobre alguns não essenciais também, lip gloss, máscara, delineador de olhos. Um pouco de disfarce porque estou começando a parecer um guaxinim com a falta de sono.

Quando terminamos, eu vejo um cabeleireiro ao virar a esquina, e tenho uma ideia.

Instantaneamente, uma voz de advertência muito alta dentro da minha cabeça grita não. Gritos diziam que seria estúpido provocá-lo. Que eu estaria pedindo a sua ira.

Mas as minhas pernas carregam-me, e o Matteo segue-me até à porta onde o paro.

—Eu preciso consertar isso, — eu digo, apontando para o meu cabelo. —Provavelmente levará um pouco de tempo. Como uma hora ou talvez mais. Por que não vai buscar um café ou algo assim? — Eu aponto para um café do outro lado da rua.

Ele me dá um sorriso muito parecido com o de Gregory. —Boa tentativa.

Eu sopro em um frustrado bufo. —Basta esperar lá fora, então. Não vou fugir. Não tenho para onde ir e sem dinheiro? E eu não preciso de uma babá.

—Eu preciso fumar de qualquer maneira, — diz ele.

Isso funciona muito bem.

Eu entro e é um pequeno lugar com uma mulher mais velha tendo seu cabelo enrolado em bobes e uma cabeleireira lendo uma revista atrás do balcão.

Ela olha para cima quando eu entro, e eu vou até ela.

—Você pode consertar isso? — Eu peço gesticulando para a parte de trás do meu cabelo, que está torto. Eu literalmente tinha agarrado um punhado dele e tentado cortá-lo em linha reta e durante a noite eu o tinha pintado.

Ela olha para ele, diz algo em italiano e gesticula para eu me sentar.

—Além disso, eu gostaria de um pouco de cor.

Eu pego uma revista que tem várias cores de tinta para cabelo, aponto para a que eu quero e onde eu a quero em meu cabelo. Ela claramente acha que é uma má ideia, mas encolhe um ombro e começamos.

Posso ver Matteo no reflexo do espelho. Ele está ocupado em seu telefone e fuma dois cigarros de seguida, olhando para trás para

verificar se eu ainda estou lá a cada poucos minutos. Dou-lhe um sorriso e um aceno. Depois que ele termina com seus cigarros, entra no salão e senta-se, ainda ocupado em seu telefone.

Mas não importa se ele está aqui. Ele não faz ideia do que fazendo. Eu me pergunto se ele estava mesmo na ilha. Se ele conhecia Helena ou se já a viu.

Cerca de uma hora e meia depois, a menina tira meu avental em um toque. —Voilá! — ela diz, e eu dou uma olhada. Viro a cabeça um pouco para verificar a cor.

É perfeito.

Em um rápido olhar, eu poderia ser ela.

Eu ignoro o sentimento forte em minha barriga e levanto-me. — Eu amo isso, — eu digo a ela.

Matteo está também claramente confuso com a minha escolha na cor, mas paga a menina e nós partimos.

Ele verifica o relógio.

Estou mordendo meu lábio, querendo saber se eu deveria comprar um chapéu. Fico em dúvida.

—O Sr. Scafoni estará terminado em poucos minutos.

Eu olho para Matteo. —*Mr. Scafoni* pode esperar um pouco mais. Preciso de mais algumas coisas.

Ando à frente dele na loja de materiais de arte, espio alguns produtos à distância. Dentro, eu pego dois novos cadernos de desenho o meu está cheio e alguns lápis.

Na caixa registradora, eles têm um expositor de boinas. Elas são de feltro, não chapéus reais, ou não destinados a ser usado como tal. Há um personagem de banda desenhado, com bigode pintando uma cena vestindo uma das boinas, mas eu não entendo o texto. Ainda

assim, eu pego uma, corto a etiqueta e colococa-a no balcão e coloco meu cabelo dentro da boina, ignorando a mesma voz que vive dentro da minha cabeça agora me chamando de medrosa.

—Agora acabei, — eu digo depois de Matteo pagar. —Embora eu esteja com fome.

Ele rola os olhos. —Vamos lá. — Ele pega meu braço e eu sigo, carregando minhas duas sacolas. A neve leve começou a cair novamente, apenas alguns flocos, mas parece ainda mais frio do que antes.

Leva-nos quinze minutos para chegar a uma pequena rua, quase um beco, que está totalmente tranquila em comparação com o resto da cidade. Lá, no canto mais distante há uma pequena sala de tatuagem.

Matteo abre a porta e eu ando e é mais comprida do que parece, e muito escura. A música grita no alto falante e percebo qual é a sua atividade. O que ele esteve fazendo.

Meu rosto fica mais sério quando eu o vejo na parte de trás. Ele deve ter me visto quando entrei porque seu olhar sombrio está em minha intenção.

Se dói, ele não mostra. Eu nunca fiz uma tatuagem, então não sei.

Vou andando. Eu quero ver. Mas Matteo me segura pelo braço.

—Ele está quase terminando. Sente-se.

Eu puxei meu braço liberando-o e não me sento.

Continuamos a vigiar-nos, Gregory e eu, a minha pele a formigar com o seu intenso olhar.

A garota que está trabalhando nele diz algo, olha para mim. Eu instantaneamente não gosto dela. Ela é linda, com longos cabelos pretos e tatuagens em ambos os braços e até mesmo pequenas

estrelas coloridas em sua têmpora.

Ele responde a ela e, em seguida, alguns minutos depois, ele acabou.

Ele para, olha para trás, para seu ombro no espelho, ainda muito longe para eu ver.

Ela aponta algo e eles têm uma conversa rápida enquanto ela coloca algo sobre a tatuagem para protegê-la.

Eu quero ver. Estou desesperada para ver.

Eu me pergunto o que eu posso trocar para ele me deixar ver.

Mas então esqueço o que fiz, o que está dentro da boina de feltro. Eu toco os fios grossos, e vejo-o entregar à menina uma pilha de notas antes de voltar o olhar para mim enquanto veste sua camisa.

A menina guarda o dinheiro no bolso de trás, e eu sinto uma pontada de ciúme, porque ela conhece essa outra parte dele, esta parte íntima e muito pessoal.

Ele caminha em minha direção, e eu não posso segurar o meu olhar de cair nas linhas de músculos em sua barriga dura, seu peito esculpido e sinto o meu rosto aquecer quando me lembro como estávamos esta manhã.

Ele atrás de mim.

Me segurando.

Dentro de mim.

Quando encontro os olhos dele, ele diminui o dele e eu sei que ele sabe o que estou pensando.

Ele não diz nada além de elogiar meu chapéu, no entanto.

Eu toco nele, ajustando-o, tentando esconder os fios de prata

embaixo dele.

—Obrigado. —

Ele veste o casaco, o silêncio entre nós pesado.

—Você tem tudo que precisa? — ele pergunta.

Eu aceno, não olhando muito para ele.

—Você tem uma tatuagem. — Eu me pergunto se ele vai estar coberto da cabeça aos pés em com tatuagens quando ele tiver acabado.

Ele coloca seu casaco, caminha para mim enquanto o aperta.

—Você mexeu no seu cabelo, — diz ele, e eu não tenho escolha senão enfrentá-lo.

Eu vejo a mudança em seus olhos instantaneamente.

Sua mão grande segura um punhado de cabelo, escuro e claro todos na mesma aderência. Eu olho para ele, mas seus olhos estão na cor de prata, e então ele tira a boina da minha cabeça e mais cabelo cai em sua mão e eu acho que isso foi uma péssima ideia. A pior ideia.

Ele encontra meus olhos e minha barriga parece estranha, como se um tijolo tivesse caído dentro dela.

Ele segura a boina em sua mão e envolve a mão enluvada ao redor da parte de trás do meu pescoço, virando-me apressadamente em direção à porta e eu posso sentir sua raiva crescendo e tudo o que posso fazer é abraçar minhas sacolas mais perto e tropeçar junto com ele quando seu aperto fica mais forte.

Eu abro a boca para dizer algo uma vez que estamos na rua, os flocos se transformaram numa neve forte, pesada, mas minha garganta está seca, e não posso falar.

Ele também não fala. Ele só me encaminha rapidamente para o

carro, e uma vez que estamos lá, me coloca no banco de trás e prende o meu cinto de segurança, mas ele não se senta ao meu lado. Em vez disso, ele vai na frente com Matteo, discutindo com ele em italiano e eu acho que provavelmente coloquei Matteo em apuros também.

A volta é a mais longa e meu estômago está agitado quando chegamos perto de casa. Espero que ele esteja um pouco mais calmo quando nos encontrarmos, mas no instante em que Matteo estaciona o SUV, Gregory abre a porta.

Ele gesticula para eu sair e posso sentir a raiva rolando para fora dele. Seu silêncio é uma máscara muito fina para o que está por baixo.

Faço algumas tentativas para soltar meu cinto de segurança e ele pega o meu braço antes de meus pés até mesmo tocarem no chão quando eu deslizo para fora do SUV, entramos rapidamente, lá mal sinto o calor do fogo quando entramos. Ele me encaminha rapidamente pelas escadas, ainda não dizendo uma palavra, em olhando para mim.

Só quando chegamos ao quarto dele ele me liberta.

Eu tropeço quando ele me solta, esfregando meu braço.

Ele me dá um olhar duro antes de ir para o banheiro, e eu estou confusa, mas então ele está de volta um momento mais tarde e está segurando um par de tesouras.

—O que você está fazendo? — Eu afastei-me dele quando ele se aproxima lentamente, quase calmamente. Mas não está calmo. Nem um pouquinho.

O brilho das tesouras, afiadas em sua mão.

—Eu não sei quem você é?, — ele pergunta.

Minhas costas batem na parede. —O que você está fazendo com isso?

—Eu sei exatamente quem você é. — Ele se aproxima, pega um punhado do meu cabelo, as madeixas recém coloridas.

Eu aperto o pulso dele. —Não, não!

Ele puxa o cabelo. —O que você estava pensando para fazer isso? Que você iria foder comigo de alguma forma?

—Porque iria foder você? Quer dizer, se você não está apaixonado por ela, porque iria foder com você?

Ele me puxa para ele por essa madeixa de cabelo para minha cabeça ficar curvada em um estranho, quase subserviente e doloroso ângulo.

—Você quer ser ela? — ele pergunta, e não espera que eu responda.

Eu solto um grito quando ouço o som daquelas lâminas afiadas fechando, vejo os fios de prata e cabelo preto escorregando de seus dedos.

—Pare! — Tento arrastá-lo para impedi-lo. Eu acho que ele vai arruiná-lo, cortar todo o meu cabelo e eu sou vaidosa o suficiente para ter medo. Para estar aterrorizada.

Mas ele se afasta, liberando-me, nós dois estamos olhando para esse punhado de cabelo, em prata e preto, e ele o solta, o cabelo flutua para o chão e nós o vemos cair aos nossos pés e eu estou tocando minha cabeça, o curto bocado de cabelo em um lado.

Ele olha para mim e eu sei que não acabou.

Estou me afasto.

Ele derruba a tesoura no chão, e eu percebo que estou chorando, e acho que ele está certo. Eu sou fraca.

Sem uma palavra, ele vem para mim e seus olhos são ferozes,

quase completamente negros.

Assim como na noite anterior, ele aperta meu rosto, aperta minhas bochechas, dói e me pergunto se vou ter hematomas amanhã.

Seu outro punho bate na parede ao lado da minha cabeça eu queria gritar, mas não posso abrir a minha boca, estou soluçando agora e tremendo e apavorada como demais.

—Não pense que você pode foder comigo, — ele cospe. —Nunca pense que pode foder comigo.

Ele aperta meu rosto duro mais uma vez antes de me liberar, anda para trás, os olhos ainda em mim e eu acho que ele se esforça para ir embora.

Para não me magoar.

Quando eu escorrego para o chão, ele só me observa e pisando na pilha de cabelo prateado, meu cabelo.

Dela.

Como o dela.

E ele olha para baixo apenas por um segundo, apenas uma fração de segundos e depois ele se foi, e a porta bate ao fechar, e eu ouço a virada de fechadura e eu só fico lá, de joelhos, abraçando meus braços, tentando parar o tremor.

Tentando respirar.

CAPÍTULO 12

Gregory

Eu menti.

Ela pode foder comigo.

Ela fodeu comigo.

Ela sabia exatamente o botão para isso.

Gastei toda energia que tinha para sair daquele quarto. E trancá-la, era tanto para mantê-la segura como para puni-la. Talvez mais. A raiva que senti ao ver o que ela tinha feito, não tenho certeza se a poderia ter controlado. Controlava-me.

Essa provocação, esse conhecimento, a provocação calculada, o que diabos ela estava pensando?

E eu estou tão afetado? Essa é a questão importante aqui.

Mas foda-se, tudo ao mesmo tempo. A garota da sala de tatuagens mencionou quem estava na cidade. Mencionou que ele estava me procurando. Não sei o que ele quer comigo, mas teve algum trabalho para se certificar de que sei que ele está aqui.

Eu abano a cabeça, olho ao redor da sala vazia.

Pelo menos ela está lá em cima.

Pelo menos a casa não está vazia.

É tarde e uma neve pesada está caindo lá fora. No interior está quente, no entanto, e eu estou sentado na sala de estar em frente ao fogo, observando-o. As cortinas são desenhadas para corresponder ao

meu humor.

Matteo não sabia, eu sei, mas foda-se.

Eu tomo um gole de uísque direto da garrafa. Desisti do copo há uma hora. Minhas costas, atrás do meu ombro, latejam. A pele tatuada está macia. Eu deveria cuidar disso, mas eu pressiono na parte de trás da cadeira.

Dor.

Mais dor.

Mais para vir. Minhas costas estão inacabadas.

Eu olho para minha mão enluvada. Fecho-a em um punho. A abro.

—Você estava apaixonada por ela?

Será que ela perguntou inocentemente? Acho que sim. Não acho que Helena lhe contou nada. Se ela tivesse contado, Amélia teria mais munição.

Mas tão inocente quanto sua pergunta era, minha resposta lhe estava dizendo.

Eu me obriguei a pensar nela.

Helena.

Sebastian dividindo-a comigo. Nunca a deu totalmente. Controlando cada toque. Cada respiração.

E eu indo junto com ele.

Porque diabos eu fui junto com ele?

Penso nela naquela noite na cozinha da casa de Lucinda. Acho que foi a noite que mais me feriu. Essa foi a verdadeira traição. A

marca, que era só eu não ter sentido o suficiente para ver o que era tão dolorosamente claro o tempo todo.

Mas eu estou ou eu estava apaixonada por ela?

Eu penso nisto. Eu me obriguei a isso.

Crescendo, Sebastian achava que ele tinha sido o mais maltratado. Mas eu não sei se ele percebeu o quão fodido é quando é a sua própria mãe que te põe de lado.

Ele não era filho biológico de Lucinda, e, de uma maneira, eu posso ver seu ódio por ele. Ele bloqueou o caminho para o que ela queria. Ele ficou como um símbolo de como ela nunca foi primeiro, não para o nosso pai, não quando ele veio para sua irmã, não quando veio para a menina Willow, não quando ele veio para seu enteado.

Estou a tentar lembrar-me se ela amava mais Ethan depois do acidente.

Acidente.

Eu bufo.

Que piada. Eu sabia o que Sebastian fez.

Vi a culpa na cara dele.

Com Ethan, ela teve seu filho primogênito. Algo de enorme valor para a família Scafoni. Acho que eu era uma espécie de plano de retaguarda. O sobressalente.

Um tronco rola para fora do fogo da lareira.

Eu me levanto, vou até ele. Empurre-o de volta com a ponta do pé do meu sapato. Eu me inclino contra a verga da chaminé e olho para as chamas ardentes.

Por que diabos estou aqui sentado sentindo pena de mim mesmo? Porque ligar se minha mãe não me amava. Que se lixe. Eu

não me importo. Nunca importei.

E eu acho que a rejeição de Helena, escolhendo Sebastian, talvez fosse apenas uma extensão do que eu sabia o tempo todo.

Nunca ninguém me queria.

Nunca ninguém me escolheu ou amou.

—Jesus Cristo. —

Sou patético.

Eu bebo, engolindo o último gole de uísque. Pouso a garrafa na beirada da chaminé e vou para as escadas, parando lá. Olhando para cima.

Tudo é diferente com ela e eu não sei porque é assim, não achei que seria assim. É como se tê-la aqui agora tornasse as coisas diferentes. Não tão inútil ou vazio.

Vou dar um passo, tropeço, paro. Eu deveria deixá-la. Por esta noite, eu deveria deixá-la.

Mas não posso.

Eu escalo as escadas, andando onde o corrimão deveria estar, olhando para o chão de pedra.

Um deslize, um passo perdido, e eu iria cairia.

Eu exalo, colocando minha mão em meu bolso pegando a chave, não me afastando da borda, mesmo quando eu tropeço no último passo.

Notavelmente, eu estou em silêncio quando ando pelo corredor em direção ao meu quarto. Como um dos fantasmas que assombram esta casa.

Eu faço uma pausa na porta. Escuto. Não há som lá dentro. Eu

destranco a porta, empurro para abrir.

Ela está sentada no chão, de costas contra o pé da cama, um livro de esboços aberto nos joelhos, lápis na mão.

Ela olha para mim, e parece que está chorando há dias.

Pequenas pontas prata de cabelo estão saindo de onde eu cortei os fios, mas ela pegou o cabelo do chão e as tesouras e guardou.

Eu vou até ela, ver como aperta o lápis que está segurando.

Sento-me na beira da cama. Olho para o que ela esboçou. Não que eu precise. Eu sei o que é.

Ela olha para ele também.

Uma lágrima cai de sua bochecha para o caderno de esboços, a bolha manchando a página.

Ela limpa-a com a ponta do dedo e observa a mancha se espalhar até ao final da página.

Ela não consegue parar de desenhar aquela noite mais do que eu posso parar de tatuar minha pele.

A noite da colheita fodida com todos nós.

Acho que nenhum de nós percebeu isso.

Na noite em que seus pais as fizeram usar aquelas roupas apodrecendo que exigimos deles, na noite em que colocaram suas filhas naqueles blocos para o filho Scafoni primogênito tomar sua escolha... Ninguém sabia que isso nos quebraria. Nos despedaçaria.

Eu olho para o livro.

Este esboço particular, é diferente dos outros.

Ela coloca a mão sobre a parte que mais me interessa,

escondendo-a de mim.

Eu me abaixo, fecho a minha sobre a dela, olho para a diferença em nossas mãos. A minha é enorme. Enluvada. A dela é pequena. Pálida.

Se ao menos ela soubesse a feiúra debaixo daquela luva.

Eu afastei a mão dela.

Ela costuma desenhar Sebastian. Sebastian e Helena.

Mas este aqui, sou eu. Sou eu de pé onde o Sebastian estava olhando para a garota do bloco. Mas ela desenhou chifres saindo da minha cabeça. Chifres de bode.

Ou de Satanás.

Eu rio disso, é um tipo estranho de risada e talvez seja o álcool, porque não é engraçado, não quando você olha para os olhos. Olhos tão cheios de emoção que eu posso sentir o que ela está sentindo, o que ela sentiu quando ela os desenhou.

É a coisa que se lança à sua volta como uma entidade viva e respirando. Como se estivesse sugando o ar para fora da sala. Como se estivesse escoando a vida dela.

Desejo.

Isso é o que é.

Ela anseia.

Nós dois ansiamos.

E esta fome vai devorar-nos.

A garota no bloco, eu não posso dizer quem é. Eu não sei agora se é Helena ou Amélia na minha frente. Porque agora, com seu cabelo escuro, elas parecem tão semelhantes ou ela desenhou para que elas

ficassem indistinguíveis ou eu estou muito bêbado e tudo está confuso.

Eu solto o pulso dela, querendo ver. Querendo saber.

Outra lágrima gorda cai pesada para a página e desta vez quando ela coloca a sua mão sobre ela, é para agitar o molhado através dele como talvez ela possa limpar essa noite. Esfregá-la fora da página. Apagá-lo do passado.

—Não, — eu digo.

Mas ela não escuta. Ela esfrega mais lágrimas de seus olhos e mancha-as ao redor da página, destruindo-a.

—Por que você continua desenhando isso?

—Eu não sei.

Ela para.

Eu espero.

—Para que eu possa apagar, — diz ela, sua voz mais silenciosa. —Parar com isso antes acontecer.

—Por que você fez isso? Colorir seu cabelo como o dela?

Ela vira a cabeça, olha para mim. Os olhos dela estão inchados, vermelhos de chorar. —Talvez a mesma razão que você faz as tatuagens. — Ela limpa o rosto, deixando um risco de lápis na bochecha, e fica quieta novamente.

—Eu não a amo. — É a primeira vez que eu disse essas palavras em voz alta e é um alívio porque eu acho que elas são verdadeiras. Mesmo bêbado como estou, acho que são verdadeiras.

Ela vira o olhar de volta para o meu novamente.

—Deixe-me ver, — diz ela.

—O quê?

—Tire a camisa. Deixe -me vê-los.

Eu abano a cabeça.

Um canto de sua boca se curva para cima, mas é mais triste do que qualquer outra coisa.

—Você está obcecado com ela e você nem sabe disso.

—Você está errada.

—Prove. — Ela coloca o caderno para baixo, vira e então ela está ajoelhada entre meus joelhos enfrentando-me, as mãos nas minhas coxas. —Mostre-me. Mostre-me o que eles fizeram com você.

As palavras dela me golpeiam. Fazem-me parar.

—Mostre-me o que eles fizeram com você.

Continuo a olhar para aquela folha de papel. Na bagunça de preto, branco e cinza como a destruição que um furacão deixaria para trás, e eu sinto essa coisa dentro de mim, e eu quero que se vá. Só quero que se vá.

—Eles fizeram um monstro de mim. — Quase não reconheço a voz estranha e quebrada.

Ela estuda-me e se ela vir minhas costas, vai saber o que aconteceu naquela ilha. Vai saber de tudo. Ou a maioria de tudo. As tatuagens ainda não terminaram.

—Mostre-me. Por favor.

Talvez facilitará se eu o fizer.

Talvez eu possa lidar com isso então. Mostrando a ela. Deixá-la

ver. Ser o dono, em vez de deixar que seja dono de mim.

—O que você vai me dar em troca? — Eu pergunto.

Ela considera isso, evitando seu olhar, mordendo o lábio. Eu a vejo.

Quando ela olha para mim, eu penso o quanto eu gosto dos olhos dela.

Quão diferente ela é do que eu pensei antes.

Como ela é muito mais.

Talvez seja o nosso desejo compartilhado que a faz assim. Isso me faz vê-la assim.

Ela chega centímetros mais perto, e suas mãos parecem quentes nas minhas pernas e eu só sento lá porque ela nunca me tocou antes. Não de boa vontade. Na verdade, não.

Eu olho para elas, suas mãos pequenas, pulsos frágeis. Olho para trás para a sua cara. Mesmo inchada de chorar e manchada com lápis, ela é linda, mas muito mais. Muito mais do que uma loteria genética.

—O que você vai me dar em troca? — Pergunto de novo, e acho que algo mudou entre nós. Agora algo está diferente.

Ela engole. O quarto está tão silencioso, eu ouço.

Ela se inclina para a frente, e eu fico parado, e ela toca seus lábios nos meus. Apenas os toca, quase uma cócega, é tão leve.

Eu permaneço como estou, e deixo-a.

Eu não toco nela.

Eu não toco.

Não a forço.

E ela beija-me.

Quando ela puxa para trás, suas bochechas estão coradas. Eu afasto-me, ponho minha mão horizontalmente sobre seu coração. Sinto o bater dele, o bater rápido batida após batida.

Ela faz o mesmo, coloca a mão sobre o meu coração, e seu toque, é elétrico. Vai queimar-me. Fazer cinzas de mim.

—Eu vou dar-lhe tudo o que você pedir, — diz ela.

—Eu posso tomar qualquer coisa que eu quiser.

—O que você mais quer é que eu dê a você.

Foda-se.

Esta garota.

Foda-se.

—Nos meus termos, — eu digo. Preciso manter o controle disso. Dela.

Depois de um momento, ela assenti.

Eu seguro a parte de trás da cabeça dela, puxo-a para mim. Eu a beijo, beijo-a do meu jeito, e ela se abre para mim. *Para mim.*E eu gosto dela, toco minha língua na dela e quero devorá-la. Eu vou. Eu puxo-a para mais perto, mas não vai nunca ser perto o suficiente, porque este beijo, este, é tudo.Cada coisa.

Quando eu interrompo o beijo, ela está sem fôlego.

E eu também.

Soltando-a, desabotoo minha camisa até o umbigo, abro-a.

Os olhos de Amélia estão no meu peito, e não consigo ler a expressão dela. Ela está cuidando disso.

Ela me alcança, toca-me, e os dedos, queimam a minha pele onde ela traça a primeira e maior tatuagem. Está aqui, é familiar para ela. É o desenho dela. Quatro blocos. Quatro meninas Willows. Duas desfocadas. Duas claras. Uma nítida.

Velas.

Mil velas.

Fantasmas pendurados nos cantos, manchas de branco sujo, nas sombras, pouco, escasso, quase inexistente.

Lembro-me do rosto da tatuadora quando ela viu o desenho pela primeira vez. Quando contei o que queria.

Amélia segue a tinta pela extensão do meu peito, meus ombros, meus braços, um crânio, o Mausoléu, as asas de um anjo meio quebradas, um observador, o posto de chicotadas.

Vazio.

Por enquanto.

É diferente nas minhas costas.

Ela passa os próximos quinze minutos estudando cada centímetro do meu peito e braços com os olhos, os dedos e eu sinto cada momento disso, cada toque, cada cócega de suas pontas dos dedos.

Por que estou dando isso a ela?

Ela pega a minha camisa, empurra-a para fora dos meus ombros, trabalhando lentamente, deixando-me sentir as mãos em mim. Ela é terna, cautelosa, diferente de quando eu a toco.

Ela fica em pé para se mover atrás de mim, mas eu não estou

pronto para dar-lhe isso ainda. Eu pego os pulsos dela. Parando-a.

—Eu quero

Eu abano a cabeça. —É o suficiente.

—Nós concordamos.

—Meus termos. —

—Mas

—Você não pode esquecer as coisas que vê, Amélia.

Ela olha para mim, sua expressão confusa.

Eu a liberto, levanto-me, puxo minha camisa de volta sobre meus ombros e caminho até á porta. Estou cansado.

—O que você quer? — ela pergunta por trás de mim.

Eu olho para ela, me viro para ela, olho de soslaio para ver os hematomas fracos formando em seu queixo. As minhas impressões digitais.

Só minhas.

Porque ela é minha.

Toda minha.

Minha própria menina Willow.

Não.

Não, não é isso.

Mais do que isso.

Ela continua ajoelhada, olhando para mim e eu vejo-nos assim, eu aparecendo sobre ela, ela de joelhos diante de mim e tudo que eu

posso pensar é que ela está condenada porque eu nunca vou deixá-la ir.

Nunca.

—O que você quer? — ela pergunta novamente, confusa. Talvez um pouco desapontada. —Nossa troca.

Tudo. Ela ainda não sabe?

Vou andando até à porta.

—Gregory?

Paro. Eu não olho para trás.

—Eu recolherei mais tarde.

CAPÍTULO 13

Amélia

Eu ainda estou tentando entender o que eu fiz quando acordo na manhã seguinte. Eu pensei sobre isso a noite toda. E o pensamento está apenas continuando. Quando eu o beijei, ele parecia quase chocado com isso. Eu sei que estava.

E então, o que ele fez. Colocou a mão sobre o meu coração.

E o que eu fiz. Coloquei a minha sobre o dele.

Eu aperto minha cabeça, abro minhas pálpebras e eu percebo que eu não estou sozinha.

Eu não sei quando ele veio para a cama, mas ele está ao meu lado agora e eu estou enfiada no peito dele. Ele está me segurando e ele está quente e eu não consigo nem lembrar se eu sonhei.

Mas quando percebo o que estou fazendo, como estou enrolada nele, tento afastar-me, mas o braço dele aperta-me mais.

—Você fala em seu sono, — diz ele, e ele soa como ele soava antes de ontem à noite. Como se a porta que esteve, por um momento breve, aberta, fosse mais uma vez, bloqueada e trancada.

—Eu não falo.

Eu o empurro, e ele me deixa rolar para as minhas costas. Eu me viro para ele, encontro-o me observando, vejo um livro na mão que não estava segurando.

—Há quanto tempo você está acordado? — Eu pergunto.

—Há um bocado. — Ele coloca o livro de lado e seu olhar viaja para o meu peito e eu olho para baixo. Eu estou vestindo um top e

shorts de pijama, mas eu ainda puxo o cobertor mais para cima. —Eu não queria acordá-la. Você não se acalmou até que o sol surgiu.

—Eu só não estou acostumada a isto aqui ainda. Que horas são?

—Onze. —

Eu sento-me, esfrego os olhos. Deve ser a diferença de horas.

Ele me observa e eu olho para ele, para seus ombros largos, as tatuagens lá, meu olhar caindo sobre as asas quebradas do anjo cujo rosto está escondido atrás de um borrão e é estranho ver isso. Familiar, quase. Ele se move para se sentar e meu olhar se desloca para a ondulação dura dos músculos em sua barriga. Vendo-o assim, me deixa com água na boca. Isso me faz o querer.

Eu engulo, limpo a garganta porque quando olho para os olhos dele, sei que ele sabe o que estou pensando. Sei que ele sabe o seu efeito sobre mim.

—Eu quero algo, — eu digo, empurrando esse pensamento de lado, porque eu tenho uma ideia.

—Quer? — Ele sorri.

—Não é o que você pensa. — Eu rolo meus olhos, tentando fazer pouco caso. Começo a sentar-me.

—Isso é muito ruim, — diz ele, subindo em cima de mim. —Deite-se.

—Isto não é... — Eu empurro contra ele, mas eu não posso sair de baixo do seu peso.

—Você deve dormir nua a partir de agora, — diz ele, despindo-me.

—Pare. —

—Abra suas pernas, — ele diz, olhando para mim.

—Gregory

—Você quer. Você sabe que quer isso, agora abra suas pernas.

Eu olho para ele e quando hesito, ele pega minhas coxas, empurra-as abertas, fixando-as na cama, e olha para mim. No meu sexo. Ele mergulha a cabeça para baixo e lambe toda minha extensão e eu sobressalto.

—Você tem bom gosto, — diz ele, encontrando meus olhos.

—Eu... — Mas ele está me lambendo de novo, e eu não sei porque eu vou tirá-lo de mim. É a última vez que quero, mas ele me impede de qualquer maneira. Ele agarra meus pulsos os mantem separados e circula meu clitóris com a língua antes de tomá-lo entre os lábios e chupar.

Não posso falar. Mal consigo respirar. Tudo o que posso fazer é este som estranho, como se estivesse vindo de dentro do meu peito, e me encontro arqueando minhas costas, empurrando-me para ele.

Mas, abruptamente, quando estou a momentos de gozar, ele para, dá-me um sorriso largo e ajoelha-se entre as minhas pernas. Ele dobra meus joelhos e empurra-os para cima, então eu estou espalhada.

Tento afastar-me, tento libertar-me dele.

—Olhe para mim, — diz ele.

Mas não posso. Não quando ele está me segurando assim, me aspalhando e abrindo para ele. Tudo exposto para ele.

—Eu disse olhe para mim, — ele repete, desta vez, batendo meu quadril, fazendo-me sobressaltar.

Eu viro a cabeça.

—Esta é a minha parte de ontem à noite, — diz ele, e propositadamente, olha para mim, para baixo no meu sexo, tudo. —Eu lhe disse uma vez que eu quero tudo isto, tudo, — diz ele, mergulhando a cabeça novamente. —Sua boceta. — Ele me lambe lá, levantando a cabeça novamente. —Sua bunda. — Ele desliza a língua da minha boceta para o meu bumbum, circulando-o, lambendo-me lá, também.

Eu estou mortificada, e viro a minha cara para longe, mas também segue me lambendo, toda. Eu estou humilhada e eu vou gozar forte e ele sabe disso. Ele sabe disso.

—Por favor. —

Levanta-se, pega nos meus braços e espalha-os e empurra-se para dentro de mim.

—Me dê Amélia. Prometeu tudo o que eu quisesse, e o que eu quero é tudo. Me dê.

Ele enrola seus dedos com os meus e coloca o seu peso em mim e me beija e eu sinto o meu gosto em seus lábios, sua língua e nossa foda é barulhenta, os sons de nós juntos, a nossa respiração, o nosso sexo, molhado e duro e profundo.

—Dê.

—Eu não sei como, — Eu digo finalmente, e ele olha para mim e me observa como se a última coisa que ele esperava era eu dizer isso.

—Então eu vou ensiná-la até que você descubra isso. — Ele está de repente irritado, a foda é punitiva e seu pênis cresce, dói, ele sabe bem quero dar para ele. Eu quero.

Mas alguma parte de mim, resiste, quer lutar contra ele sente isso também, está me segurando, me fodendo e eu estou respondendo. Estou quase gozando tão forte que não consigo respirar e tudo o que vejo dele é um borrão, talvez seja isto. Talvez seja eu a ceder. Pode ser

que seja assim que tem que ser conosco.

Quando meu orgasmo finalmente diminui e eu posso ver claramente novamente, ele está me observando, seus olhos escuros e intensos nos meus e me dá um sorriso, levanta-se e suor cai de sua testa no meu rosto enquanto ele me fode mais forte ainda, fode-me para me machucar e tudo que eu posso fazer é ver e ele é tão incrivelmente bonito.

Tão lindo.

E quando ele goza, seus olhos, eles são duros e macios de uma só vez, brilhando quase, e seu rosto... Eu posso olhar para ele assim sempre e nunca ter o suficiente.

Nunca o suficiente.

Quando ele finalmente desmorona em cima de mim, estamos cobertos de suor e ofegante para respirar.

—É sempre assim que é? — Pergunto e assim que as palavras saem, elas soam estúpidas e eu gostaria de poder pegá-las de volta.

Mas então ele responde e talvez não seja estúpido de todo.

—Não. — Ele estuda-me e às vezes é como se ele visse bem dentro de mim. —Nunca foi assim antes.

Eu pisco, olho para fora. Não consigo segurar o olhar dele. É muito.

—Diga-me o que você quer, — diz ele finalmente.

—O quê?

Ele empurra o cabelo encharcado de suor do meu rosto. —O que você quer?

É quase macio como ele me toca. Como se tivesse cuidado.

Oposto de como ele é quando ele me fode.

—Por que você faz isso? — Eu pergunto.

—Faço o quê? — ele pergunta.

Eu penso.

—Às vezes é como se eu visse além da sua raiva. Mas então, ela está lá novamente e você é essa outra pessoa e não sei o que devo fazer.

Ele não encara bem os meus olhos, mas traça os dedos sobre o meu rosto, meu queixo, o pescoço, até o meu peito. Estou pronta para ele me machucar, mas ele só me acaricia e me observa.

—Diga-me o que você quer, — diz ele novamente.

Eu assisto-o também e me pergunto se ele, também, não sabe como ser.

—Uma tatuagem, — eu digo.

—Uma tatuagem? — Ele parece genuinamente confuso. Talvez desapontado. —Porquê?

—Eu sempre quis uma, mas não era permitido. A mulher que faz as suas faz um bom trabalho.

—Ela faz.

—Você pode me levar lá?

Ele sai da cama. —Por que você não pensa sobre isso por mais de doze horas e eu vou ver. — Ele desaparece no banheiro.

Eu empurro as mantas de volta, sigo-o. Eu quase abro a porta, mas me seguro.

—Não é algo que eu só pense por doze horas. E não estou

pedindo sua permissão. Estou pedindo uma carona. Ou, ou... bilhete de ônibus.

Eu ouço sua risada antes do chuveiro começar.

—Idiota, — eu murmuro, voltando para a cama, pegando na calcinha e top antes de sentar -me.

Ele vem alguns minutos mais tarde e retorna para o quarto. Ele se veste antes de voltar para a cama.

—Que tatuagem você queria? Um coração? Algumas estrelas no seu pulso? Não é um tipo de tendência?

—Você é um cretino, você sabe disso?

Ele ri de novo. —Eu pensei que eu era um idiota.

Ele ouviu isso?

Eu me levanto, percorro a pilha de cadernos de desenho e encontro o que eu quero. É um velho, um que eu trouxe de casa. E cada centímetro de cada página está cheio.

Carregando-o comigo, sento-me na cama e abro o livro, virando as páginas até chegar lá.

—Aqui, — eu digo, apontando para o canto da folha que é quase caótico com todos os desenhos. —Este aqui.

Ele vem mais perto, olha para baixo, em seguida, senta e tira o livro das minhas mãos e eu não tenho certeza que ele está tão consciente como eu estou de quão perto ele está. Como estamos tocando.

O que esse contato faz comigo.

—Onde você viu isso? — ele pergunta depois de alguns momentos.

—Nada. Apenas na minha cabeça. —

Ele me olha engraçado, como se talvez não acreditasse em mim.

—Este pássaro, eu o vejo em toda parte. Mesmo aqui na biblioteca.

—Na biblioteca?

Eu aceno. Eu não digo a ele que o mesmo pássaro estava em nossa biblioteca também. Não é o mesmo, obviamente, mas o mesmo tipo de pássaro. Observando-nos naquela noite, a noite da colheita.

—Ela deve ter vindo de um buraco na janela e não conseguia sair. Eu peguei-a, e ajudei a sair.

—Sério? — ele pergunta de forma distraida. Seus olhos ainda estão com o desenho.

—E isso, é um anjo. Veja isto, é a sombra da sua asa. É quase como a asa do seu anjo.

Sua expressão não muda, e o vinco entre as sobrancelhas só se aprofunda.

—Por que metade do rosto dela é um crânio?

—Porque ela está cuidando dos mortos.

Eu ouço-me dizer, ouço como realmente minha voz soa, como realmente a minha resposta sai, mas como é estranha ao mesmo tempo.

Eu pego o livro de suas mãos, fecho-o.

—Não importa, — eu digo, sentindo-me subitamente muito exposta, mais exposta do que eu estava momentos atrás. Não gosto do olhar na cara dele. —Esquece. —

Ele para, tira o livro de mim. —Eu vou te levar esta noite.

—Sério?

Ele acena, caminha até á porta. —Vá se vestir. Tomar café da manhã. Eu preciso cuidar de algumas coisas hoje.

—Realmente? Você vai me levar? —Estou chocada.

—Isso é o que eu disse.

—Vai doer? — Eu pergunto quando ele chega à porta.

Ele vira, estreita os olhos. —Você está com medo? — O idiota Gregory está de volta.

—Não, eu só quero saber o que esperar, então eu fico preparada.

—Eu acho que você vai apreciar a sensação.

❧

* * *

Nós só vamos para Roma depois das nove da noite. A cidade é linda à noite, embora eu esteja muito ansiosa com a tatuagem para aprecir. Gregory está sentado ao lado de Matteo e eles estão falando em italiano. Eu estou no banco de trás segurando meu caderno de esboços contra mim e vendo o cenário.

—Você pode mudar de idéia, — Gregory povoca uma vez que o SUV estaciona.

—Estou bem, — eu digo, relaxando meu aperto no livro.

Ele também me ofereceu alguns comprimidos para entorpecer qualquer dor antes de sair de casa, mas eu recusei-os. Se eu fizer isso, eu quero sentir. Quero sentir cada picada da agulha.

Eu abotoo meu casaco quando nós saimos do carro, Matteo

acende um cigarro e nos segue enquanto Gregory e eu andamos à frente.

—Por que você precisa de um guarda-costas? — Eu pergunto.

—Um guarda-costas?

—Matteo. —

—Ele não é um guarda-costas.

—O que ele é então?

Gregory encolhe um ombro. —Qualquer coisa que eu precise que ele seja.

Eu reconheço o beco perto da rua onde o estúdio de tatuagem está localizado. Além de algumas luzes nas janelas dos edifícios e as da sala em si, está muito escuro comparado com o resto da cidade.

—Tem certeza que ela vai ter tempo para mim? — Eu pergunto.

Ele abre a porta da sala e vira-se para mim. —Eu reservei-a especialmente para você. Mas se você está repensando isso... — Ele se vira, segurando meu colarinho, me puxando mais perto.

—Não estou com medo.

—Ainda bem

Nós caminhamos para dentro e o lugar está vazio, além da menina que eu reconheço. Ela está inclinando-se no balcão lendo algo em seu telefone e quando nos vê, sorri para Gregory, em seguida, para mim, tira o chiclete de sua boca e joga-a em um caixote antes de separar os papéis na frente dela.

—Amélia, esta é Laura, Laura, Amélia.

—Prazer em conhecê-la, — eu digo.

Ela diz o mesmo e se vira para Gregory, abrindo uma pasta abaixo dessa pilha de papéis e colocando alguns lençóis. Eles começam a falar em italiano e eu observo as páginas.

—Como ela já tem o desenho? — É o meu desenho, mas ela esboçou-o maior, colocou-o de forma diferente por isso é maior com o pássaro dobrado na asa do anjo. Suas asas são quase mescladas e o cranio é menos proeminente, mas está lá.

—Enviei-lhe um e-mail, disse-lhe o que você estava pensando. — Ele fica de lado, recolhe os três esboços diferentes, cada um ligeiramente diferente do que o outro.

—Eles são lindos, — eu digo, olhando para cada um deles.

—Você pode alterar a cor, se quiser, — diz Gregory.

As asas são mais escuras, azul com toques de turquesa, o mesmo turquesa que está em seus olhos, e a barriga do pássaro é vermelha. E o próprio anjo, o rosto e o braço, parecem ser feitos de pedra. De pedra em ruínas.

—É perfeito. Melhor do que eu imaginava.

Ele acena com a cabeça.

—Você fez isso? — Eu pergunto à garota.

Ela olha para Gregory, começa a dizer algo, mas Gregory a corta.

—Sim. Laura é a melhor.

—Obrigado, — eu digo a ela.

—Você sabe onde você quer isso? — ele pergunta.

—Oh. — Eu realmente não tinha pensado nisso. —Hum...

—Aqui? — ele pergunta, virando-me um pouco, tocando o espaço ao longo de minha parte superior das costas, minha omoplata do

ombro esquerdo, a curva do meu braço. —O que você acha?

Eu olho para ele e aceno com a cabeça.

—Ele vai se desvanecendo, assim, — ele me mostra as bordas do desenho, como areia sopradas pelo vento.

Como cinzas.

E é tão bonito.

Eu estou dominada por completo e tudo que eu posso parecer fazer é acenar com a cabeça.

Laura se endireita, pega os esboços. —Pronta? — pergunta ela.

Gregory ainda está me observando. Ele se inclina atrás do balcão para pegar uma garrafa de uísque embaixo de uma prateleira.

—Sim, — eu digo, querendo um pouco desse uísque agora. Pensando que talvez eu devesse ter tomado os comprimidos que ele ofereceu.

Gregory tira o casaco, pendura-o.

Eu sigo Laura para o mesmo banco onde Gregory se sentou para fazer sua tatuagem. Eu tiro o meu casaco e Laura me diz para inclinar na cadeira para que tenha acesso às minhas costas. Faço o que ela pede. É confortável e eu posso descansar minha cabeça contra a parte de trás do assento. Desabotoo minha camisa, e a tiro pelos ombros.

—Sutiã também, —diz ela.

Eu olho para Gregory que está assistindo do outro lado da sala enquanto eu vou desprender meu sutiã e tirá-lo.

Laura me posiciona um pouco diferente. O couro parece legal contra meus seios nus. Ela foca a luz no local onde a tatuagem vai ficar. O único som é o dos sapatos Gregory quando ele caminha para nós, enquanto ela limpa a área, passando o frio anti séptico na minha

pele.

—Está tudo bem, — diz ela. Deve ter visto como estou nervosa. — Ficará tão bonita.

—Obrigado. —

Gregory aproxima-se, põe a garrafa no chão e segura o copo para mim.

Eu olho para ele, pego, bebo um gole, o entrego de volta.

Ele se inclina contra a parede e Laura começa, o som da máquina soando muito mais alto do que no outro dia, soando muito mais assustador.

—Relaxe, — diz Gregory.

Eu respiro profundamente e relaxo as minhas mãos e fecho os olhos enquanto ela começa a trabalhar. E de alguma forma, não é insuportável, a sensação estranhamente satisfatória. Quase.

O único som é o da agulha zumbindo nas próximas horas até que ela finalmente termina e ela olha para cima para Gregory.

Ele chega mais perto e a intensidade em seus olhos com que ele assistiu nas três horas inteiras é apenas mais escura enquanto ele estuda a tatuagem, e, finalmente, dá-lhe um aceno.

Laura pega um espelho e segura atrás de mim, eu olho por cima do meu ombro e fico de boca aberta.

É perfeita.

É linda.

Não. Mais do que isso.

É quase... Viva.

E o azul das asas do anjo, é o mesmo azul do anjo quebrado de Gregory.

—Você gostou? — ela pergunta, seu sotaque mais pesado. Acho que ela deve estar exausta.

Sim. É...

Laura sorri, como se percebesse. Eu estou grata e não consigo encontrar palavras para descrever o que vejo.

Ela ergue-se, estica-se, caminha para outra parte da loja.

Eu olho para Gregory e ele muda o olhar da tatuagem para mim.

—Você vê fantasmas, Amélia?

A questão é tão abrupta e tão fora do lugar, que tudo o que posso fazer é olhar estupidamente para ele.

—Aquele anjo, — ele continua, — fica de vigia sobre o mausoléu de Scafoni.

—O quê?

—Na ilha.

—Eu não estou entendendo.

—Nem eu, — diz ele, o olhar em seus olhos diferentes. —Como você o desenhou?

Eu só abano a cabeça, tentando lembrar. Foi só uma coisa que vi na minha cabeça.

—Sua irmã te falou sobre isso?

Não. Ela não fala da ilha. Nunca falou.

Ele desloca o olhar de volta para ele.

—É coincidência. Só um anjo. Isso é tudo, —Eu digo.

Mas não é. Eu sei disso. Ele sabe disso.

Como os fantasmas dos mortos Willows escondidos nas sombras da nossa biblioteca. Como as manchas parecendo fantasmas assombrando as bordas da tatuagem em seu peito.

—Não existe isso de coincidência, Amélia.

CAPÍTULO 14

Amélia

Gregory e Laura falam por alguns minutos enquanto eu coloco meu casaco. Eu não consigo entender o que eles estão dizendo, mas vejo como seu rosto endurece. É uma breve conversa, e alguns minutos depois, saimos pela porta.

Ele faz duas chamadas, mas ambas em italiano, então eu não consigo entender. Depois disso, ele fala algo com Matteo, e não acho que eles estão discutindo, mas Gregory parece agitado. Em um ponto, ele ainda pega um cigarro de Matteo e abre a janela para fumá-lo.

Eu estou cansada, então eu inclino minha cabeça contra o assento e olho para fora da janela. Meu ombro está sensivel e é quase como se o zumbido da agulha ainda estivesse vibrando através de mim.

Quando voltamos para a casa é quase meia-noite e eu tinha apagado. Estou grogue por um momento quando eu acordo ansiosa para ver a tatuagem de novo, estudá-la mais de perto. Mas sei que há algo errado no momento em que nós passamos pelos portões.

—Foda-se, — Gregory murmura.

Alguém está aqui. Três carros estão estacionados ao longo da rotatória, em torno da fonte quebrada. São carros pretos, réplicas exatas uns dos outros, com vidros escuros.

Pneus pisam o cascalho enquanto avançamos lentamente e Gregory diz algo para Matteo, então se vira para mim.

—Você vai direto para cima, entendeu?

Mas eu estou olhando para os dois homens em pé, de sentinela

sobre os degraus que antecedem o pórtico. Olhando para a luz de um cigarro enquanto o outro fuma ao na entrada da cozinha.

—O que está acontecendo? — Eu pergunto. —Quem são eles?

Ele abre a minha porta, pega o meu braço mais forte do que ele precisa tirando-me do carro. —É tarde demais para escondê-la. Você vai diretamente para o seu quarto e vai ficar lá até que eu vá até você, fui claro?

Eu olho para ele e ele não parece assustado, apenas chateado.

—Eu não tenho um quarto, — eu fico estupidamente.

—Cristo.

Alguém limpa a garganta e Gregory me acompanha em direção à casa. Ele olha cada um dos dois homens em pé na entrada, o terceiro que abre sua porta da frente.

Eu olho também, noto que eles estão todos vestidos de ternos pretos. Observo que ninguém encara nossos olhos.

—O que está havendo? — Eu sussurro.

Ele aperta o meu braço enquanto nós entramos, e Matteo está bem atrás de nós. Alguém está falando, a voz de Irina eu reconheço, o homem eu não reconheço. Eles estão falando em italiano e o homem ri sinceramente.

Gregory não me larga, nem por um segundo, enquanto me leva para casa e para as escadas, mas elas são visíveis das salas de estar e de jantar, então antes que ele possa me apressar, eu sei é o que ele quer fazer. O homem que está falando com Irina está agachado na lareira, ferro na mão, e se vira para nós.

Ele é alto, tão alto quanto Gregory, e sua com a constituição bem parecida com a dele também, está vestindo um terno escuro também, mas o seu é diferente dos outros.

Não, não é isso.

Ele só usa o seu diferente.

Seus olhos me escaneam, me analisando da cabeça aos pés, parando no aperto que Gregory tem no meu braço. Ele parece levar um minuto antes de mudar o olhar para Gregory.

—Gregory, — diz ele, sorrindo amplamente, um sorriso que faz aparecer no seu rosto uma covinha de um lado e que combinado com seus olhos castanhos claros, ele parece quase infantil e é desarmante porque eu conheço este homem, ele não é nenhum menino. Eu me pergunto se ele alguma vez foi.

—Stefan, — diz Gregory, sua voz calma, controlada e eu olho para ele e penso, como este homem, é perigoso, e por algum motivo, esse conhecimento, me faz sentir mais segura.

Eu olho ao redor, conto os homens que vejo. Três. Três lá dentro, três lá fora. E posso ouvir mais lá em cima.

—Eu ouvi que você estava de volta. Queria aparecer e dizer olá.

— Vindo de Palermo?

O homem, Stefan, dá-lhe aquele sorriso novamente quando guarda o ferro da lareira, esfrega suas mãos e vira o olhar para mim.

Eu observo Irina de pé perto da lareira, seu rosto mais pálido do que o habitual, olhos em Matteo.

Stefan caminha para nós, abertamente deixa seu olhar deslizar sobre mim.

Vou me aproximando de Gregory enquanto ele me desloca um pouco para trás dele.

—Você tem companhia, — diz Stefan.

—Ela já estava indo para a cama, — diz Gregory.

Eu olho para ele e seus olhos são duros, acho que ele não pisca enquanto observa a abordagem do outro homem.

—Isso é muito triste, — diz Stefan.

—Matteo, — Gregory chama.

Matteo está ao seu lado num instante e Gregory entrega-me a ele. —Leve a Amélia lá para cima.

Stefan levanta a sua mão e um homem dá passos para a frente bloqueando o nosso caminho.

—Amélia, — ele diz como se estivesse provando meu nome e faz o cabelo da minha nuca ficar em pé.

Ele estende a mão, quando eu não me movo, pega as minhas mãos e prende-as, eu olho para baixo e penso como as minhas mãos desapareceram, as suas são tão grandes.

—Talvez da próxima vez tenhamos mais alguns minutos antes da hora de dormir, — diz Stefan.

Depois do que parece para sempre, ele me libera, e Matteo me encaminha apressadamente pelas escadas. Quando eu olho para trás, os dois homens ainda estão lá de pé, Stefan me observando, Gregory observando-o.

—Quem são eles? — Eu pergunto a Matteo enquanto ele me apressa no corredor para o quarto de Gregory.

—Mafia, — diz ele, abrindo a porta do quarto, ainda não me liberando até que ele verifica o cômodo para ter certeza que está vazio.

—Máfia?

Mas quando eu pergunto, ele está no corredor, checando por dentro para pegar a chave e quando a porta se fecha, eu ouço o virar

da fechadura e mais uma vez, estou trancada.

CAPÍTULO 15

Gregory

Depois da minha primeira visita ao estúdio de tatuagens, sabia que não demoraria muito antes de Stefan Sabbioni aparecer à minha porta.

Eu o estudo.

Ele assiste Amélia subir, espera até que ela esteja fora de vista para mudar o seu olhar de volta para mim.

—Eu gosto do que você fez com a casa, — diz ele. Se vira, entra na sala de estar, senta-se como se a casa fosse dele, não minha.

—Eu vou supor que você já fez uma turnê ou eu ofereceria, — Faço uma cara sem expressão, tomando o outro lugar.

—Espero que você não se importe, — diz ele. —Eu não tinha certeza quanto tempo você demoraria, e estava curioso.

Lhe dou um meio sorriso.

—É uma bela casa. Estou contente que a Villa de Rossi tenha uma vida nova. — Ele não dá a mínima para a casa. —Amélia, não é?, — pergunta. —Menina bonita.

Eu não respondo. Não gosto do nome dela nos lábios dele.

Irina, sempre atenta, aparece no meu lado com um copo vazio. Percebo como as mãos dela tremem.

Stefan pega a garrafa de uísque na mesa entre as duas cadeiras. Acho que ele também se serviu do meu uísque.

Ele serve um copo. —Eu vivi nessa casa.

—Eu vejo isso.

Ele bebe uísque e eu faço o mesmo, fazendo uma matemática rápida, contando a meia dúzia de homens que ele trouxe com ele.

—Não entendi como você foi capaz de deixar a Sicília nos dias de hoje, — comentei.

Ele encolhe um ombro. —Meus amigos olham por outro ângulo.

Eu conheço Stefan Sabbioni há tanto que nem posso lembrar. Ele é alguns anos mais velho do que eu e nossas famílias trabalharam juntas no passado. Ele é um dos quatro filhos, agora só ele e seu irmão, Antonio, ainda estão vivos até onde eu estou ciente. Vários anos atrás, Antonio, o primogênito e o único para assumir o negócio, traiu a família. Ele virou testemunha do estado para os EUA .

O pai de Stefan foi posteriormente preso e extraditado. Mas ele nunca chegou a julgamento. Ele foi assassinado na prisão.

Stefan assumiu a família Sabbioni após a prisão e a extradição de seu pai, mas a sua familia — e a operação americana — foi severamente enfraquecida pela traição de seu irmão.

Por um tempo me lembro, que nossas famílias tiveram um entendimento. Nossos interesses comerciais correram e até trabalhamos em paralelo em alguns casos, mas elas não se cruzavam. Não somos a máfia.

Estou surpreso de ver Stefan aqui, fora da Sicília. É preocupante porque significa que ele recuperou um pouco do seu velho poder. Aqueles amigos que estão olhando por outro ângulo devem ser amigos em lugares de poder, porque ele está em uma espécie de prisão domiciliar. Ele está livre para se mudar para a Sicília. Livre para operar lá. Mas o resto da Itália está fora dos limites.

Ou assim era.

—O que você está fazendo aqui, Stefan?

Ele estuda-me. —Direito aos negócios.

—É tarde.

—Eu imagino que você queira subir para sua Amélia.

Ele piscou como se fôssemos velhos amigos. Não somos.

Levanto as sobrancelhas e espero.

Ele bebe um gole de uísque. —Eu gosto desta marca, — diz ele. — Costumava ser o favorito do meu irmão também.

—Sério? — Eu não me importo um caralho.

—Mas quem sabe se ele ainda bebe estas coisas.

—Como posso ajudá-lo, Stefan?

Ele olha para mim, o sorriso desaparecendo de seu rosto, mostrando o homem duro embaixo.

—Eu tenho alguns negócios com Lucinda.

Lucinda? Eu pergunto, não tendo que fingir ignorância porque não tive contato com minha mãe em meses. Eu sei o acordo que Sebastian fez com ela, mas ela e eu, não estamos exatamente perto, nunca estivemos, nem sequer na ilha. Até onde eu sei ou me importo, ela está longe, muito longe, e pode ficar assim.

—Ela tem algo que me pertence.

—E você acha que ela está aqui ou que eu sei onde ela está, e é por isso que eu presumo que você está aqui. Porque você fez uma turnê em minha casa.

—Bem, isso foi secundário. Eu sempre fui curioso sobre Villa de Rossi. Diga-me, é realmente assombrada?

—Só se você acreditar em fantasmas.

Ele ri e nós bebemos nosso uísque, cada um de nós observando o outro. Quando ele esvaziou o copo, ele o pousa e se inclina para trás em sua cadeira.

—Lucinda, Lucinda, — ele canta. —Alguma idéia de onde eu possa encontrá-la?

—Minha mãe e eu não mantemos contato. Eu nem sei em que continente ela está.

Realmente? Estranho porque eu ouvi que ela está na cidade em algum lugar.

—Ela está?

—Eu assumi que com você de volta que ela estaria aqui.

—Você sabe o que dizem sobre fazer suposições.

—Hmm, — ele pausa, acena a cabeça quando ele percebe o que quero dizer. —Ela me contou sobre Sebastian mandá-la embora.

—Ela veio vê-lo? — Isso me surpreende. Por favor, diga-me que Lucinda não foi estúpida o suficiente para ir a Stefan Sabbioni por ajuda contra Sebastian.

—Sim. Ela precisava de ajuda.

Foda-se.

—Ajuda com? — Eu pergunto, desta vez não ignorante no que ela precisaria de sua ajuda.

—Não há amor entre a sua mãe e seu irmão, não é?

—Você está me perdendo, Stefan, — eu digo, verificando o meu relógio.

—Ela queria que eu castigasse Sebastian.

—Agora soa como ela.

—Eu recusei, é claro. Afinal, ele é o chefe da sua família. Eu respeito isso.

—Não temos chefe de família. — É difícil disfarçar a irritação na minha voz com a sua declaração. —Nós não somos a máfia.

—Bem, você entende o significado. — Ele está a insultar-me. Nós dois sabemos, porra. Nem ele nem eu fomos nascidos em primeiro lugar, ele só teve sorte, se você pode chamar assim.

—Vamos voltar ao porquê de você estar aqui.

—Estou surpreso que você não tenha estado em contato com ela por tanto tempo. Não é maneira de um filho tratar a mãe. Somos italianos. Família em primeiro lugar.

—A família é complicada. Você sabe disso.

—Sim, eu sei. E às vezes eles fodem você, não é? — Seu rosto endurece. —Você e eu temos isso em comum, — diz ele, estudando-me. —Nossos irmãos são — ou foram — nossos rivais.

Quanto é que este imbecil sabe sobre mim e meu irmão?

Ele termina sua bebida, pega a garrafa. —Posso?

—Sirva-se.

Ele reenche o copo, senta-se para me vigiar enquanto bebe.

—Você sabe em nossa linha de trabalho, as coisas são muito simples. Um informante perde a língua, um ladrão, a mão. Ou, neste

caso, seus dedos pegajosos.

Foda-se.

—Um traidor perde a sua vida.

Que porra fez a minha mãe?

—Acabe o mistério, Stefan. Como eu disse, nós não somos a porra da máfia.

—Eu vou chegar ao ponto. Lucinda levou algo que me pertence. E um ato como este, depois da minha hospitalidade, — diz ele, balançando a cabeça. —Bem, eu vou poupar-lhe os detalhes horripilantes, mas ela me deve mais do que ganhei.

Mais do que ganhei.

—Bem, você viu por si mesmo que ela não está aqui. Minha mãe e eu não somos íntimos.

—Ela mencionou isso também, mas em momentos como este, é que uma família vem para ajudar. Mesmo quando aquela mãe se virou contra seu próprio sangue.

—Eu realmente não posso ajudá-lo, Stefan.

Ele engole o resto de seu uísque, suspira.

—Amélia é adorável, — diz ele. —Você gosta dela. Eu posso ver.

—Deixe-a fora disso.

—Eu poderia ficar com ela por você. Só até que você acerte os pontos com sua mãe. Enquanto ela está na cidade e tudo.

Eu inclino minha cabeça para o lado. —Você está me ameçando?

—Claro que não, Gregory, — diz ele, tocando meu braço. —Somos

velhos amigos. Não sou uma ameaça para os meus amigos.

—Isso é bom porque eu não levo muito gentilmente as ameaças. — Eu verifico meu relógio de novo. —Está ficando tarde.

—Por que você e Amélia não vêm amanhã. Quando não for tão tarde. Eu estou dando uma pequena festa.

—Estamos ocupados.

—Isso é muito ruim. Eu adoraria vê-la novamente.

Vou matá-lo, porra.

Ele sorri ironicamente.

Eu me levanto.

Ele faz o mesmo.

Ele ainda está vestindo seu casaco e enfia a mão em seu bolso para pegar as suas luvas. Ele leva um tempo colocando-as e há uma ameaça no ato.

—Se você mudar de idéia sobre o jantar ou acontecer de você estrar em contato com sua mãe, estarei na casa do meu tio. Você se lembra do endereço?

Vou até ao saguão.

Eu abro a porta para ele para sair, mas ele se demora, olhando para tudo enquanto ele vai para o hall.

—Se cuide, Stefan. É perigoso lá fora.

Sua expressão endurece.

—Com todo o gelo, — eu adiciono.

—Eu estava pensando que talvez ela tenha voltado para a

Filadélfia. Ethan está lá, não é? — pergunta.

Eu abano a cabeça, deixo sair um longo suspiro.

—Volte para casa para a Sicília, Stefan. Cuide da sua família. Talvez ache seu irmão. Descubra deu o golpe em seu pai. Porque neste momento, não é tão poderoso como pensa. Você tem inimigos dentro e fora de sua família.

Seus olhos se transformam em gelo, mas eu não ligo.

—Não me intimide. Não me ameace. Você não me assusta, — eu digo.

Sua expressão permanece neutra. Não o irritei, mas não esperava.

—Sempre um prazer lidar com os irmãos Scafoni, — diz ele, estendendo a mão.

Eu pego, mas não abanamos. É um olhar fixo.

Nunca fomos amigos, mas também nunca fomos inimigos.

Esta noite, isso mudou.

CAPÍTULO 16

Amélia

Eu afastei-me da porta enquanto a fechadura gira e Gregory entra. Olho na cara dele, ele está preocupado.

Ele vem para dentro, fecha a porta, pressiona os as palmas de suas mãos em seus olhos.

—Foda-se.

—Quem é ele? — Eu pergunto.

Ele esfrega o rosto, olha para mim. —Ninguém.

—Bem, ele é alguém, — eu digo. —Matteo me disse que ele é parte da máfia.

—Matteo fala muito. — Ele vem mais perto, desfaz os botões superiores da minha blusa e me vira para que minhas costas estejam viradas para ele. —Vamos dar uma olhada nisso.

Quando eu me viro, ele não me deixa ir e eu ouço o rasgar do tecido.

—Espere. —

Ele está me levando para o banheiro.

—Espere, — eu empurro.

Ele para, impaciência em seu rosto.

—Quem é ele?

—Stefan Sabbioni. E ele não faz *parte* da máfia. Ele é o cabeça.

Levo um minuto para processar. —O que ele quer com você?

—Cristo. — Ele me aperta com mais força, encaminha-me para trás para o banheiro, só me libera quando estamos dentro. —Tire a roupa. — Ele liga as torneiras no banho, testa a temperatura da água, em seguida, seca as mãos em uma toalha.

—Eu não quero um banho, — eu digo.

—Eu preciso pensar.

—O que ele quer?

—Apenas entre no box, Amélia. — Quando não me mexo, ele pega nos meus ombros, dá um aperto. É quase terno.

Quase.

—Por favor, entre no maldito banho, — diz ele através dos dentes cerrados.

—Está bem.

Ele acena e eu acho que é o seu agradecimento.

Eu tiro as minhas roupas enquanto ele está lá me observando, olhos fixos em mim, não muito faminto, mas possessivo. Quando estou nua, passo para a banheira e sento-me na água morna.

Uma vez que a banheira está cheia, desliga a água e pega uma barra de sabão do armário embaixo do lavatório.

—Ele gosta do seu aspecto.

Eu o vejo, mas é quase como se ele estivesse falando sozinho e não comigo.

—Ele não deveria ter visto você. Eu deveria ter escondido você.

Ele senta-se atrás de mim na borda da banheira, abrangendo-a, e

enrola as mangas da camisa. Eu vejo a tatuagem em seu braço direito, apenas as bordas de uma tatuagem quando os musculos flexionam.

—Incline-se um pouco, — diz ele, pousando a barra de sabão no suporte para levantar o meu cabelo e ajustar para mantê-lo fora do meu pescoço.

Suas mãos são fortes, mas suaves e seus dedos traçam a pele sensível da minha nuca, e eu gostaria de poder ver seu rosto, seus olhos.

Quando ele põe um pouco de pressão nas minhas costas, eu me inclino para a frente.

Ele tira o plástico da tatuagem, e eu arfo.

—Eu não vou machucá-la.

Eu viro a cabeça um pouco, olho para cima, vejo apenas um canto de seu rosto e seus olhos estão concentrados na tatuagem e me pergunto se ele sabe o que acabou de dizer, quando disse isso. Mas então seus dedos estão em mim e é como se cada nervo ganhasse vida com apenas este toque mais suave dele.

—Esse idiota deve saber que eu não compartilho o que é meu.

Ele ainda está falando sozinho, não comigo, e ficando mais irritado enquanto o faz.

Ele mergulha as mãos na água, girando a barra de sabão entre elas, construindo uma espuma e eu acho que preciso tirar o ditrair.

Sua pergunta de mais cedo volta para mim, aquela sobre fantasmas.

—Eu vejo a garotinha, — Eu digo do nada.

Ele pára. Olha para mim.

—Que garota?

—Aquela que viveu aqui antes.

Ele não parece surpreso e não faz perguntas, só começa a esfregar sabão em minhas costas, meus ombros e faz tão bem. Diferente de quando me toca quando estamos transando e acho que está distraindo-o, o que eu estou dizendo.

—Eu acho que ela morreu naquela noite também, com sua mãe. É o sonho que continuo a ter. Quando me acordou naquela noite, eu estava sonhando. Ela queria que eu a perseguisse até a biblioteca. Ela sempre desaparece atrás das prateleiras e eu tenho a sensação de que ela quer que eu a siga por algum motivo.

Isso o impede. Faz com que ele olhe para mim estranhamente por um momento.

—Mantenha-se fora da biblioteca.

Seu tom é calmo, não de aviso, mas outra coisa. Nós permanecemos ainda por um momento, o único som no banheiro é aquele do gotejamento lento da água na banheira.

—Ela não é o único fantasma que você vê, — diz ele, e mesmo que não seja uma pergunta, eu abano minha cabeça para confirmar.

—Por muito tempo, eu pensei que todos viam o que eu via. Eu percebi quando éramos pequenas que eles não viam.

—Como você percebeu isso?

Afastei-me do olhar dele. Nunca contei isso a ninguém.

—Eu perguntei às minhas irmãs onde as meninas na biblioteca estavam. — Eu quase posso vê-las agora. Esta imagem nunca desvanece.

Suas mãos param, mas elas estão em mim e são a única coisa

que está quente de repente.

—Meninas Willow, — diz ele.

Eu aceno.

—As sombras nos cantos de seus esboços, — ele para, em seguida, centra-se no trabalho de suas mãos novamente. —Você viu o anjo?

Eu abano a cabeça. —Não, não assim. Quando eu desenho às vezes, é como se não fosse eu. Como se não fosse minha mão movendo o lápis. — Eu viro, olho para ele. —É estranho, né? Você não acredita em fantasmas.

Ele encontra os meus olhos. —Eu nunca disse que não acreditava em fantasmas. Só disse que não me assustam. Que os vivos podem fazer mais mal do que os mortos.

Nós dois ficamos em silêncio, ouvindo aquele gotejamento de água.

—Eu disse-lhe uma coisa, agora me fale sobre esse homem, — eu digo. —Diga-me o que ele quer e por que você está preocupado.

Ele sorri, tira um fio de cabelo do meu rosto, deixa um resíduo de bolhas na minha bochecha antes de deslizar sua mão ensaboada no meu peito para agarrar o meu peito, esfregando meu mamilo.

—Nem tudo é uma troca, Amélia.

Ele se inclina e beija-me. Estica o braço para levantar a rolha e um momento depois, a água está drenando da banheira, ele me levanta e envolve uma toalha em meu corpo. Quando abro os olhos, está me observando com um olhar estranho no rosto.

—A ignorância pode ser um dom, — diz ele.

—O quê?

Ele coloca a mão atrás da minha cabeça, embala-a. Ele beija-me e há uma urgência no beijo, mas não é sexual. Há mais nisso. Há quase uma ternura, que eu gosto, a sensação.

É uma espécie de necessidade, mas mais.

Um desejo.

Uma solidão que começa nas bordas disso, que escoa em seu coração, que o consome muito. Tanto que dói.

Eu me abro para ele porque é tudo que eu posso fazer, e me lembro do ele disse sobre me dar a ele. Dei-lhe tudo porque ele quer tudo. Talvez isso, eu me abrindo, estou dando isso a ele.

Ele recua e eu não posso tirar os olhos dele. Eles estão tão intensos nos meus, ele me vê de forma diferente do que qualquer um me viu antes e novamente tenho que pensar sobre nós, ele e eu, Scafoni e Willow. De alguma forma, estamos conectados. Sempre estaremos. Nossas famílias têm estado assim por gerações. Mas isto, o que está acontecendo agora, é diferente disso.

Não sou a menina Willow.

Não era para eu ser dele.

Nunca tive a intenção de ser dele.

Depois de secar-me, ele deixa a toalha cair no chão e inclina-se para me beijar novamente.

Eu estou descalça, o topo da minha cabeça mal chega ao seu queixo e coloquei minhas mãos sobre ele, deslizo-as na sua camisa, sinto o músculo duro de sua barriga, sinto-o pressionando contra seu jeans e ele está certo. Eu quero mais.

Ele recua, olha para mim, e o que quero acima de tudo é saber o que ele está pensando. É ser capaz de ler os olhos dele.

Nós caminhamos para o quarto e ele me beija mais uma vez antes

de me empurrar para a cama.

—Deite-se, — diz ele, abrindo uma gaveta, tirando uma garrafa de loção e colocando-a na mesa de cabeceira.

Eu me deito.

—De bruços.

Eu atendo seu pedido e olho por cima do meu ombro para vê-lo tirar suas roupas, músculos flexionados quando se move.

Quando ele está totalmente nu, atravessa meu corpo, joelhos ao lado dos meus quadris, e eu coloco meus cotovelos embaixo de mim e olho para a frente quando ele derrama loção em suas mãos, aquecendo-as antes de começar a esfregá-lo na tatuagem, em meus ombros e costas, mais baixo quando ele desloca um joelho entre as minhas pernas, depois o outro, as mãos na minha bunda.

Olho para ele, vejo-o abrir-me, vejo a vontade nos olhos dele.

Ele pega seu pênis em sua mão enluvada e coloca os dedos da outra no meu rabo.

Eu faço um som, levanto-me em meus cotovelos, tento me afastar.

—Fique, — diz ele.

Eu abano a cabeça, mas ele aperta meu quadril com aquela mão enluvada e não me deixa mexer.

—Olhe para mim.

Ele ainda tem o dedo lá e eu me sinto mortificada. Mais uma vez, eu abano a cabeça.

Ele cava as unhas na minha carne. —Eu disse olhe para mim.

Eu viro o meu pescoço para encontrar o seu olhar e ele prende o

meu enquanto ele empurra um dedo em mim e tudo que eu posso fazer é segurar os cobertores quando cada músculo fica tenso.

—Você precisa relaxar, — diz ele, movendo o dedo dentro de mim, deslizando sua outra mão de volta para a minha barriga enquanto ele estica seu corpo ao lado do meu, a respiração no meu pescoço, pau duro nas minhas costas. —Lembras-te do que te disse?

Ele está esfregando meu clitóris e seu dedo dentro de mim, ele sabe faz do que quando está me tocando em qualquer outro lugar.

—Amélia. — E belisca meu clitóris.

Eu endureço de novo.

—Eu quero tudo. Você se lembra disso? — pergunta.

Eu aceno.

—Você vai dar ou eu vou ter que tomar?

Ele é gentil novamente, esfregando meu clitóris, movendo o dedo dentro e fora da minha bunda e ele sabe bem.

—Boa menina, — diz ele, sentindo-me relaxar, beijando meu ombro antes de puxar o dedo para fora, levantando-se de joelhos e levantando meus quadris para que eu fique em meus cotovelos e joelhos.

Seus olhos encontram os meus quando ele derrama mais loção na minha parte inferior das costas, e prende meu olhar enquanto esfrega dentro de mim e quando ele desliza seu pau na minha boceta, é como se eu não pudesse respirar. Como se ele me enchesse e tudo o que posso fazer é sentir.

Eu olho para ele porque seu rosto é tão bonito. Ele olha para mim, observa seu pênis desaparecer na minha boceta. Ele cospe no meu rabo. É tão sujo e tão errado está cuspindo na minha bunda e pensar nisso, me faz querer mais, mais dele, todo ele, mas então puxa

para fora e eu me sinto vazia e fria, apenas por um único momento até que ele traz a cabeça de seu pênis para a minha bunda e um novo pânico vem.

—Me dê, — diz ele, segurando-me no lugar. —Dê. Não me faça pegar à força.

Ele começa a bombear lentamente, esticando-me, e dói, mas ele está sendo cuidadoso, é terno, de sua própria maneira, e sinto as mãos dele em mim. Sinto-o empurrar em mim. Mover-se dentro de mim. Lento no início, esticando-me, machucando-me um pouco, mas fazendo-me sentir-me bem, as sensações misturadas, e quando ele esfrega meu clitóris novamente, não demora muito e eu estou gozando, de alguma forma, através da nuvem de dor e prazer, seus dedos em mim, seu pau dentro de mim e me segurando, eu estou gozando e ele está se movendo mais e mais rápido e dói de novo quando me fode, realmente me fode, mas eu quero. Eu quero dar e quero que ele tome tudo de uma vez.

Eu caio de orgasmo em orgasmo, esta sensação tão diferente do que qualquer outra coisa, como se todo o meu corpo estivesse vivo e quando eu sinto ele inchar dentro de mim, eu olho para ele e assisto-o, assisto a sua cara linda, e quando ele empurra uma última vez, encontra meus olhos e eu vejo quando ele me enche e tudo que eu posso pensar é que eu sou dele. Eu sou dele e é onde eu quero estar e o que eu quero ser, e eu sei que é fodido, mas essa,é a verdade.

Ele é o que eu quero. Assim. Exatamente assim.

CAPÍTULO 17

Gregory

Ela está enfiada na curva do meu braço. Eu assisto-a como ela luta contra o sono, seus cílios vibrando quando ela abre os olhos só para tê-los fechados novamente. Eu escuto seu silêncio, respiração firme e penso como é bonita e como eu fodi tudo. Eu nunca deveria ter deixado Sabbioni vê-la. Nunca o devia deixar ver que ela importa. Porque ela importa.

Ela resmunga alguma coisa, vira-se para o lado para que suas costas fiquem para mim. Os cobertores deslizaram para baixo da sua cintura e eu posso estudar a tatuagem, o azul que contrasta com a sua pele pálida, o anjo com sua cara de metade crânio ainda bonito. O pássaro como se estivesse olhando para fora das asas do observador, inocente. Como ela.

—Eu poderia ficar com ela por você. Só até você assertar os pontos com a sua mãe. Enquanto ela está na cidade e tudo.

Eu retiro o meu braço lentamente de debaixo dela e escorrego para fora da cama, puxando a minha roupa e fechando a porta do quarto atrás de mim.

Eu desço para o meu escritório, sento atrás da minha mesa e pego o telefone para discar um número que eu nunca pensei que iria ligar novamente.

Meu irmão responde no segundo toque.

Eu não tenho certeza o que eu espero sentir ao som de sua voz, mas escuto, sentado aqui e ele repete o seu olá, eu acho que sinto falta dele. Sinto falta do meu irmão.

Como as coisas podem ficar tão ruins tão rápido?

—Sebastian, — minha voz sai mais tensa do que eu esperava.

Agora a pausa está do seu lado. Ouço-o andando, ouço uma porta abrir e fechar. Ele provavelmente está se trancando em seu estúdio também.

—Gregory, — diz ele depois de uma eternidade. —Você está na Itália.

Ele pode dizer pelo meu número de telefone. —Em nenhum lugar perto da ilha. Não se preocupe.

—Eu não estava preocupado. Eu ouvi sobre a casa, — ele pausa. —Você nunca mencionou uma palavra sobre isso.

Ele pode ir se foder se acha que estou me explicando.

—Stefan Sabbioni fez-me uma visita hoje.

—Sabbioni? — ele parece surpreso. Acho que não está esperando essa virada na conversa. O que ele achou? Eu estava ligando para conversinhas? —Eu pensei que ele não pudesse sair da Sicília.

—Sim, bem, ele o fez.

—O que ele queria com você?

—Parece que ele tem alguns negócios com Lucinda.

Sebastian bufa. Lucinda. Pelo amor de Deus, ela não é tão estúpida, é?

—Ela ainda é minha mãe, Sebastian.

—E você sente o quê exatamente por ela?

—Ele está procurando por ela. Se ele a encontrar, as coisas vão

ficar feias.

—Foda-se.

—Ele sugeriu que ela roubou algo dele.

Fica silencioso. Sebastian sabe como um ladrão é punido nesse mundo.

—Você sabe onde ela está? — Eu pergunto.

—Você não pode se envolver, Greg.

Greg. Ele me chamava assim às vezes. Costumávamos ser chegados. Embora, eu ache que não tão próximos, uma vez que eu nem sequer contei a ele sobre a casa quando a comprei, antes de tudo acontecer.

—Sim, bem, eu já estou envolvido.

—O que isso significa?

—Significa que ele fez a viagem da Sicília para me ver porque ele espera que eu vá entregá-la a ele.

—Eu me pergunto se isso significa que seu irmão não é mais uma ameaça.

Porque o irmão pode ter provas para forçar as autoridades italianas a extraditá-lo. Tanto quanto eu sei, se Stefan Sabbioni pisar em solo americano, ele será levado sobre custódia e a ameaça é real o suficiente para que ele não tente.

—Eu não sei nada sobre o irmão. Sabia que Lucinda tinha ido falar com ele? Depois que você a afastou.

—Ouvi algo sobre isso. Stefan queria ter certeza que eu soubesse o que ele fez por mim. Eu acho que ele pensou que eu me sentiria em dívida com ele.

—Eu quero saber onde ela está. Eu preciso falar com ela.

—Não se envolva. É uma má ideia.

—Como eu disse, eu já estou envolvido.

—Como?

Eu faço uma pausa. —Eu só estou. Sei que está rastreando as despesas dela. Você vai dizer-me onde ela está ou não?

—Você tem certeza que sabe o que está fazendo?

—Sim.

Ele suspira. —Vou enviar-lhe o endereço.

—Obrigado.

—Se você precisar da minha ajuda, você me chame

—Eu não precisarei de sua ajuda.

Há um silêncio constrangedor. —Gregory... — Ele começa, mas eu acho que ele muda de ideia. —Como você está?

A pergunta dele me irrita mais do que deveria. —Como você se importasse.

Eu desligo a chamada, coloco meus cotovelos sobre a mesa, inclino a minha cabeça em minhas mãos e esfrego os meus olhos.

Quero esclarecer que não estou pedindo sua amizade, aprovação, perdão ou o que ele pensa que é devido. Só preciso saber onde está Lucinda.

Dentro de alguns minutos, meu telefone toca com um texto. Um endereço.

Em Roma.

Eu me levanto, vou para o cofre, abro-o, e tiro uma pilha grossa de notas. Eu enfio-as em um envelope, pego meu casaco, olho as escadas, mas não ouço nada. Queria que Matteo estivesse aqui. Eu não quero deixá-la sozinha no caso de Stefan fazer o que disse em sua ameaça. Mas depois da visita surpresa de Stefan, Irina ficou abalada e ele a levou para a casa da irmã e não voltará esta noite. Todos conhecem a família Sabbioni. Todo mundo sabe para ficar longe, muito longe.

Todos, a não ser eu.

❧

* * *

Eu estaciono a poucos quarteirões do hotel onde Lucinda está hospedada e vou a pé ao muito exclusivo Boutique Hotel. Eu não sei qual o valor do subsídio que Sebastian está dando a ela, mas este lugar tem que consumir a maior parte dele.

O meu irmão tem andado de olho nela. Registrando todas as suas idas e vindas. Que é a única maneira dele ter essa informação.

Mas se eu sei disso, significa que Stefan pode saber também.

Sem parar na recepção, eu me dirijo para o elevador, dando um olhar superficial em torno do lobby caro e mobiliado. Enquanto eu espero pelo elevador, eu leio a inscrição em um retrato de que Napoleão aparentemente passou algum tempo aqui.

O elevador chega e um funcionário em uniforme formal se desvia para eu entrar.

—Cinco, — eu digo, desabotoando meu casaco.

Ele acena e as portas do elevador fecham. Eu olho para a frente, não sentindo a necessidade de encher o silêncio. O elevador é velho e um pouco frágil e tenho certeza que Lucinda já reclamou disso.

Uma vez no quinto andar, eu pesquiso o corredor e viro na direção da suíte de Lucinda. Na porta, eu paro para ouvir o som fraco da televisão. Mas quando eu bato, ele para.

Eu bato de novo.

—Mãe, — eu digo.

A fechadura gira um momento depois e Lucinda está diante de mim. Ela está vestindo preto da cabeça aos pés e seu cabelo está puxado de volta em um coque apertado. Embora as raízes traiam a idade dela. E seu estado de espírito.

Isso e o fato de que ela não está usando qualquer maquiagem e os botões de sua blusa estão mal abotoados.

Eu seguro o seu olhar, embora eu esteja curioso para olhar para baixo. Para ver se Stefan estava blefando.

—Como você me encontrou? — pergunta ela.

—Sebastian.

Ela me olha engraçado. —Não percebi que vocês dois estavam conversando novamente.

—Nós não estamos.

Eu me convido e ela fecha a porta, trancando todas as fechaduras.

O quarto cheira a mofo com fumaça de cigarro e café velho. Uma bandeja do serviço de quarto do café da manhã está colocada na mesa junto à janela, mas as cortinas estão fechadas, e a cama não está feita.

—Há quanto tempo você está na cidade? — Eu pergunto.

—Uma semana.

Eu finalmente olho para baixo para o curativo em sua mão direita. É um toco, só polegar e dedo indicador saindo. Ele realmente cortou os outros?

—Está satisfeito? — ela pergunta, dobrando o braço atrás de suas costas. —Eu posso desfazer o curativo se você estiver muito curioso.

Eu não respondo, mas removo a roupa que está jogada sobre o braço de uma das duas cadeiras na mesa e sento-me. Não me incomodo em tirar meu casaco. Não vou ficar muito tempo.

—O que você fez? — Eu pergunto.

Nada. Aquele rapaz... Eu o conhecia desde quando ele estava com fraldas. Ele é um monstro, como seu pai.

—Então, não há nenhuma razão para que ele cortasse seus dedos?

Ela levanta o queixo, sempre teimosa.

—Não há razão para ele voltar pelo resto?

Ela pega seu copo com a mão danificada, para, usa a outra.

—Não é essa mão que usa o chicote? — Lembro-me do que ela fez à Helena.

—Não se esqueça que você já foi cúmplice.

—Não um cúmplice. — Embora eu fosse cúmplice. Ainda me arrependo disso. Eu sempre me arrependerei.

Ela faz uma careta, bebe um gole do café velho e frio. —Detalhe menor. Tenho certeza que não faria diferença para ela se ela soubesse.

—A única razão porque eu não impedi Helena de entrar naquele barco é porque você disse que a deixaria ir.

Ela inclina sua cabeça para o lado. —Vamos lá, Gregory. Você

realmente acreditou nisso?

Eu continuo calado porque eu acreditei?

—Eu não sabia que você ia tentar matá-la, — eu digo.

—Eu não pretendia matá-la. Magoá-la, sim. Assustá-la, sim. Mas não a matar. Seu irmão era muito burro para descobrir onde eu a colocaria.

Acende um cigarro, prende-o como uma junção entre o polegar e o indicador de sua mão ferida e inala profundamente antes de continuar.

—Além disso, — ela continua, soprando fora a fumaça. —Meus planos só mudaram quando Sebastian me contou os dele. Disse-me o que faria ao meu filho.

Ethan. Ela quer dizer Ethan.

Ela só se refere a Ethan como seu filho. Eu não. Nem Sebastian.

Ela senta-se, segura o braço ferido, observando-me enquanto cinzas acumulam na ponta de seu cigarro. Pergunto-me se ela alguma vez realmente teve boas intenções em relação à Helena. Eu duvido.

—Além disso, se eu a tivesse deixado ir, talvez você a tivesse sequestrado para si mesmo no momento em que virasse as costas, — diz ela.

Bem, eu fiz. Mais ou menos.

Raptei uma menina Willow diferente.

—Consciência culpada, Gregory? De repente? Porque você não era difícil de convencer naquela época. Ela termina o último gole da bebida e eu me pergunto se nesse café não tem licor. —Ou é porque você perdeu a menina que te prendia pelo beicinho?

—Eu vim para ajudá-la, Lucinda. Eu sou o único que ainda está

disposto a ajudá-la. Lembre-se disso.

—Lucinda. — Ela ronda. —Eu posso não ser a mãe de Sebastian, mas eu sou a sua. — Ela toma uma inspiração profunda de seu cigarro, estudando-me. —E esta ajuda, você está fazendo isso por causa da bondade do seu coração?

Eu não respondo.

Ela sorri, como se soubesse a resposta a essa pergunta. Ela se levanta, vai para o armário, abre e traz uma garrafa de uísque e um copo limpo para mim. Ela serve um pouco e serve-se de mais café.

—Você está bêbada? — Eu pergunto.

Ela engole um gole grande, olha para longe, e eu vejo o medo em seus olhos, e o desespero. Me pergunto o que é mais perigoso.

Ela sacode cinzas de seu cigarro no tapete, em seguida, vira-se para mim. —Enfim, eu ouvi que você tem sua própria menina Willow, afinal.

Como é que ela sabe disso?

Eu mantenho meu rosto neutro, mas minhas mãos fecham em punhos no meu colo.

—Eu digo-lhe que, não sei se aqueles Willows têm ouro em suas bocetas ou o quê, mas vocês meninos certamente caem por elas, você não acha? Seu pai o fez. Sebastian também. Destruiu-me pela sua prostituta Willow. E agora você também?

Seu lábio torce em nojo.

—O único com qualquer sentido é Ethan, — ela continua. —E olha o que seu irmão fez com ele.

—Ele fez isso para puni-lo.

—Você está tomando o seu lado? — Outro sorriso lentamente se

forma em seus lábios e me pergunto como ainda há tanta maldade nela. —Mesmo agora, você está tomando o seu lado?

—Não há lados. Não com isso.

—Considerando tudo o que ele fez a você, você ainda o protegeria? Considerando como ele e aquela prostituta tem feito um tolo de você *novamente*.

—Você está falando besteira, mãe, — eu digo.

Ela alcança, aperta meu braço. —Mesmo agora, eles estão rindo de você.

Um sentimento inquieto vem sobre mim. —Do que você está falando?

Esse sorriso cresce mais convencido quando ela me estuda.

—Oh, meu Deus. Você não sabe, não é?

Eu não gosto do olhar em seu rosto, e eu quero mudar o assunto e eu quero mais do que qualquer coisa dar o fora daqui.

—Stefan Sabbioni deixou a Sicília, — Eu digo.

—O quê? — Isso chama a atenção dela.

—Ele está aqui. —

—Ele não pode sair da Sicília. Ele será preso.

—Sim, bem, aparentemente isso não é mais o caso. Ele veio me ver. Ele está procurando por você.

Agora é Lucinda que fica muda.

—Como você fugiu dele, afinal? Quero dizer, eu acho que ele teria tirado todos os dedos que queria de uma só vez. Ouço o veneno na

minha voz. Acho que sou tão mal quanto minha mãe.

—Subornei um dos médicos que fez isso. — Ela sustenta o olhar.

—Por que ele não os levou todos de uma vez?

—Porque ele precisa de mim. Isso, —ela começa, segurando sua mão enfaixada. —Isto é ele me mostrando como grandes suas bolas são.

—O que ele precisa de você?

Ela se levanta, vai para o armário, abre e tira um pequeno pacote embrulhado em um tecido. Ela leva-o para a mesa e o coloca nela, em seguida, retoma ao seu lugar.

—O que é isso? — Eu pergunto.

Ela desembrulha o tecido com a mão machucada e eu não consigo tirar meus olhos daquela mão. É quase estranho os dois dedos que ele deixou.

Mas então eu vejo. A coisa que ela pegou.

Um anel.

Eu o alcanço, pego, estudo.

—O anel de seu irmão.

—Antonio—? Antonio é o rato, o irmão que traiu a família.

—Não pertence à Stefan. Pertence ao verdadeiro chefe da família.

—O que temos nós a ver com quem é o chefe daquela familia?

—Stefan é um pirralho ranhoso.

—Que cortou seus malditos dedos! Você está louca?

Sua testa enrugas e ela olha para longe, volta sua atenção para

seu cigarro e posso ver que está assustada. Realmente assustada.

Eu bufo. —Porquê você não deixou o país?

—Ele está com meu passaporte e eu estou esperando o dinheiro de seu irmão para obter um novo. Eu tentei ligar para um adiantamento, mas o cretino não aceitou minha chamada.

—Então você pegou uma suíte em um dos hotéis mais caros da cidade?

Ela range seus dentes, seus lábios apertando.

Eu me levanto, o anel na minha mão.

—Espere!

—Isso não pertence a você, — eu digo.

Ela sabe que está errada aqui porque não me contraria.

Eu escorrego o anel no meu bolso e tiro o envelope. —Isso deve ser suficiente para obter um novo passaporte. Um bilhete de avião para fora daqui.

Ela estende a mão para pegár, mas eu puxo-o para longe.

—Há uma condição.

—Que condição?

—Fique longe de nós. Todos nós. Isso inclui Sebastian e Helena.

Ela inclina a sua cabeça de lado, olhos estreitando, cheios de ódio. Um canto de sua boca levanta em um sorriso cruel unilateral. Lembro-me daquele sorriso desde pequeno. Quando ela me assustava.

—Não me diga que você ainda acha que tem uma chance com ela? — ela pergunta.

Levo um momento para perceber que ela está falando de Helena. —Eu também posso apenas mandar uma mensagem à Stefan com a sua localização, — eu digo com um sorriso que coincide com o dela.

—Você não vai fazer isso. Eu conheço você.

Ela está certa. Eu não vou.

Mas eu terminei aqui.

Eu deixo cair o envelope na mesa e caminho em direção à porta.

—Sempre se resume às putas Willow para vocês, rapazes, não é?

—Cale-se, mãe.

—Você acha que é tão fácil. Você acha que tem tudo sobre controle. Você não tem. Aquelas Willows torcem suas mentes...

Eu abro a porta, querendo saber por que eu me incomodo. Por que eu não deveria deixá-la lidar com Stefan Sabbioni. Ela fez a sua cama.

Mas eu deveria ter saído antes porque é quando eu estou no corredor e a porta fecha atrás de mim que ela resurge.

Que ela puxa o tapete debaixo de mim.

Não olho para trás quando ouço a porta abrir.

—Eu quase esqueci. Parabéns, — ela diz quando eu aperto o botão do elevador.

Eu sei que devia ir. Eu sei que não devia escutar. Eu rango os dentes e espero. As escadas estão perto e provavelmente mais rápidas do que o velho elevador frágil.

—Eu ouvi que você vai ser tio, — diz ela.

Leva-me um minuto para processar, mas quando eu faço, é como

se as palavras tivessem um poder só delas. Suor rompe sobre a minha testa e o mundo vai para um minuto, como se o meu cérebro estivesse batendo contra o meu crânio.

Quase em câmera lenta, eu giro meu calcanhar, olho para ela.

Ela inclina sua cabeça para o lado. — Oh. Você não sabia?

Ela está gostando disso. Amando cada segundo.

—Ou eu acho, — ela começa, ainda não acabando. —você poderia ser o pai, certo? Quer dizer, é possível, não é?

Helena está grávida?

Não.

Não é possível.

—Quero dizer, eu não sei, é o pirralho de Sebastian ou seu? Porque eles não se assemelham a nenhum de vocês ainda. Parece mais um com uma pequena cobra. Eu tenho as fotos. Você quer ver?

Vou dar um passo em direção a ela.

—Do que você está falando?

—Pergunte a sua irmã, — diz ela, fechando a porta um pouco.

—O que diabos você está falando? — Eu rugo.

Assim que eu chego ao quarto, ela bate a porta. Eu bato o punho contra ela.

—Mãe!

O trinco gira.

—Abra essa maldita porta!

Eu bato duramente, duramente o bastante para outros

convidados porem suas cabeças intrometidas fora de seus quartos.

Mas não me importo porque não posso entender por causa do que ela está dizendo, não pode ser.

Não pode ser verdade.

Helena não pode estar grávida.

CAPÍTULO 18

Amélia

Estou sonhando de novo. Eu sei e não consigo me acordar.

Mas há algo diferente desta vez. Algo urgente na forma como a garotinha olha para mim.

Seu filhote de cachorro está correndo e ela o está perseguindo, mas ela continua olhando para mim e é como se ela quisesse ter certeza que eu ainda estou lá, seguindo-a. Ela não sabe que eu não posso mudar de rumo, mesmo que eu queira. É como se minhas pernas estivessem se movendo por conta própria.

Ela está apressada nas escadas e eu continuo dizendo para ela ficar junto à parede. Para ficar longe da borda sem o corrimão, porque a casa, não é como era antes. É como se fosse agora.

Mas não é que ela pudesse se machucar.

Ela já está morta.

Ela morreu na mesma noite que sua mãe.

Eu não sei como eu sei disso, mas eu sei. E é como se no momento em que a realidade bate em mim, ela sabe que eu sei, também e seu rosto muda, é mais como um crânio de novo. Não é mais a menina bonita e despreocupada.

Uma porta bate e eu levanto da cama. O suor escorre da minha testa e eu estou ofegante.

Olho ao redor do quarto escuro, bufo em alívio quando percebo que ainda estou na cama de Gregory. Ainda aqui. Eu não estava perseguindo a garotinha naquela biblioteca. Ou tudo o que está além

daquela porta.

Um estremecimento me atravessa e eu solto uma profunda e calma respiração.

Não é nada. Eu ainda estou aqui. Eu acordei.

Eu olho para o travesseiro de Gregory, toco-o. Está frio. Eu empurro as mantas para levantar e ir ao banheiro lavar o meu rosto.

Enquanto eu estou lá, eu ouço a porta do quarto abrir, ouço-o entrar.

—Onde você estava? — Pergunto enquanto seco as minhas mãos, sentindo-me aliviada. —Você nunca dorme.

Eu penduro a toalha de volta e desligo a luz. Mas quando eu abro a porta para voltar para o quarto, meu sorriso desaparece porque não é Gregory parado ali. É outra pessoa.

—Eu durmo muito bem, — diz ele com um sorriso como se fosse a ele quem eu tinha feito a pergunta.

Leva-me um momento para agir e eu vou tentar fechar a porta, mas ele é muito rápido e a porta abre com seu pé sua mão gigante empurra-a, abrindo-a, impulsionando-me para trás.

Eu deixo um grito sair quando eu olho para ele lá, enorme na porta em seu terno preto com o cheiro de cigarros agarrado a ele.

Ele olha para mim e eu olho para baixo e eu estou vestindo uma pequena camisola e calcinha, pego uma toalha quando seu olhar fica predatório e um lado de sua boca vira para cima.

—Fique longe de mim! — Eu grito, sentindo a gaveta onde as tesouras estão, meus dedos escorregando enquanto eu tento encontrar a certa para tentar abri-la.

Quando eu consigo fazer isso, eu ouço outro homem.

—Desculpe homem, tive que mijar, — ele diz quando ele entra no banheiro e olha para mim.

Eu enrolo meus dedos em torno da tesoura, e eu sei que eu tenho uma chance. Eu vou para ele, braço para cima, segurando-a como um punhal.

Mas eles são rápidos e aquele que acabou de entrar na sala, o mais próximo de mim salta e eu só consigo cortar a mão do outro quando ele a levantou para se defender.

Ele resmunga uma maldição e agarra-me, arremessando-me contra a parede, batendo a minha mão contra ela tão forte, que eu juro que ele quebrou alguma coisa.

A tesoura ressoa no chão e ele fecha a mão sobre a minha garganta e aperta e tudo que eu posso fazer é tentar arrancar a mão de mim, tentar apanhar algum ar. Acho que ele vai me matar. Acho que se não fosse pelo outro homem, ele me mataria. Me sufocaria ou partiria meu pescoço e me mataria.

Mas o outro, coloca a mão no ombro do homem.

—Ei. O chefe não quer que ela se machuque.

—Puta de merda. Ela me cortou. — Ele aperta e aquele som de gorgolejar está vindo da minha garganta.

—Acalme-se, cara. Deixe-a ir.

Ele não deixa.

—Vá esperar lá embaixo. Eu vou levá-la.

Nada.

—Eu disse para esperar lá embaixo. — Ele levanta uma pistola.

O homem que tem a mão em volta da minha garganta finalmente me libera, e eu caio com as minhas mãos e joelhos, ofegante para

respirar, chupando em goles o ar.

A arma está desengatilhada e o que me estrangulou murmura uma maldição e eu acho que por um momento ele vai me chutar, mas depois ele se sai.

—Você não deveria ter feito isso, — aquele que ainda está no banheiro comigo diz. Eu olho para cima para vê-lo guardar a pistola de volta em seu coldre.

Ele chuta a tesoura pelo chão do banheiro, longe do meu alcance.

—Levante-se, — diz ele, pegando meu braço e arrastando-me para os meus pés.

—Deixe-me ir!

Ele caminha comigo calmamente pelo quarto, pega minhas roupas descartadas do chão. Ele atira elas e eu para a cama.

—Vista-se. Está frio lá fora.

Eu não me mexo. Só fico olhando para ele.

—Olha, se você quiser ir assim, eu não tenho nenhum problema-

—Onde está Gregory?

—Seu namorado não está aqui. — Ele olha para o relógio como se estivesse a cronometrar-me.

—Onde ele está? — Pergunto com mais urgência.

—O tempo acabou, — diz ele, pisando em minha direção. —Eu acho que é assim que vai. Vamos lá.

Eu abano a cabeça.

Ele veste seu casaco de volta, coloca a mão no bolso e eu vejo

essa arma novamente e acho que vai me matar.

—Não me faça carregá-la. Eu tenho costas ruins.

—Eu não vou a lugar nenhum com você.

Ele balança a cabeça uma vez, bufa como se o que acabei de dizer fosse engraçado.

—Isso não cabe a você, querida.

A próxima coisa que eu sei, é que ele me puxa pelo braço e me joga sobre o seu ombro e murmura algo sobre suas costas feridas enquanto me leva para baixo pelas escadas, nenhum dos meus combates fazendo qualquer diferença, como se eu fosse uma mosca na parte de trás de um elefante e ele não sentisse nada.

Quando nós descemos, o outro homem está esperando. Ele abre a porta e eu nem tenho sapatos ou um casaco quando ele me leva para o sedan que nos espera, o mesmo que eu vi esta tarde, me empurra para dentro e algema meu pulso direito pelo punho acima da porta e toma o seu lugar ao lado do outro homem enquando vamos embora.

Meu coração dispara quando o carro desliza no gelo, o motorista fazendo as curvas muito rápido. De alguma forma, chegamos à rodovia, e reconheço alguns dos sinais. Estamos indo para Roma.

Eu sei para onde vamos. Para quem estão me levando.

Stefan Sabbioni.

Não tenho dúvidas.

Os homens na frente estão fumando e o carro fede, mas minha janela está trancada, então não posso abri-la para ter um pouco de ar fresco. Nenhum deles está falando e eu tenho a sensação de que eles não são amigos.

Aquele que não está dirigindo olha para mim depois que o outro diz algo em italiano. Ele acena e vira-se, e cerca de 40 minutos depois,

tomamos uma saída e eu não acho que eu possa ficar mais nervosa quando nos dirigimos para uma parte obviamente rica da cidade com propriedades fechadas, mansões que diminuem a casa Willow.

Mas a maior de todas está na rua mais escura de todas.

O sedan vira para a casa enquanto os portões lentamente abrem.

O motorista abaixa o vidro de sua janela e cumprimenta dois dos soldados que estão dentro do portão e eu não posso tirar os olhos das metralhadoras que eles têm penduradas sobre seus ombros.

Mas a minha atenção é logo focada na mansão gótica que vem à vista no topo da colina. Lá embaixo, todas as luzes estão acesas, mas o segundo andar está escuro.

Quando chegamos às portas da frente, o carro pára e o homem do meu lado abre a porta. Sem uma palavra, ele chega e abre a minha algema e gesticula para que eu saia.

Eu estou descalça e de calcinha, mas prefiro andar do que tê-lo a me levar. O chão está gelado debaixo dos meus pés e o cascalho dói, mas sigo-os a uma meia dúzia de passos e não olho para os guardas me observando e ignoro o assobio seguido do riso de outro homem.

Quando a porta da frente se abre, ouço o som suave da música clássica acompanhada por uma soprano. Eu realmente não sei nada sobre ópera para adivinhar qual é. As grandes portas são fechadas atrás de nós e pelo menos está quente aqui.

Eu paro quando o homem que me algemou me diz para esperar e ele fala com alguém por alguns minutos antes de gesticular para eu o seguir.

O mármore dá lugar a um belo tapete persa e a música fica mais alta à medida que nos aproximamos da sala de estar, onde vejo Stefan Sabbioni sentado na frente do fogo, assistindo-o, bebendo seu uísque e ouvindo a ópera.

Quando eu entro, o homem sai e Stefan fica. Ele é alto, tão alto quanto Gregory, e bem constituido como ele. Ele se vira para mim e seus olhos me escaneam. Ele balança a cabeça e eu não consigo pensar no fato de que estou de calcinhas na frente deste homem.

—Eles deveriam ter deixado você se vestir. Você deve estar com frio. Ele faz gestos para me sentar mais perto do fogo.

Eu fico parada.

Ele levanta uma sobrancelha e eu percebo que estou tremendo, abraçando meus braços e não é por causa do frio.

Ele pega um cobertor de uma cadeira próxima e me entrega.

—Coloque isso ao seu redor e sente-se, Amélia, — diz ele.

Ele sabe o meu nome. Não sei por que isso me perturba. Claro, ele sabe o meu nome.

Eu pego o cobertor, envolvo-o em torno de mim e pego o mais longo caminho para o sofá para me dar mais espaço. Eu sento na borda do sofá, enrolo o cobertor em torno de meus ombros e olho para o fogo.

—É lindo, não é? Eu posso assistir um fogo o dia todo.

Eu olho para ele e ele parece quase pacífico quando ele fala assim, ouvindo o soprano.

Mas então ele me enfrenta de novo e até mesmo pelo sorriso, eu sei que não há nada de pacífico nele. Nada suave neste homem.

—Porque estou aqui? — Tento manter o tremor da minha voz, mas é impossível.

—Você está perfeitamente segura, Amélia. Você não precisa ter medo de mim.

—Eu não tenho, — Eu minto, minha voz quebrando nas palavras.

Seu sorriso se alarga.

—Porque estou aqui? — Eu pergunto de novo.

—Você gostaria de algo para beber?, — ele pergunta, ignorando a minha pergunta e não à espera de uma resposta enquanto enche um copo para mim. Uísque pela cor e pelo cheiro.

Eu pego, mas não tenho a intenção de beber. —Porque estou aqui?

Ele senta-se na minha frente e leva tudo o que eu não tenho para não me dobrar sob o seu olhar. —Incentivo. —

Eu me pergunto se ele vê a minha confusão quando ele se inclina de volta em seu assento e bebe o seu uísque.

—Relaxe, Amélia.

Eu olho para ele. Ele está falando sério? —Você quer que eu relaxe? Você me sequestrou. Seus homens entraram no quarto e... e...

Ele se desloca para a frente em seu assento, estende-se e toma posse do meu queixo, levantando-o. Ele está olhaando para a minha garganta, que tenho a certeza que está ferida.

—E você lutou contra eles.

—Eu... Sim.

Ele desloca o olhar para o meu. —Eles não foram para machucá-la. Lamento que o tenham feito. E lamento que tenha medo, mas não havia outra maneira. Você está segura agora. Eu não vou machucá-la.

—Então porque você me trouxe aqui?

Ele se inclina de volta no seu lugar. —Esse negócio é entre eu e

Gregory. Não se preocupe com isso.

Estremeço com um frio repentino.

—Você deve estar cansada.

O que ele espera de mim?

—Anya, — ele chama, nunca tirando os olhos de mim.

Uma mulher aparece do nada e eu viro para ela como se talvez ela pudesse me ajudar.

Ajudar-me como? Correr para fora de calcinhas e encarar os homens armados nos portões fechados?

—Leve Amélia para o quarto dela, — ele diz a ela, em seguida, vira-se para mim.

—Meu quarto?

—Veja o que ela precisa.

—Mas

—Vá para a cama, Amélia. Falaremos mais amanhã.

Eu não me mexo e depois de um momento, ele levanta-se e vem até mim, tudo que eu posso pensar quando ele puxa o cobertor e aperta meu braço para me levantar é que ele mentiu quando ele disse que não me machucaria.

—É hora de você ir para a cama.

Eu odeio que eu sinta as lágrimas se construindo nos meus olhos. Que estou com tanto medo.

—Você está cansada, não está? — ele pergunta.

Eu aceno porque eu quero estar longe dele.

Stefan diz mais uma coisa em italiano para Anya que eu não entendo, e quando ele me solta, sigo Anya para subir as escadas e para um quarto onde um homem está de pé do lado de fora da porta. Ele acena para ela e me ignora.

Eu sigo Anya para dentro e ela me pergunta se eu preciso de alguma coisa e eu apenas abano minha cabeça, porque o que eu preciso é sair daqui e isso não está em oferta.

Assim que a porta se fecha, eu vou até ela, abro-a. Eu sei que o homem vai estar lá. É a única razão pela qual ela não me trancou. Eu encontro seus olhos duros e deslizo para dentro, fechando a porta, ficando na minha nova prisão, um quarto luxuoso que também pode ser uma cela.

CAPÍTULO 19

Amélia

Não há nada para fazer, além de esperar, sento nos cobertores da cama com a intenção de ficar acordada, mas em algum momento, eu devo ter cochilado porque eu acordo quando a porta sendo destrancada e uma mulher diferente de Anya entra no meu quarto com uma bandeja de café da manhã. O guarda à minha porta fica esperando-a. Eu esfrego meus olhos e antes que eu possa até mesmo levantar ou dizer qualquer coisa, ela se foi e a porta está fechada.

Verifiquei o quarto ontem à noite e as janelas estavam trancadas, e o armário vazio. Embora existam produtos de higiene no banheiro, então eu escovo os dentes e lavo o rosto e volto para o quarto. Eu não tento a porta. Não adianta. Stefan vai me deixar sair quando ele quiser me deixar sair, que é quando Gregory chegar aqui.

O café cheira bem, eu me sirvo um pouco e forço-me a dar uma mordida ne pão enquanto eu espero. E espero.

Algumas horas mais tarde, eu não sei exatamente porque não há nenhum relógio no quarto, alguém vem e trás outra bandeja, levando a do café.

—Onde está Stefan? Posso falar com ele? — Eu pergunto a ela.

Mas ela se apressa, ignorando-me, fechando a porta atrás dela.

Eu abro-a novamente, mas sou saudada pelo mesmo homem de guarda em pé lá fora e ando rapidamente de volta para o quarto, fechado a porta.

Eu não quero a comida desta vez e minha esperança parece estar desaparecendo com o sol. Estou aqui há quase um dia inteiro. Ele me

trancou aqui por um dia inteiro.

Onde está Gregory? Onde ele foi depois de eu ter adormecido? Ele nem sabe que estou desaparecida?

A próxima vez que a porta abre, eu estou esperando uma das meninas novamente com outra bandeja, mas quando Stefan entra, eu não posso sair, mas recuo um passo.

Ele me olha, e eu me cubro o melhor que posso.

Anya segue-o com um saco de roupa e alguns sapatos quando ele olha a bandeja ainda cheia. —Você não gosta da comida?

—Eu não estou com fome. Eu quero ir para casa.

—Casa—?

Eu dou uma sacudida na minha cabeça. —Para a casa do Gregory.

—Receio que isso não seja possível. Vista-se. Você vai comer comigo.

—Eu não quero-

Ele pisa em minha direção e não há nenhum sorriso ou qualquer suavidade que eu imaginava ver em seus olhos, se foi e eu me pergunto se esteve lá alguma vez.

Ele não tem que dizer uma palavra. Ele sabe disso. Mas quando ele chega para me tocar, eu suspiro, instantaneamente querendo fugir. Mas ele balança a cabeça uma vez e levanta o cabelo do meu ombro e caminha ao meu redor.

—Bonito, — diz ele, tocando a tatuagem, fazendo-me tremer enquanto eu limpo as lágrimas. Ele me vira para enfrentá-lo, aperta meus ombros. —Eu sou antiquado, no entanto. Tatuagens não pertencem a uma mulher. Especialmente numa tão bonita como você.

Tudo o que posso fazer é olhar para ele.

—Onde está Gregory? — Eu pergunto.

—Tenho certeza que ele virá no instante em que ele perceber que você se foi. Então eu converso com ele. Por agora, eu quero que você vá tomar um banho e vista esse vestido. Anya vai ajudar com o seu cabelo e maquiagem e você vai descer para o jantar. Estou claro?

—Porquê?

—Porque eu disse isso.

—Eu não quero comer com você. Não quero vestir esse vestido. Eu não quero

Ele aperta de novo, um pouco duro agora, e inclina-se para que seu rosto fique perto do meu. —Eu não quero ter que obrigar você, Amélia.

Parece que, recentemente, todos os homens da minha vida usam a mesma sentença.

Eu tento engolir o caroço na minha garganta e ele fica lá me observando.

—Você vai fazer o que eu digo?

Eu aceno uma vez.

Ele sorri e a covinha está de volta.

—Bom. Vá se aprontar. Estou com fome.

Anya espera por mim enquanto eu tomo banho. Ela me ajuda a colocar o vestido porque minhas mãos estão tremendo demais para fazê-lo sozinha. Ela, então, organiza o meu cabelo, maquiagem e quando estamos prontas, ela abre a porta eu sigo-a para baixo, onde a música fica mais alta, ópera novamente, e três homens estão juntos e

todos olham para mim quando me aproximo.

Stefan também o faz e sorri e acena aprovando o vestido. É bonito, um vestido preto com três quartos de comprimento. Ele está vestindo um terno preto com uma camisa preta e gravata, como ontem.

Quando Stefan para eles também param. Esses homens são mais velhos, a maneira como olham para mim faz minha pele arrepiar.

—Cavalheiros, se me derem licença. — Ele aperta as mãos de cada um deles e eles saem juntos. Quando ficamos sozinhos, Stefan vira-se para mim. —Você está muito bem. Ele põe uma mão nas minhas costas. —Vamos para o meu escritório. Vamos tomar uma bebida.

Eu vou com ele porque não sei o que mais fazer e uma vez que estamos lá, ele fecha a porta e eu olho ao redor enquanto ele serve as bebidas.

—Uísque está bem?

—Eu não me importo.

Ele me entrega um dos dois copos um momento depois e sorri para mim.

—Onde está Gregory? Você o machucou? — Eu pergunto.

—Eu não tenho nenhuma razão para machucá-lo. Ainda não.

—Onde ele está então?

—A caminho.

Sinto-me aliviada, mas também ansiosa.

—Você e Gregory têm uma história interessante, não é? — ele pergunta.

—O que você quer dizer?

—A família Willow e a família Scafoni. Lucinda me contou um pouco sobre isso e eu estava tão curioso, que fiz algumas pesquisas. A tradição Willow, é arcaica, mas atraente ao mesmo tempo.

—Não para as meninas Willow, não é?

—Então Gregory perdeu sua vez com a escolha de seu irmão e foi pegar sua própria menina Willow, é isso?

Não sei por que isso me fere. É verdade, afinal. Ou pelo menos começou dessa forma.

—Você não sabe nada sobre isso, — eu digo.

Não? Quanto você sabe, Amélia? Quanto você sabe sobre o que aconteceu com os irmãos Scafoni e sua irmã? Quanto ele lhe disse?

Estou confusa e ele vê na minha cara.

—Eu encontrei algo quando estava dando um olhar ao redor da casa. Eu pensei que você deveria saber.

—Do que você está falando?

—Você já foi para as catacumbas?

—Catacumbas?

—Há uma porta na biblioteca. Vai levar-te lá. Então vire à direita. Apenas continue virando à direita até encontrar o quarto que quero dizer. Estou curioso com que você vai fazer com o que você vai ver lá. Achei muito interessante, — ele pausa. —Honestamente, eu gostaria de poder ver o seu rosto quando você ver.

—Do que você está falando? — Eu pergunto de novo.

Ele sorri, anda em torno de mim, inclina-se para perto, toca a tatuagem novamente. —Ficarei feliz em pegar você depois que você for

lá, — ele sussurra, arrastando apenas as pontas dos dedos ao longo da linha do meu ombro, fazendo o cabelo na parte de trás do meu pescoço ficar arrepiado.

Eu abro minha boca para dizer algo, para perguntar o que ele quer dizer quando um de seus homens entra e eu sei pelo olhar no rosto de Stefan que é Gregory, que ele veio por mim.

Um momento depois, a porta abre subitamente e ele está aqui e dois homens correm depois para ele e agarram-no e quando Gregory olha para nós, eu acho que ele vai matar Stefan.

Acho que ele vai despedaçá-lo com as próprias mãos.

CAPÍTULO 20

Gregory

—Tire suas malditas mãos dela!

Vou matá-lo. Eu vou matar este filho da puta.

Eu só voltei para casa há uma hora atrás e descobri que Amélia sumiu. Desapareceu. Evaporou! E então encontrei aquele maldito convite para a festa que eu recusei. O idiota deve ter deixado um homem lá fora só esperando que eu lhe desse a oportunidade para roubá-la.

Eu não dormi. Não comi. Mas porra, bebi muito uísque e estou sentindo os efeitos agora.

Helena está grávida.

Helena está grávida e eu descubro pela maldita Lucinda!

Me traiu.

Traído de novo pelo meu irmão. Por Helena.

Por Amélia.

Amélia.

Eu viro meu olhar para ela, e quero estrangulá-la e, ao mesmo tempo, a levar para longe de Stefan.

Lembro-me do comentário que Helena fez sobre o médico no telefone naquele dia, lembro como Amélia fingiu não saber sobre o que era quando eu a questionei. Não pensei mais nisso.

Sebastian não disse uma maldita palavra. Talvez seja por isso

que ele estava com tanta pressa para me tirar daqui. Porque o bebê...

Eles não se parecem com nenhum de vocês ainda.

Não, bebê. Bebês.

Podem ser meus.

E se eles forem meus?

Eu balanço a cabeça, tento limpar os pensamentos porque nas últimas horas não consegui isso. Elas só intensificaram tudo.

A imagem da mão enfaixada de Lucinda vem a mim, e eu olho Amélia, mas ela está bem. Ele não a machucou. Eu não acho que ele pretendia machucá-la. Ele só queria me assustar. Para mostrar-me exatamente quanta força ele tem depois do que eu disse.

A culpa é minha.

Ele a levou para provar um ponto.

—Gregory, — diz Stefan. —Não há necessidade de invadir assim. Eu fiz um convite a você.

Eu puxo os homens e consigo que um perca o equilíbrio, mas um terceiro homem entra.

—Sente-se, — diz Stefan.

—Vai se foder Stefan.

—Você está bêbado, Gregory?

—Se você não tirar suas mãos dela...-

O sorriso dele me corta. Isso e a maneira como ele passa a ponta dos dedos ao longo da nuca em seu pescoço.

Amélia está me encarando como se não pudesse afastar os olhos

para longe. Como se ela não conseguisse piscar nem que tentasse. Ela afasta seu toque, seus dedos estão brancos ao redor do copo que ela está segurando, e eu sei que ela está apavorada.

—Deixe-a ir, Stefan, — Eu digo com mais calma. —Ela não tem nada a ver com isso.

Ele vai para trás, olha para Amélia como se estivesse chocado. — Ela não é uma prisioneira. Estávamos apenas tendo uma conversa e uma bebida enquanto esperava por você. Que, a propósito, demorou. Como está Lucinda?

—Tire seus capangas de mim antes que eu os mate.

—Você vai se comportar? — Stefan me pergunta.

—Vai se lixar.

—Essa é a minha resposta. — Ele se vira para um de seus homens. —Leve a garota para o quarto enquanto Gregory e eu *conversamos*. — Ele entrega Amélia ao homem.

Ela deixa sair um grito pequeno quando o homem a puxa com força e quase cai.

—Deixe-a ir embora. Não toque nela!

—Você não dá as ordens em minha casa!

Eu ranjo meus dentes, engolindo um vai se foder. —Eu tenho o que você quer, — eu digo, parando minha luta contra os homens.

Ele reduz os olhos para mim.

—Deixe-a ir e eu te dou.

—Ou eu posso apenas levá-la.

—Esse não é o seu estilo.

Ele sorri. —Não, não é. — Ele se vira para o seu homem. —Deixe-a ir.

Amélia recua até a parede distante, olhos enormes. Eu acho que em todo o tempo que eu a tive, esta noite é quando ela está realmente com medo.

Stefan coloca as mãos nos bolsos. Ele faz gestos para que os seus homens me larguem também.

—Venha aqui, Amélia, — eu digo, nunca tirando meus olhos dele.

Ela vem rápido e silenciosamente para o meu lado.

Eu me viro para ela. —Ele te machucou?

—Estou ofendido, — Stefan diz ironicamente.

Eu não podia me importar menos com ele.

—Ele te machucou? — Peço-lhe outra vez.

Ela balança a cabeça. Acho que ela só agora ela se recompõe.

Eu viro para Stefan, enfio a mão em meu bolso, pego o anel do irmão dele e coloco na mesa dele. —Isso é o que você queria de Lucinda. Aqui está. Você cortou os dedos dela. Isso faz você entrar na minha lista.

Ele olha para o anel e eu não sei se ele está surpreso ou o quê, mas ele pega-o, estuda-o por um longo tempo, virando-o mais e mais em sua mão quase como se ele estivesse se lembrando.

Depois de uma eternidade, ele desliza-o no dedo, e eu acho que Lucinda estava errada. Acho que se encaixa perfeitamente em Stefan o anel. Ele merece ter o título de chefe porque ele é. O irmão dele nunca foi talhado para isso. Stefan, no entanto, gosta do seu trabalho.

Stefan toma um gole de seu uísque e muda seu olhar para mim.

—Eu temo que eu não terminei com Lucinda ainda, — ele me informa.

—Você já tem o que ela pegou.

—Foi isso que ela te disse?

Foda-se.

—Obrigado por devolver o meu anel. — Ele enche um segundo copo de uísque e oferece para mim. —Desse negócio com Lucinda, você está fora dele.

Eu não pego o copo. Ele pousa-o, estuda-me.

—Nós somos parecidos, você e eu, você sabe, — diz ele.

—Nós não somos parecidos. Não somos nada parecidos.

—Pelo contrário, eu sei algo sobre você. Eu sei o quão longe você vai para conseguir o que quer. Seus olhos caem sobre Amélia. Ele sorri, mas quando olha para mim, esse sorriso desaparece. —E eu sei do que você é capaz.

Ele olha para aquele anel de novo e eu acho que é uma vitória triste. Está no topo do seu mundo, olho para ele.

—Deixe-os ir, — ele diz sem outro olhar para qualquer um de nós e somos conduzidos antes que eu possa dizer uma outra palavra.

CAPÍTULO 21

Amélia

Gregory cuida de mim, me colocando no carro, me prendendo. De alguma forma, eu me mantenho calma até que nós dirigimos para fora daqueles portões porque não tenho certeza se Stefan realmente vai nos deixar ir. Mas uma vez que estamos na estrada, é como se tudo que eu senti nas últimas vinte e quatro horas vem escorrendo em forma de lágrimas.

—Você está bem? — Gregory me pergunta uma vez que estamos na rodovia.

—Estou bem? — Eu pergunto, virando-me para ele.

Sua mandíbula aperta, e seus dedos ficam branco no volante.

—Estou bem? — Repito. —Eu acordei e descobri que você tinha ido embora e aqueles homens... aqueles homens... — Eu limpo com a parte de trás da minha mão o meu nariz e olhos e levo um minuto para continuar. —Eles estavam dentro do quarto. Eu estava... Eu nem estava vestida. Pensei que era você e afinal eram dois homens e não. Não, não estou bem. Não estou nem um pouco bem. Eu...

Ele desvia-se da estrada tão rápido que eu soltei um grito que foi abafado apenas pelo som irritado dos pneus de carros.

Os pneus guincharam quando ele para e fizemos uma parada tão rápida no acostamento da estrada que se não fosse pelo cinto de segurança, eu tenho certeza que meu rosto seria esmagado no painel.

Ele vira-se para mim, pega nos meus braços, na minha cara.

—Eu sinto muito. Não pensei. Eu nunca deveria ter deixado você sozinha. Eu nunca deveria ter deixado você desprotegida.

Seus olhos estão escuros e intensos em mim, mas dentro deles, uma tempestade está furiosa. Ferido, traição, perda e raiva. Tanta raiva.

Eu me mexo e toco em seu rosto, larga-me, respira profundamente, pressionando sua cabeça no assento e olhando para fora, para a noite. Um carro passa muito perto, buzina forte.

—Vai se foder! — Gregory grita na janela.

Eu estremeci, embrulho meus braços em torno de mim.

Ele olha para mim, puxa o suéter sobre a cabeça e me entrega. — Toma. —

Eu olho para ele estupidamente.

—Coloque-o. Você está com frio.

Eu pego, visto, olho para ele em sua camiseta preta e penso o quão bom a lã será agora, ainda quente dele, ainda cheirando como ele.

—Ele não me machucou. Ele só me levou para chegar em você.

—Eu sei. —

Ele volta para a estrada, eu coloco meu cinto de segurança, e acho que nós dois estamos um pouco mais calmo.

—O que aconteceu com você? — Eu pergunto. —Onde você estava?

—Fui ver minha mãe.

—Como você a encontrou?

—Sebastian. —

—Ela pegou o anel de Stefan? Isso tudo foi por causa de um anel

estúpido?

—Não apenas qualquer anel.

Eu me mexo, toco em seu ombro porque há mais. —O que está havendo?

Ele balança a cabeça.

—Gregory

—Não agora! — ele diz.

Eu tiro a minha mão e volto para a janela, lembro o que Stefan disse sobre as catacumbas e lembro o meu sonho, como a menina continuou tentando me levar até aquela porta.

Como ele chegou lá embaixo? Quando? Naquele dia que ele estava em casa quando nós chegamos?

E o que há lá embaixo?

Sempre que olho para Gregory, vejo como sua testa está vincada, como ele está profundamente fechado em seu pensamento. E eu não posso deixar de me sentir fora disso. Ainda estamos separados. Ele tem seus segredos e eu estou mantendo os de Stefan e tudo parece errado.

A viagem para a casa é longa e tranquila, as estradas escorregadias uma vez que saimos da rodovia e vamos até às estradas menores para Villa de Rossi.

—Posso telefonar à minha irmã? — Eu pergunto uma vez que ele estaciona o carro em casa.

—O quê? — ele pergunta, como se ele estivesse surpreso ao ver-me lá ao lado dele.

—Posso pegar meu celular para ligar para Helena?

Ele acena uma vez e nós entramos. A porta está destrancada, uma luz está ligada na sala e outra lá em cima, no quarto. Ele sai correndo. Deve ter voltado e descoberto a minha ausência.

—Como você sabia que eu estava na casa de Stefan? — Eu pergunto quando entramos.

—Ele deixou um convite, — diz Gregory. —Maldito arrogante bastardo.

Eu sigo-o para o seu escritório. Ele abre, e entramos. Ele tira o meu telefone de uma gaveta de mesa e entrega-me depois de colocar a bateria.

—Você terá que carregá-lo, — diz ele quando não liga. Ele me entrega um carregador, eu acho que é do seu telefone.

—Obrigado. —

—Ouça, — diz ele, parado lá olhando de soslaio para mim, esfregando a nuca. Ele deve ter mudado de ideia, embora ele assinta sua cabeça. —Eu preciso fazer uma chamada.

—Quem você vai chamar? É tarde.

—Jogue esse vestido fora, — é a sua resposta.

Eu mordo o interior da minha bochecha. —OK, — eu digo. Pegando o telefone e o carregador, e saindo do escritório dele, fechando a porta atrás de mim.

Quando eu ouço a fechadura, decido o que farei e apresso-me até o quarto, coloco o telefone na cômoda e procuro a lanterna portátil que eu vi na gaveta do banheiro ao lado da tesoura. Eu pego-a e volto para o corredor, tirando os saltos altos que Stefan me deu para usar, deixo-os no topo das escadas e vou de volta para baixo, pela sala de estar e depois de sua porta fechada do escritório, para a biblioteca.

Lá, eu ligo a lanterna e digo à voz dentro da minha cabeça que

está gritando para eu voltar lá para cima, ligar para Helena e para calar essa boca e continuo indo para a parte de trás da sala.

Eu fico na frente daquela antiga porta de madeira por um longo minuto, pensando que parece a entrada para o inferno. O medo me preenche. Sei que o que vou encontrar vai ser ruim. Eu sinto isso. E uma parte de mim espera que a porta esteja trancada, mas quando eu tento, vejo que a fechadura foi quebrada e acho que deve ter sido Stefan ou os seus homens que fizeram isso.

Gregory sabe que ele veio até aqui?

Eu empurro a porta para abrir, ligo a lanterna e ilumino a escuridão antes de tomar uma respiração profunda, inalando a mistura de terra e frio antes de pisar na escuridão.

CAPÍTULO 22

Amélia

A lanterna pisca várias vezes, a bateria deve ser velha, mas fornece bastante luz e eu posso pelo menos ver onde estou indo.

Teias de aranha colam no meu cabelo e no meu rosto. Eu não quero nem pensar o que estou esmagando com meus pés descalços. Eu gostaria de ter pensado em colocar sapatos ou pegar um par de meias, pelo menos.

Eu só sigo caminho e quando vou pelo corredor, vou para o lado direito, como Stefan disse, e juro que está mais escuro aqui e até mais frio.

Eu passo quarto após quarto sem portas, e a escuridão continua para sempre. Quanto mais fundo eu vou, mais longe ela se estende.

Toda vez que eu olho sobre o meu ombro, parece que atrás de mim, há uma centena de opções a escolher e acho que se eu me virar, nunca irei encontrar o caminho de volta. Não para a biblioteca. Não de volta para a casa.

Não de volta para a vida que eu conhecia antes da colheita.

Mas finalmente eu chego a um quarto com uma porta e eu sei que este é o único que Stefan quis dizer.

Eu penso no que Gregory disse. Sobre a ignorância ser um presente. Mas não posso ir por aí. Eu tenho que ver o que está aqui. Tenho que ver o que ele está escondendo.

Como a de cima, esta porta parece velha e pesada, mas abre mais facilmente do que eu achava que iria abrir, como se as dobradiças tivessem sido oleadas. Eu aponto a lanterna ao redor e na luz fraca, eu

vejo velas, um monte delas em pedras salientes ao longo das paredes como prateleiras improvisadas, e folhas sobre folhas de papel estão presas às paredes como cartazes.

Mas é então que a lanterna pisca, apaga e não importa o quanto eu bata ou sacuda, ela não vai ligar de volta.

Eu entro na sala, coloco minhas mãos na minha frente enquanto eu caminho em direção para onde eu vi as velas. O som da porta fechando atrás de mim, fazendo-me saltar, animando-me a mover-me mais rápido. Com minhas mãos, eu sinto a parede áspera, fria e, em seguida, a cera suave de uma vela e há uma caixa de fósforos ao lado dela, mas atrapalho-me e eles caem no chão, palitos se espalhando.

Eu me agacho e os sinto, cega neste escuro sólido, tentando não pensar sobre o que eu estou tocando. Logo, eu pego a caixa e acendo um fósforo e é um pequeno alívio em toda esta escuridão.

Minha mão treme enquanto eu levo o fósforo até á vela, e a chama ameaça cair outra vez quando expiro e a luz acende.

Eu olho a folha mal iluminada pendurada na parede, tentando perceber o que está nela. O fósforo queima meus dedos, fazendo-me deixá-lo cair e saltando para trás.

De dentro da caixa, eu tomo o último pau que não caiu, seguro-o junto da chama da vela acesa e vejo o fosforo acender. Eu acender a próxima vela, em seguida, vejo outra depois disso, outra depois disso, acho que deve haver uma centena delas. Fileiras e fileiras nas pedras salientes ao longo de cada uma das quatro paredes. Quando o pau queima, eu pego uma das velas e concentro-me em acender cada uma, contando enquanto vou, porque o que eu vislumbro das páginas presas às paredes, eu não posso pensar sobre isso. Não, ainda não.

Algumas das velas não são nada além de tocos. Algumas novas. E há uma caixa cheia delas em um canto.

108 velas e o quarto é banhado em suave luz familiar.

Como a luz na biblioteca na noite da Colheita.

E justo como naquela noite, eu faço um círculo e vejo repetir tudo ao meu redor. Vejo aquela noite memorizada. Esboço após esboço, pendurados um ao lado do outro, alguns se tocando, uma segunda fileira deles ao longo de uma parede.

Alguns deles são meus.

Todos aqueles daquela noite em particular são meus.

O caderno desaparecido. Aqui está. Aqui estão todas as páginas do meu livro desaparecido.

Eu ando pelas rajadas de cor ao longo destas paredes de pedra úmida e preta.

É o vermelho que marcava a bainha da Helena.

Ele deve ter usado o dedo para desenhá-lo.

Vermelho.

Vermelho brilhante.

Sangue de porco. Era com o que costumavam marcar o vestido.

Eu me pergunto se ele usou seu próprio sangue para marcar o esboço.

Eles exigiam que meus pais usassem sangue de porco? Eles poderiam facilmente ter usado um pouco de tinta. Ou a minha mãe escolheu matar o porco? Para usar seu sangue e puni-la ainda mais? Porque acho que ela odiava Helena. Só não percebo porquê.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas enquanto tento entender ela, minha mãe. Eu me pergunto se a distância dela de nós foi todas as nossas vidas, ou se foi para prepará-la para o que ela teria que fazer.

Ou o que ela achava que teria que fazer.

A Colheita.

Este contrato insano entre nossas famílias.

Tudo o que ela tinha que fazer para parar era nos escolher sobre o dinheiro, a casa.

Eu balanço minha cabeça para limpar, porque isso não é mais importante. Não importa porque foi feito e Helena está naquela ilha e eu estou aqui no meio desta sala.

Este Memorial.

O Memorial dele.

Para ela?

Lembro-me daquela noite em que tive o pesadelo pela primeira vez, quando ele me acordou e eu o vi, vi como os dedos estavam sujos.

Carvão.

Ele estava usando para desenhar.

Para modificar meus esboços. Para desenhar o seu próprio. Para fazer um monstro de si mesmo.

Acho que vou vomitar.

É preciso tudo o que eu tenho para fazer as minhas pernas trabalhar, para andar lentamente através da sala de canto para canto, tomando o meu tempo, estudando cada página que está presa à parede, tocando alguns, traçando algumas das figuras.

Isto é o que ele tem escondido.

Mas isso não é tudo.

Agora sei por que ele não me deixa ver as costas. Eu sei o que eu vou encontrar lá uma vez que eu o faça.

Duas garrafas de uísque meio bebidas estão no chão ao lado da cama. Tem um travesseiro e um cobertor. Deve ser onde ele dorme quando desaparece à noite.

Eu vou para a cama. Sento-me e pego o travesseiro. Trago-o para o meu nariz, e sinto o cheiro dele, e meu coração está agitado e acho que o odeio. Quero odiá-lo.

Porque todo esse tempo, enquanto estive aqui, ele só pensava nela.

Tudo isso tem sido sobre ela.

Sou apenas uma réplica dela?

Um segundo melhor?

Meus olhos aquecem com lágrimas eu desprezo-me por isso e pego uma das garrafas e abro-a, puxo meus joelhos para cima e os abraço com meus braços, porque está congelando aqui embaixo, e eu acho que eu deveria ter colocado sapatos.

Eu bebo dois goles de uísque.

O uísque dele.

A cama dele.

O travesseiro dele.

O cobertor dele.

A única coisa que não é dele sou eu.

Ele acha que sou ela?

Ele finge que sou ela quando me toca? Quando ele está me

fodendo?

Mágoa vira raiva, vira uma fúria que faz meu sangue ferver, engulo mais do liquido ardente e eu não posso tirar meus olhos dos malditos esboços.

Sento-me lá por uma eternidade só olhando. Só procurando algo ao redor. E quando finalmente me levanto, o quarto gira um pouco. Talvez isso seja bom. Talvez se eu desmaiar, não terei que ver.

Não terei que saber.

—Estava apaixonada por ela?

Eu limpo as lágrimas e o ranho, acho que sou um tola. Deus. Que tola. Que tola estúpida.

Whisky balança na garrafa, pingando em meu queixo, deixando o seu resíduo pegajoso e doce para trás com algumas gotas no meu suéter.

Não.

Não é meu.

Dele.

Eu coloco a garrafa no chão, só por um instante, porque eu quero tirar o suéter. Quero fora de mim, puxo as mangas e passo pela minha cabeça, está tão frio, mas não me importo.

Pego a garrafa de novo, bebo mais uísque.

Estando aqui cercada por isso, por tudo isso, é como voltar no tempo para uma noite que eu não posso esquecer.

Para a noite que mudou tudo.

Eu me obriguei a dar mais uma volta, um círculo lento ao redor da sala, garrafa na mão. Eu estudo como ele alterou meus esboços,

apenas pequenas modificações. Como as sombras dos fantasmas do passado Willow que se agarrou aos cantos da biblioteca naquela noite, ele os viu também? Sente-os? Porque são mais proeminentes agora, em mim e nele.

Eu olho para os outros esboços, algumas cenas eu não lembro, aqueles ele deve ter testemunhado em primeira mão. Aqueles que ele desenhou.

O quão bem ele escondeu isso de mim.

O quão bem ele escondeu tudo.

Eu limpo meu rosto com as costas da mão, obrigo-me a olhar porque é a hora de ver. Já passou da hora de eu ver.

Sebastian está segurando Helena aqui e ela está nua em seus braços e eu sei que ele a ama. Posso ver que Sebastian a ama.

Não quero odiar minha irmã.

Isto não é culpa dela.

Bebo outro gole de uísque, o último da garrafa. Não havia muito lá. Um quarto da garrafa? Eu deixo cair no chão, não me importo se ela quebra, não me importo que eu piso naqueles fragmentos enquanto eu pego a garrafa para esvaziar também. Para beber até o esquecimento.

O rosto dela. O detalhe do rosto dela. Ele deve ter passado horas apenas nos detalhes de seu rosto.

Mas então eu vejo mais.

Eu *os* vejo.

E eu já sabia o tempo todo, não é? Não é a única coisa que faz sentido?

Helena, Sebastian e Gregory.

Juntos.

Helena entre eles.

Entre ambos.

Ambos os irmãos a segurando.

Ambos a tê-la.

Eu pressiono meus pés no vidro, pisando na dor dele me cortando. Eu bebo.

Ciúmes são quentes.

Raiva ferve.

Mas traição, é fria. Fria como gelo.

E estou congelada.

A traição faz-me tremer e torna-se difícil engolir.

Respire.

Eu estou diante do quadro que Helena está nos braços de Sebastian olhando para trás, olhando para fora do esboço. Os olhos dela encontram os meus. Presumo que foi o Gregory que ficou onde eu estou agora. Quem assistiu seu irmão levá-la embora.

Viu seu irmão levá-la para longe dele.

Eu estudo o rosto da minha irmã e o olhar presente em seus olhos, é estranho. Quase me arrependo.

Eu me vou para outro e este também, tem cor. Não tão brilhante como o vermelho, mas um laranja profundo. Um laranja ardente e irritado.

Helena está presa à um poste, costas descobertas, fogo nas proximidades, fogo furioso em volta.

Vai consumi-la.

Vai consumi-los todos.

Talvez tenha consumido.

Este, foi rasgado em dois, em seguida, colado mas mal colado. Gregory se rasgou do esboço, em seguida, coloca-se de volta.

Não consigo visualizar o rosto dele. É um borrão.

Não, isso não é verdade. Trago o uísque para a minha boca e bebo, ignorando o frio debaixo dos meus pés, ignorando a dor do vidro embutido na pele. Eu estudo este porque tão importante como todos eles são, este, é assombrado.

Ele manchou os detalhes de seu rosto, quando ele pegou o carvão e tentou esfregá-lo, mas eu ainda posso vê-lo. Vê-lo.

E o que vejo é dor. Miséria.

O que eu sinto quando eu olho para isso é uma dor tão grande, tão intensa, quente e ardente, dói. Dói-me o vidro debaixo dos meus pés. Dói como se o fogo estivesse queimando minha própria pele.

O fogo o consumiu.

E tudo finalmente faz sentido. Seu fascínio. A obsessão dele.

Vejo claramente agora pela primeira vez desde que me levou. A luva também, faz sentido. Eu entendo porque ele a usa, porque ele nunca a tira.

Eu tiro aquele da parede, retomo meu lugar na cama e com meu dedo, traço o rosto dele. E então, um minuto depois, eu rasgo-o, rasgo-o ao longo da linha onde ele tinha rasgado. Eu o levo embora.

E é como o fogo, essa raiva, queimasse dentro de mim e estou rasgando o papel, retalhando-o em uma centena de peças. Eu deixo os restos dispersar ao longo do chão, me levanto e pego, um dos meus, a noite da Colheita, faço o mesmo com esse com o próximo e um após o outro depois disso, porque não posso olhar para eles mais uma vez. Nem por mais um segundo.

Não posso vê-lo assim.

Não posso senti-lo assim.

Raiva borbulha e grito, não paro de rasgar, rasgando, destruindo. Eu não paro até que o chão está cheio de restos daquela noite, o passado, apenas pedaços no chão aos meus pés, as paredes nuas.

Eu não paro até a garrafa estar vazia, não posso andar sem tropeçar e quando eu termino, quando estou completamente exausta, me lembro onde estou, lembro da garotinha e acho que é isso que ela queria me mostrar? Foi aqui que ela me guiou?

Eu quero ir embora.

Eu quero sair daqui. Sair desta sala. Desta casa.

Eu quero sair.

Mas a porta, está nivelada à parede, nenhuma maçaneta, apenas um furo onde tinha uma, nenhuma maneira de abri-la que eu possa ver e quando eu tento, eu falho.

O pânico me esmagou enquanto eu escaneio a sala novamente, vejo onde estou, sei que estou presa.

Eu tropeço de volta para a cama, caio sobre ela quando as costas de meus joelhos a tocam.

É a bebida. Deve ser a bebida. Só preciso pensar. Ficar calma e pensar.

Uma respiração profunda me lembra o cheiro daquelas bainhas

que usamos durante a Colheita porque esse cheiro apodrecido, está aqui também.

Terra podre.

Ele cheirava assim também naquela noite quando me acordou. Quando eu estava seguindo a garotinha aqui no meu sonho.

Ele esteve aqui.

Mas há mais agora. Outro perfume. O de cadáveres apodrecidos.

Minha mente se move para a garotinha.

Eu me deito porque, de repente, minha cabeça está pesada demais para suportar. Mas antes que eu possa fechar os olhos, antes que eu possa dormir, eu tenho que fazer mais uma coisa. Mais uma coisa para queimar aquela noite. Queimar qualquer evidência disso. Destruir o legado das Willow Girl.

Eu caio de joelhos no chão, a pedra áspera porque este vestido não oferece proteção. Eu começo a recolher todas as folhas de papel, porque rasgá-las e separá-las não é suficiente. Eles precisam ser destruídos e só o fogo pode realmente destruir. Pode transformá-las em cinzas.

Acho que fiz o que ele me avisou para não fazer.

Porque acho que me apaixonei por ele e não poderia.

Porque isto... vendo isso... Não é a mim que ele quer. Nunca foi.

Nunca fui *eu*.

Lágrimas caem gordas e pesadas ao meu redor e não sei como há tantas para chorar.

Minhas mãos e braços ficam sujos de pegar a maioria picotes e vejo o rosto da minha irmã em pedaços. Observo os olhos dela.

Acho que é o único esboço em que ela está olhando para longe de Sebastian, ele a levando embora, ela está olhando para mim e eu olho para trás, não é culpa dela. Eu sei isso. Mas uma parte de mim odeia-a.

Eu me sento no chão com os fósforos caídos. Preciso deles. Eu vou até uma vela, tentando pegar a caixa, a cera quente espirra no meu braço, fazendo-me arfar. A apaga, no entanto, eu tomo cuidado para pegar os fósforos e não derrubar outras velas no caminho.

A primeira tentativa não funciona, nem a segunda, mas então, a terceira acende e uma chama explode na minha mão eu sinto o cheiro de enxofre e olho para a chama.

Olho para o rosto da minha irmã, com os olhos dela focando em mim. Eu deixo o fósforo na pilha de papéis, fico surpresa com a rapidez com que o fogo começa.

Quase como se as próprias páginas quisessem queimar.

Para serem apagadas da história.

Da memória.

Como você as queima da pele, no entanto?

O calor me afasta no chão e um instante de terror me bate quando penso, e se o fogo se espalha? E se não conseguir sair?

Mas então ouço um som, como se uma fechadura pesada girada e a porta bate contra a parede e Gregory está lá, olha para mim, olha para o fogo e para todas as velas. Vejo horror em seu rosto e tudo que posso pensar é que ele está com raiva que seus preciosos esboços se foram.

Que sua preciosa Helena se foi.

E eu quero raiva.

Eu quero gritar e rugir, mas ouço um barulho alto de algo

partindo atrás de mim, quando minha boca se move para gritar, seus braços estão ao meu redor, ele está me puxando para cima e me tirando da sala, fora de perigo.

Ele volta para dentro, eu sento lá e abraço meus joelhos, ele pega o cobertor e eu assisto ele apagar o fogo até que tudo o que resta é fumaça preta e cinzas.

Cinzas do passado.

Só memórias agora.

Memórias são uma maldição. Lembrar é cruel.

E eu nunca consigo esquecer.

Gregory cheirando fumaça quando sai para o corredor e ele olha para mim, se baixa para tocar meu rosto.

—Você está ferida?

Eu só olho para ele. —Eu estava certa, não é?

—Certa?

Ele parece confuso, mas não consigo pensar nisso.

Eu me levanto e fico de joelhos, eles estão machucados, arranhados por este piso implacável. Eu puxo sua camisa, rasgando-a, e tentando jogar os pedaços longe, mas não dá, não de imediato.

Mas ele ainda fica e me deixa continuar.

Ele me deixa abri-la, empurrá-la para fora de seus ombros, deixa a pendurar no meio dos braços e eu toco-os, olho para as minhas mãos sobre ele, tão pequenas em torno dos músculos poderosos, tão pálidas contra toda essa tinta.

Eu me levanto, ando em volta dele, tossindo com a fumaça e o cheiro de podridão, olho para as costas, no caos de tatuagens lá,

imagem sobre a imagem esculpida em sua pele.

—Amélia. — Sua voz é baixa, calma e quieta.

—Não! — A minha é o oposto.

Eu soco meu punho em seu ombro.

—Eu te odeio. Eu te odeio.

—Pare, Amélia. — Mas ele não se move para me parar, está de joelhos aos meus pés, eu estou batendo nele com meus punhos nele e ele deixa. Ele só está deixando.

Bati nele de novo e de novo. Mais. Quero arranhar a pele dele, arrancá-la, apagar o passado com as minhas unhas.

Quero magoá-lo.

Quero fazê-lo sangrar.

E o som, o de uma mulher louca, é meu. São os meus gritos.

Ele levanta-se finalmente, finalmente. Ele vira, pega meus pulsos e me empurra para trás, me pressiona na parede.

—Não! — Eu grito de novo, lutando contra ele. Lutando contra ele, mas querendo ele. Precisando dele.

Precisando odiá-lo.

Precisando que ele me queira.

—Pare!

Seus olhos estão escuros, ele me olha e no instante seguinte, está pressionando sua boca na minha, beijando e a minha nuca dói da pedra, mas ele não vai me deixar e assim eu mordo-o. Eu mordo-o com força, quero o ferir e tudo que sinto é o gosto metálico de seu sangue e

o sal de minhas lágrimas e isto é o que nós teremos.

Isto é para nós. Para ele e para mim.

Sangue, lágrimas, dor e ódio.

—Eu não sou ela, — eu grito quando ele puxa para ele, sua respiração curta, irregular, minha luta drenando, deixando meus membros pesados, sentindo um tijolo dentro de minha barriga. —Eu não sou ela.

Ele me observa, dedos machucando meu rosto quando tento me afastar.

—Eu não sou ela. — Estou chorando. Chorando. —Eu não sou. Eu nunca serei ela.

Ele rasga meu vestido, rapidamente. Tem pressa, suas mãos são ásperas, e a pedra está castigando a pele das minhas costas.

—Eu não a quero, — diz ele finalmente. —Eu não a quero.

Eu cavo minhas unhas na cara dele, e ele não me impede. Só continua rasgando meu vestido.

—Eu te amo, Amélia. Você. —

Não o ouço. Não posso. —Eu não sou ela. — É como um mantra. Como um cântico interminável. —Eu não sou ela.

—Sua estúpida, estúpida garota. É *você*. Você é quem eu quero.

Minhas unhas se enchem com a sua pele, ele pressiona o seu corpo contra o meu, prendendo-me entre ele e a parede, tirando seu jeans, deslocando o aperto para os meus quadris, levantando-me só para me empalar no seu pau, espesso e pronto e doloroso, doloroso o suficiente para me fazer gritar.

Ele olha para mim quando eu grito e empurra de novo e sei que

ele não vai parar, e eu não quero que ele pare.

Eu o quero. Quero-o assim.

E eu o odeio ao mesmo tempo. Eu o odeio por tê-la procurado.

Quando ele me beija, o sangue em seus lábios se espalha pela minha boca, meu rosto e quando ele fode comigo, é forte e está me machucando, estou agarrada nele. É como se seus olhos vissem dentro de mim e acho que ele vai me dividir ao meio porque ele também não pode chegar perto o suficiente. Ele não pode chegar perto o suficiente.

E tudo o que posso pensar é como ele é bonito. Mesmo agora. Mesmo assim. Tão lindo como aquele anjo que está tatuado nas minhas costas.

Quebrado.

Bonito.

Um monstro quebrado e um anjo ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 23

Gregory

Eu tento esquecer a imagem do que eu vi atrás da parede de pedra da minha mente. Eu trato disso mais tarde.

A minha camisa está pendurada nos meus ombros, o vestido da Amélia é um trapo. E nós dois fedemos à fumaça e à fogo, acredito que eu nunca mais quero voltar lá novamente. Nunca mais quero voltar ao subsolo.

Eu a puxei para fora.

Suas mãos caem dos meus ombros e quando me afasto, assisto-a deslizar para o chão, vejo-a trazer as mãos sujas para o rosto, limpar uma lágrima apenas para deixar um rasto de sujeira em sua têmpora.

Quando ela olha para mim, seus olhos, o olhar dentro deles, isso acaba comigo.

Eu pensei que aquela noite, na noite da minha marca, aquilo tinha acabado comigo. Mas eu estava errado, porque isto, a maneira como ela olha para mim agora, isso é o que me destrói.

—Amélia. —

Ela coloca uma mão no chão, tenta levantar até ficar de pé e quando ela tropeça, quase caindo de volta no chão, eu pego-a e quando ela me empurra, eu sinto o cheiro de uísque e fogo.

—Quanto você bebeu? — Eu pergunto quando eu a seguro em pé. Se eu a deixar, ela cairá.

Ela bate as mãos no meu peito e eu vejo o esforço que ela faz para se endireitar.

—Eu não sou ela, — diz ela novamente.

Quando ela tenta me empurrar para longe, eu tomo posse de seus pulsos e puxo seus braços para os lados, em seguida, atrás dela para segurá-los em um dos meus enquanto eu puxo o cabelo para a parte de trás de sua cabeça com a minha outra mão e forço a cabeça para trás.

—Ouça-me, Amélia, — Eu digo, puxando-a mais perto para que o meu nariz esteja quase tocando o dela. —Eu não a quero.

—Eu não sou

—Eu. não. Quero. Ela.

A raiva em seus olhos dá lugar à dor e meu coração dói ao vê-la, ela nunca deveria ter vindo aqui embaixo. Nunca devia ver aquele quarto.

Eu deveria ter destruído todos esses esboços há muito tempo. Devia tê-los incendiando eu próprio.

Eu diminuo meu aperto em seu cabelo, ela deixa cair o topo de sua cabeça no meu peito, ouço-a chorar e sinto o calor molhado de lágrimas, estou tão farto de lágrimas. E tão farto do passado.

Eu abaixo minha cabeça, meus lábios em cima dela. Eu beijo-a e acho que ela não ouve o meu sussurro. Eu sei que ela não ouve.

Quando comecei, era sobre Helena.

Quando eu decidi isso, foi porque eu não tive a garota.

Porque eu queria castigar Helena. Mas agora é diferente. Tudo é diferente. Tem sido diferente desde que entrei naquele apartamento e vi aqueles esboços e neles a vi. Eu vi Amélia.

Eu a abraço, ela está congelando.

—É você, Amélia. Você . — Eu tiro o cabelo de seu rosto. —Você é

para mim.

Ela não luta quando a levanto, mas vira o rosto para longe, esconde-o na curva do meu pescoço.

Quero-a fora daqui. Fora deste frio. Desta escuridão.

Levo-a para o meu quarto, para minha cama. Eu a deito e tiro os trapos de seu vestido. Eu limpo os cortes em seus pés dos cacos da garrafa quebrada de uísque, quando termino, deito ao seu lado, beijo suas bochechas, suas têmporas, suas pálpebras. Seguro a mão dela na minha e sinto o quão macia ela é, eu nunca quis estar tão perto de ninguém antes. Não, assim. Não é uma vontade.

—Sou eu, — eu digo.

Ela olha para mim, e eu acho que ela deve estar cansada. Totalmente drenada.

Charlie. Liona. O apartamento. Era só eu. Eu os contratei. Eu paguei. Eu defini tudo. Foi tudo eu desde o início.

Ela vira-se, mas eu toco o rosto dela, faço-a olhar para mim.

—Eu poderia ter tomado você, como eu fiz de qualquer maneira, mas eu queria o jogo. Eu queria transar com você. E tinha razão. Era tudo para machucá-la.

Sua testa enruga e eu penso em tudo o que ela teria visto lá embaixo. Todas aquelas cenas da ilha.

Sebastian. Helena. Eu.

—Pare, — ela diz fracamente, tentando novamente olhar para longe.

—Mas então eu não tinha seus desenhos, — eu digo. —Tudo mudou quando vi o caderno de esboços. Cada coisa.

Seus olhos tristes me estudam.

—E então eu a observei todas as noites. Eu vi seu rosto. E o que eu vi, você era assim... — Eu procuro as palavras, enxugo as lágrimas deslizadas em suas bochechas, vejo a minha mão enluvada, acho que é estranho, como essa luva não pertencesse.

Não mais.

—Você parecia esta coisa estranha, bonita, machucada. Você estava em pedaços. E todo esse tempo, o que eu queria, o que eu estava fazendo, era coletando todos esses pedaços de você e eu nem sabia disso.

Ela pega minha mão, e posso ver em seus olhos o que ela teria visto naquela sala e eu sinto isso de novo, aquele fogo irritado.

Quando ela começa a descalçar a luva, eu não a impeço.

Ela põe a luva de lado.

Eu não sei o que eu espero que ela vá fazer quando a vir. Saltar. Gritar. Sentir repulsa.

Mas ela não faz nenhuma dessas coisas. Em vez disso, ela toca a pele cicatrizada e crua da minha mão. Traça a curva crescente, profunda e queimada da minha palma.

—Você o impediu de marcá-la.

Eu aceno. —Eu não sou o herói e meu irmão não é o monstro. Foi por minha causa que isso aconteceu. Eu só parei o que eu comecei.

—Você a amava?

Eu inclino minha cabeça contra o cabeceira da cama e estudo o teto por um longo tempo antes de olhar de volta para ela.

—Preciso que responda isso.

Ela merece uma resposta a esta pergunta. Eu sei disso. —O que aconteceu naquela ilha não teve nada a ver com o amor. Não para mim.

Tristeza, só tristeza.

—Você ouviu o que eu disse para você? — Eu pergunto.

—O quê?

Lá embaixo. Nas catacumbas.

—Você disse que não a quer.

—O que mais?

Seu olhar muda para o colo, cílios grossos escondendo os olhos de mim.

—O que mais, Amélia?

Leva uma eternidade para olhar para mim. —Você disse que me ama.

CAPÍTULO 24

Amélia

Vejo-o me observar.

Ele toca meu rosto, se inclina para mim, beija minha boca.

Eu fecho meus olhos, e ele é tão gentil, tão suave comigo.

Pus a mão no peito dele, beijei-o de volta e é como se estivéssemos a fazer isso pela primeira vez. Assim, como se fosse a primeira vez que nos tocamos. A primeira vez que nos beijamos.

—Eu te amo, — ele diz contra a minha boca.

Eu deslizo meus dedos em seu cabelo enquanto ele me rola de costas e fica em cima de mim e eu gosto do seu peso em mim. Sinto-me segura e por alguma razão, me encontro chorando novamente, ele está me beijando mais forte e penso sobre o que ele me avisou para não fazer naquele primeiro dia. Quando me disse para não me apaixonar por ele.

Acho que o amo há muito tempo. Muito antes dele me trazer para esta casa.

Ele se afasta, olha para as minhas lágrimas.

Eu viro minha cabeça, puxo-o para mim. Nós cheiramos à fumaça e terra, mas eu não me importo.

Eu beijo-o novamente, enrolo uma perna em torno dele e quando ele desliza dentro de mim, olha para mim de novo, porque ele gosta de me ver levá-lo.

—Porquê? — Eu pergunto.

—Porquê o quê? — Ele para de se mexer, afasta o cabelo escuro do meu rosto, os dedos macios e quentes na minha pele, mais quente do que o fogo.

—Porque você me ama?

Ele sorri. É o sorriso mais suave que já vi. —Porque eu estou em pedaços também e só quando estou dentro de você eu fico inteiro.

Ele se move dentro de mim, é quente e grande e eu me sinto segura, sinto que ele nunca vai me deixar ir, me agarro a ele porque é como ele se sente, é como eu me sinto também.

Eu acho que precisava dele para me resgatar como ele fez. Nunca houve mais nada, nem ninguém para mim.

Ele se ajeita, observando-me enquanto seus impulsos vão mais fundo, mais rápido, mais forte, olha para mim o tempo todo, arqueio as minhas costas e me inclino para beijá-lo, olhos abertos, lambendo seu lábio cortado, beijando, sentindo ele aumentar dentro de mim e nós gozamos juntos, conectados em todos os sentidos, acredito que nunca poderei ficar sem ele. Nunca vou conseguir ficar longe deste homem. Porque tudo pegou de mim, ainda está com ele, e eu não quero de volta porque nunca estarei inteira sem ele.

Mas quando o orgasmo passa e nos deitamos ofegantes, o peso pesado da realidade retorna.

—Eu preciso dizer-lhe uma coisa, — eu digo.

Ele rola para as costas, olha para o teto.

—Helena está grávida.

Sua reação é diferente do que eu esperava, ele acena lentamente e o olhar em seus olhos, é estranho, quase resignado.

—Você sabia? — Eu pergunto.

—Eu descobri na outra noite, — diz ele, deslocando o olhar para

mim.

—Como?

—Minha mãe.

—Como ela sabia?

—Não importa, não mais. Nada disso importa.

Tenho que dizer a próxima parte. Eu não quero. Deus sabe, eu não quero, mas eu tenho que dizer. E sei que ele também pensou nisso.

—Você pode ser o pai.

Como se fosse um sinal, meu telefone que está carregando ao lado da cama, vibra. Eu olho para ele, vejo-o trepidar em cima do móvel. Está virado para baixo, para não ver quem é. Eu alcanço-o, mas muito devagar e a tela mostra a chamada perdida.

Todas as chamadas perdidas.

Sento-me e rolo a tela. Percorro chamada após chamada.

Sebastian.

São todas dele.

Deve ter vinte tentativas nas últimas vinte e quatro horas.

Ponho meu cabelo atrás da orelha. —Algo está errado.

Antes que eu possa ligar de volta, o celular vibra na minha mão. É Sebastian de novo.

Eu deslizo para responder. —Olá—?

Eu tenho razão. Algo está errado. Posso sentir na forma como ele respira. Sinto-o no peso do silêncio.

—Onde você esteve? — Sua voz é tensa, rouca, como se ele pudesse apenas conseguir deixar sair as palavras.

—O que aconteceu? — Já estou chorando.

—Ela tentou ligar para você. Eu tentei — sua voz quebra.

—Onde está minha irmã? — Eu pergunto, de repente frenética. — Onde está Helena?

—Você precisa vir.

—Onde está Helena? — Eu grito.

—Os bebês. — Ele para como se não pudesse continuar e o silêncio infiltra-se no vazio.

Os bebês?

—O quê? — Eu finalmente pergunto, minha voz mal acima de um sussurro.

Mas ele não precisa dizer. Eu sei. Eu já sei.

—É muito cedo. Um...

CAPÍTULO 25

Gregory

—Mas... é muito cedo, — diz Amélia.

Eu pego o telefone dela, aperto o botão do alto-falante.

—Foi muito para Helena. Ela era muito pequena para transportar quatro — Eu ouço a voz do meu irmão sumir.

Ouvi-*lo* sofrendo.

Pensei que iria gostar desse som. Que me daria prazer.

Um novo pânico toma posse de Amélia. Vejo na cara branca dela. —Onde está minha irmã?

—Ela está no hospital. Todos eles estão.

—Ela está bem?

—Ela vai ficar, fisicamente, — ele faz uma pausa. —Você precisa vir agora. Ela precisa que você venha.

Amélia só acena, aliviada, mas como se ainda estivesse processando.

—Vá para o aeroporto e venha no próximo voo. Eu vou enviar dinheiro.

Os olhos da Amélia encontram os meus.

Eu limpo minha garganta, tiro do telefone do alto falante e coloco-o no meu ouvido. —Eu vou levá-la.

Silêncio, então: —Gregory?

—Me fale em qual hospital vocês estão. Eu vou levá-la.

Eu espero. É a sua vez de processar agora. —O que está acontecendo?

—Podemos começar a batalha quando eu chegar aí, irmão. Mande-me o endereço. — Desligo o telefone, saio da cama. —Vá tomar banho, eu vou arrumar as coisas, — eu digo à Amélia.

—Mas

—Demora cerca de quatro horas de carro até Veneza. Estaremos lá pela manhã, se nos apressarmos. Ela abre a boca para falar, mas eu corto. —Vá agora. —

A viagem para Veneza é tensa. Amélia está preocupada com a irmã. Está preocupada com os bebês. E tenho certeza que ela está preocupada com o que Helena dirá quando a vir comigo.

Eu não poderia me importar menos com o que Sebastian ou Helena pensam, sobre Amélia e eu irmos juntos. E Sebastian e eu, temos que ter uma conversa definitiva. Mas nunca o vi com esse desespero ao telefone.

O telefone de Amélia vibra com uma mensagem de texto quando estamos à meia hora do hospital.

—Ele quer que eu mande uma mensagem quando chegar lá. Diz que vai ser melhor se eu entrar sozinha.

Eu encosto na rodovia, olho para ela. —O que você quer?

—Não quero chocar minha irmã. Quero dizer, —ela toca o cabelo, que está todo de lado para encobrir o punhado que cortei. —Eu já pareço muito diferente.

Eu concordo, embora não tenha certeza de como me sinto sobre isso. Não me esconderei deles.

Uma chuva gelada está caindo no momento em que chegamos ao

hospital, meu irmão está esperando logo na entrada. Ele vem para fora assim que puxo o freio.

Amélia abre a porta sobe e para.

Eu percebo que esta é a primeira vez que ela o vê desde a Colheita.

Depois de desligar o motor, eu saio, encontro os olhos dele quando ele vem em nossa direção. Eu chego perto de Amélia enquanto ele se aproxima.

—Irmão, — eu digo.

—Eu vou lidar com você mais tarde, — disse ele para mim. Ele se vira para Amélia. Ele pega seu cabelo mais curto e escuro. —Você vai me explicar tudo primeiro. Nem uma palavra para Helena. Não quero que ela se chateie, entendeu?

Ela acena.

Eu rolo meus olhos, sacudo minha cabeça, dou um aceno.

—Eu vou levá-la para vê-la, — diz Sebastian, ignorando-me.

—Como ela está? — Amélia pergunta.

—Assustada principalmente. E triste.

—Os bebês estão...

—Incubadoura. — Sua testa enruga. —Eles são tão pequenos. E um... o médico não tem certeza — sua voz quebra.

—O que aconteceu? — Eu pergunto.

Ele olha para mim, quase não responde, mas Amélia faz a mesma pergunta.

—Helena começou com muitas cãibras. Estava tendo há dias,

mas você sabe como ela é. Deixou passar. Não queria alarmar ninguém. Ele balança a cabeça. —Quando chegamos aqui, ela perdeu muito sangue. Quase entrou em choque. Eles a levaram para a cirurgia imediatamente. Ela nem sabia até depois o que tinha acontecido. Não sabia que eles levaram os bebês.

—Deus, — a voz de Amélia é um sussurro.

—Ela quase não...

Os olhos do meu irmão estão injetados de sangue, seu cabelo despenteado. Há manchas vermelhas escuras nas mangas de sua camisa, acho que ele não está ciente disso.

—Vamos lá, — diz Sebastian.

—Eu vou estacionar o carro, — eu digo. Amélia hesita, vira para mim. —Eu vou te ver em poucos minutos, — eu digo a ela.

—Você vai esperar no lobby, — Sebastian me diz quando eu estou voltando para o carro.

Vou deixar passar, considerando o ocorrido.

Pelo espelho retrovisor, vejo Amélia e Sebastian desaparecem no hospital. Eu encontro um lugar para estacionar e volto para a entrada alguns minutos depois, entrando assim que as portas do elevador abrem e meu irmão sai para me cumprimentar.

CAPÍTULO 26

Amélia

Nunca vi Helena tão frágil como está deitada naquela cama de hospital. Eu nunca a vi parecer tão triste.

Mas quando eu entro, ela senta-se, estremecendo, e posso dizer que está com dor.

—Amy. — Meu nome parece um exalar.

Eu sorrio, corro para ela e a envolvo em meus braços. Senti saudades da minha irmã. Eu senti falta dela muito mais do que percebi e não sei como poderia ter pensado que a odiava.

—Helena, eu sinto muito. — Por tantas coisas.

Ela abraça-me apertado, me prende assim por um longo tempo, ouço-a chorar e apenas a seguro de volta.

—Eu sinto muito, — repito, quando ela me libera, inclina-se para trás na cama olhando para mim, tendo atenção em minha cor de cabelo nova. Mas não quero falar disso. —Como estão as minhas sobrinhas?

Ela sorri e eu puxo uma cadeira até à cama para sentar.

—Eu acho que elas se cabem nas palmas das mãos de Sebastian, — diz ela.

—Que pequenas.

—Sabíamos que elas seriam pequenas, mas é muito cedo. Uma delas, o médico não tem certeza se sobreviverá.

—Não, não diga isso. Ela está viva. Todos elas estão. Você está.

Isso é o que importa.

Deus. Minha irmã. Se algo tivesse acontecido com ela, não sei o que faria.

Ela concorda e posso vê-la se esticar. —Seu cabelo, — diz ela finalmente.

Eu toco, olho os fios escuros. Acho que é hora de voltar à minha cor natural. Não sou eu. Não mais.

Eu considero mentir para ela sobre isso. Dizendo que era para uma filmagem. Mas a idéia de tecer outra história, é exaustivo.

—Eu queria algo diferente, — eu digo.

Ela estuda-me, e me pergunto o que ela vê.

—Amy, onde você esteve? Temos ligado há dias.

O que eu digo a ela? Que eu menti para ela? Que Gregory Scafoni me sequestrou? Que estou apaixonada por ele?

Abro a boca para responder, não sei o que vou dizer, não querendo chateá-la, não agora.

—Onde estão os bebês? — Eu pergunto em vez disso.

—Incubadoras. —

—Já têm nomes?

Ela está me estudando, seus olhos intensos. —Samantha, por causa da mãe de Sebastian, Libby, Charlotte, só porque eu gosto desses nomes, e a mais pequeninha, é Helena. Pela tia Helena, — esclarece.

—Então ela é forte. — Eu sinto meus olhos com água. —Todos as Helenas são fortes.

—Você parece diferente, Amy.

Eu só a olho.

—O que aconteceu com você?

Olho para o meu colo, limpo uma lágrima solitária.

—Onde você esteve?, — pergunta ela.

Só então a porta se abre e uma enfermeira entra, sorrindo e carregando uma bandeja de comida. —Hora do café da manhã, — diz ela para Helena, depois vira para mim, me dá uma saudação calorosa. —É a sua irmã? Eu posso ver a semelhança.

—Eu sou Amélia, — eu digo, grata pela interrupção quando me levanto e coloco a cadeira de volta dando espaço para ela pousar a bandeja.

—Não estou com fome, — diz Helena.

—Mas você precisa comer. Essas meninas precisam você seja forte agora.

Acho que Helena vai se render às lágrimas outra vez.

Um doutor entra. —Bom dia, Helena, — diz ele. —Como você está se sentindo esta manhã?

A enfermeira vira-se para mim. —O médico só precisa de alguns minutos. Quer um café?

—Eu adoraria. — Eu dou um aperto na mão de Helena antes de escapar. —Eu vi um café na portaria, — digo, indo rapidamente para o elevador, desaparecendo nele antes que ela possa dizer qualquer coisa.

CAPÍTULO 27

Gregory

—Quando você ia me dizer? — Eu pergunto ao meu irmão.

—Eles não são seus, — ele diz rudemente.

Não sei o que esperava sentir, mas não sinto nada.

—Fizemos testes no início. Eu sou o pai, — acrescenta.

—Bem, parabéns.

—Não seja parvo, Gregory.

Eu fechei a boca. Ele tem razão. Agora não é a hora.

—Como ela está? — Eu pergunto, meu tom triste.

—Ela vai ficar bem. Se tivéssemos chegado um pouco mais tarde, ela não teria ficado bem.

Eu assinto, porque nisso, eu sinto algo. Alívio. —E os bebês?

—Ainda é cedo. Ela tinha apenas vinte e seis semanas de gravidez e três são mais fortes do que uma.

—Será que vão ficar bem?

—Três têm uma chance melhor, mas são todas lutadoras. Como a mãe delas.

—E seu pai. — Dou-lhe isso e estudamos um ao outro por um longo minuto.

—Por que é que Amélia Willow está com você? — ele finalmente

pergunta.

Claro, ele ia perguntar isso.

—História interessante essa, — eu começo com uma risada, e eu percebo que é uma hora ruim, mas não haveria nunca um bom momento para contar esta história particular, assim, quando Sebastian me agarra pelo colarinho da minha camisa e empurra-me para trás na parede, não fico surpreso.

Mas estou chateado.

Eu agarro-o de volta, meto-o na outra parede. —Eu acho que você estava certo. Eu queria a minha própria menina Willow.

Nós fazemos um círculo lento na recepção, mãos e punho nas gargantas uns dos outros, a forma como sempre parece acabar quando a conversa é sobre as meninas Willow.

—Se você machucar aquela garota-

—O quê? Você acha que é o único com direito a uma?

—Há apenas uma, você sabe disso. As regras

—Sim, bem, eu acho que eu não vou jogar por essas regras mais.

—O que você fez com ela?

—Eu não tinha que fazer nada com ela, irmão. Eu acho que é onde nós diferimos.

O elevador chega, Amélia sai e suspira. Imagino como devemos parecer para ela. Como se estivéssemos prestes a matar um ao outro.

—O que você está fazendo? — ela grita.

Nem Sebastian nem eu quebramos o contato visual ou respondemos.

—Você está louco? Deixem disso! — Amélia está ao nosso lado, uma mão em cada um de nós tentando nos separar, me lembro desse mesmo cenário há alguns meses atrás, nós no escritório de Joseph Gallo. Era Helena tentando nos separar então.

—Ele te machucou? — Sebastian pergunta a Amélia, mas mantém os olhos em mim.

Eu bufo.

Ele aperta o punho e eu aperto o meu em resposta.

—Se ele te fez fazer qualquer coisa... Se ele a machucar de alguma forma, saiba que eu vou matá-lo, — ele diz mais para mim do que para ela.

—Meu irmão, sempre o cavaleiro branco. Você não sabe a metade, Amélia. Diga-me uma coisa, Sebastian. É a gravidez a razão pela qual você estava com tanta pressa para se livrar de mim? Por que não lutou contra as minhas exigências?

—Eu já te disse, eu sou o pai, não você.

—Parem com isso. Os dois. Parem, —Amélia nos corta.

—Eu tenho certeza que você não soube isso rápido o suficiente, — eu digo.

—Volte lá para cima, Amélia. Eu estarei lá em um minuto, — Sebastian diz soando mais calmo do que eu me sinto. Mas ele dizendo a Amélia o que fazer, como se ela fosse dele, sinto isso em minha pele como nada mais.

—Você não pode dizer a ela o que fazer. — Saiu num rosnado.

—Eu não vou a lugar nenhum até que vocês se soltem um do outro, — diz Amélia. —Vocês estão sendo loucos!

Sebastian finalmente se vira para ela, e a olha. Seu olhar cai para o cabelo escuro e quando ele retorna seus olhos me observando, posso

apenas imaginar o que ele está pensando.

—Eu vou te matar, — diz Sebastian, empurrando-me para a parede. —Vou te foder.

—Pare! — Amélia se põe entre nós, quando Sebastian se prepara para bater.

—Amélia! — Eu a empurro para longe porque ela vai se machucar, e nesse instante de distração, o punho de Sebastian colide com meu rosto e por um momento, tudo fica preto e eu tropeço.

Amélia grita.

Eu sacudo minha cabeça, me endireito, vou para meu irmão, meu punho em seu intestino fazendo-o se dobrar com um grunhido.

—Não é o que você pensa, — Amélia grita. —Pare!

Mas antes que qualquer um de nós possa desferir outro golpe, quatro guardas de segurança aparecem, dois para cada um de nós, levando-nos arrastados pelos braços para a chuva gelada. Eles estão gritando algo, mas eu não posso ouvi-los, e acho que Sebastian não pode também.

—Você fingiu que ela era Helena? Seu bastardo doente!

Os guardas o seguram e eu vejo Amélia nos seguir e espero que ela não ouça isso, mas acho que ela ouviu.

—Ela mesma fez isso, cretino. Ela tingiu o cabelo antes mesmo de eu ter a posse dela.

—Ter a posse dela? O que você fez, a perseguiu? Sequestrou-a?

—É diferente do que você fez?

—Eu não tive escolha e você sabe disso!

—Você tinha todas as escolhas, e eu também e você sabe a

diferença entre eu e você, irmão? Eu sou o meu dono. Eu tenho minhas escolhas. — Eu luto com as minhas mãos em. —Saiam de cima de mim! — Mas eles não me deixam ir.

Amélia está de pé na entrada, a chuva gelada a encharcá-la.

Está encharcando todos nós.

—Estou farto, — digo aos homens, parando a minha luta. — Terminado. —

Eles me deixaram ir. Eu me volto para ela, depois olho para o meu irmão. —Eu queria Helena. Antes. Isso também está terminado. Terminou aquela noite na casa de Lucinda. E sinto muito pelo que aconteceu com ela. Para os dois. Para aqueles bebês.

Eu vou para Amélia, olho para as suas lágrimas seu rosto encharcado de chuva. Eu toco a bochecha dela, sinto a pele gelada.

—Mas eu não sinto muito por levá-la, — eu digo a Sebastian, mas olho para Amélia. —E eu não vou desistir de você. — A última parte que eu digo só para ela, porque foda-se o meu irmão. Não lhe devo nada.

Eu envolvo minha mão em torno do braço de Amélia e me volto para Sebastian a quem os guardas largaram.

Ele olha para mim e para Amélia e acho que uma palavra dela, e ele me mata. Mas ela inclina o corpo para o meu, desliza a mão livre para o meu danificado.

—Eu te amo, — ela diz, seguro-a mais perto e não vou desistir dela e ninguém vai tirá-la de mim. Mato quem tentar.

Sebastian esfrega os olhos, o rosto. —Foda-se. —

Os dentes de Amélia batem.

—Está frio, — diz ele. —Leve-a para dentro.


TWISTED

CAPÍTULO 28

Gregory

É tarde quando Sebastian volta para a recepção, para o café onde Amélia e eu estamos esperando. Ele não diz muito, apenas gesticula para o seguirmos.

O passeio no elevador é tenso, nenhum de nós falando. Não sei o que esperar ao sair do elevador e ir juntos ao quarto da Helena, mas a mão da Amélia está suada na minha. Ela está nervosa.

Sebastian entra primeiro, fica na cabeceira da cama ao lado de Helena, que olha para Amélia como se ela a tivesse traido. Mas então o seu olhar cai sobre mim e esse olhar, fica diferente. Quase violento.

Eu a estudo. É a primeira vez que a vejo há meses. Ela está pálida e posso ver que ela está desconfortável, mas mesmo assim, apesar de tudo, ela é Helena. Ela é linda e forte. E ela ainda me odeia.

—Helena, — Amélia começa.

—Não, — Helena interrompe, seu olhar apenas escorregando para o meu por um instante antes de retornar para sua irmã. —Não, Amy.

A mão de Sebastian está no ombro de Helena, espremendo um pouco e pergunto-me quanto é que ele lhe disse. O que ele disse a ela.

—Ela é inocente, — diz Helena para mim.

Eu levanto as sobrancelhas.

—E você é um bastardo.

—O que você é, então? — Eu pergunto porque foda-se este duplo padrão. Foda-se.

—Cuidado, — adverte Sebastian.

Eu olho para o rosto do meu irmão e vejo a mesma coisa que eu vi todos os dias naquela ilha, não sei como eu não entendi isso, então. Ele a ama ferozmente. Ele vai protegê-la ferozmente, mesmo contra mim.

E acho que é assim que deve ser.

—Você deveria tê-la deixado sozinha, Gregory. Não está certo, — diz Helena.

—Não tenho nada a dizer sobre isso? — Amélia pergunta.

—Você não é a culpada-— Helena começa.

—Eu o amo, — Amélia diz, cortando-a. Helena desloca seu olhar para sua irmã, e suaviza instantaneamente. —E não preciso de você para me proteger, Helena. Não mais.

—Como? Como você pode amá-lo? —Helena pergunta.

—Eu sou assim tão terrível? — Eu interompo com um bufo.

—Você cala a boca, — disse Sebastian para mim, os olhos estreitando.

Helena nos ignora. —Como você pode *amá-lo*?

A maneira como ela diz, o *ele*, ela está quase cuspindo a palavra.

Sinto Amélia endireitar ao meu lado. Ela está a fortalecer a espinha. Ela desliza a mão da minha.

—Da mesma forma que você pode amá-lo, — diz ela, gesticulando para Sebastian. —Não há nada diferente. Do jeito que começou para nós, é a mesma coisa que começou com você. E então algo aconteceu. Assim como fez para você.

Amélia caminha para a cama, senta-se na borda. Eu vejo as

lágrimas que enchem os olhos de Helena enquanto ela leva os lábios sobre a mão de sua irmã.

—Quando crescemos, havia dois conjuntos de regras, — começa Amélia. —Uma para você e outra para o resto de nós. Não era justo para você, então e não é justo para mim agora.

—Éramos crianças. Isso foi diferente, Amy. Há muita coisa que aconteceu, coisas que você não pode saber.

—Mas eu sei, Helena.

Helena olha para ela, não acreditando nela, eu acho.

—Eu sei o que aconteceu, — Amélia continua. —Eu sei tudo. Ele me contou tudo.

—Tem certeza? — Posso ver que Helena está dividida. Sei que ela não quer magoar a irmã.

Sim. Tenho. Eu sei. Eu sei sobre você, e eles.

O olhar de Helena desliza de sua irmã para mim por um momento.

—Eu sei tudo isso, e não importa. Não mais. — Amélia limpa seu nariz com o dorso da mão. —Por favor, não me faça escolher, Helena. Eu não quero perdê-la.

Helena observa-a, eu assisto uma lágrima deslizar para a bochecha de Helena, me lembro do tempo na ilha, acho novamente o quão rápido as coisas mudam. Como o amor — não — como a indiferença pode se transformar em ódio tão rapidamente. Num piscar de olhos.

Sebastian se inclina, sussurra algo para ela.

Ela balança a cabeça, olha para fora.

Ele sussurra de novo, a beija na bochecha.

—Eu sei, — diz ela. Ela olha para nós. —Eu quero falar com Gregory sozinha.

—Eu não acho que seja ema boa idéia, — diz Sebastian, quando Amélia dá um passo em direção a mim.

—Por favor, espere lá fora. Os dois.

Sebastian se endireita, me dá um olhar de advertência. —Não a chateie, — me diz enquanto ele passa.

Amélia relutantemente o segue para fora. Quando a porta fecha, Helena olha para mim.

—O quê? — Eu pergunto, levantando minhas sobrancelhas, não sentindo o ódio que eu quero sentir.

—Ela é jovem.

—Ela tem a mesma idade que você.

—Você sabe o que eu quero dizer.

—Ela não é tão ingênua quanto você pensa. E ela sabe o que quer.

—E ela quer você?

—É tão difícil de acreditar? Eu sou um monstro?

Ela baixa seus cílios e eu não tenho certeza se seu olhar cai na minha mão por acidente ou não, mas ela suspira quando a vê.

Eu a enfiei em meu bolso chateado comigo mesmo por me importar.

Quando retorna o olhar para o meu, é diferente como ela olha

para mim.

Ela segura a mão dela.

Eu fico parado.

—Por favor, — diz ela.

—O que você quer, Helena?

Ela muda, estremece quando ela se puxa um pouco para cima.

Porcaria.

—Eles estão te dando algo para dor? — Eu pergunto. Não quero me importar.

—Está tudo bem. Eu estou bem. Ela olha para mim. —Eu ouvi você, sabia?

As lágrimas guardadas dentro de seus olhos derramam por suas bochechas e ela as limpa com as costas de sua mão e tudo que posso fazer é ficar lá e aguardar.

—A noite da marca. Eu ouvi você.

Eu puxei a minha mão para fora do meu bolso, esfrego a minha nuca, olho para longe dela.

—Bem, eu também estava arrependida, — diz ela. —Eu sinto muito. O que fizemos foi errado. Eu sabia, mas eu fui até o fim e fui egoísta, sinto muito, Gregory. Sinto muito por te machucar.

Eu encontro os olhos dela.

Eu achava que ela não tinha ouvido quando eu sussurrava minhas desculpas. Pensei que ela estava desmaiada.

Ela está esperando que eu diga algo, mas eu simplesmente balanço minha cabeça. Ela se move novamente, segurando sua barriga

desta vez.

Eu alcanço o controle remoto para carregar no botão de chamada, mas ela afasta-o.

—Eu estou bem.

—Você não está bem.

—Minha irmã

—Eu a amo, Helena. Não vou machucá-la. Mas não estou pedindo sua bênção. Nenhum de nós está. Eu sei, no entanto, o quanto iria machucá-la perdê-la novamente. Só sei que a amo. Que é sério com ela.

Ela estuda-me por um longo tempo e, finalmente, estende a mão novamente. —Deixe-me ver sua mão.

Sento-me na beira da cama, seguro-a.

Ela traça o padrão queimado dentro dela e houve um tempo que eu teria sentido algo em seu toque, mas esse tempo é passado. Ela olha para mim.

—Você me salvou disso.

—Eu coloquei você nessa posição em primeiro lugar.

Ela fica quieta por um longo minuto.

—Você viu as meninas? — pergunta ela.

Eu sorrio. Esta é a sua aceitação. As desculpas dela. O perdão dela.

O meu também, talvez.

—Minhas sobrinhas?

Ela acena.

—Ainda não.

—Sebastian deve levá-lo, — diz ela, mas seu sorriso é triste.

Eu mudo a mão que ela está segurando e aperto. —Elas sobreviverão, Helena. Não tenho dúvidas.

Mas tenho.

CAPÍTULO 29

Amélia

Seis meses depois.

Elas sobrevivem, todos elas.

E como todas as gerações de filhas de cabelo loiro Willow, todas eles se assemelham a Helena, mas só a mais pequenina tem a raia em seu cabelo.

—Ela é forte. — Eu digo, entregando-a de volta para Helena.

Estamos parados na doca, Gregory e eu nos preparando para sair. O sol está quente e brilhante e a água do Adriático brilha em toda a ilha. É um lugar mágico. Mas não é lar.

—Você não pode ficar? — Helena pergunta novamente.

—Já passou da hora de pegar minha vida e descobrir o que estou fazendo com ela.

Eu fiquei com Helena na ilha desde que ela foi liberada do hospital. Gregory foi e voltou de Roma gerenciando os estágios finais da reforma da casa.

—Vou sentir sua falta, — diz Helena.

—Eu também. —

Nós nos viramos para ver Sebastian e Gregory andando em nossa direção, Gregory carregando nossas malas, Sebastian segurando mais uma das quadrúpulas.

Demorou algumas semanas para Sebastian e Helena aceitarem plenamente que Gregory e eu estávamos juntos, mas eles aceitaram, e os irmãos remendaram as coisas. Eu estou contente por isso, porque tanto quanto Gregory nunca admitiria sentir-se ferido ou a falta de seu irmão, eu sei que ele sentiu.

—Ela estava agitada, — Sebastian diz a Helena sobre o bebê. — Eu não queria que ela acordasse as outras duas.

—Pronta? — Gregory pergunta.

Eu aceno. Tanto quanto eu vou sentir falta de minha irmã, eu estou ansiosa para o próximo capítulo da minha vida. Sinto que é a primeira vez em que eu estou no controle disso. De mim mesmo. Do meu destino.

Helena entrega o bebê para Sebastian, que ainda parece estranho segurando as pequeninas, embora ele seja um grande pai e cuida maravilhosamente de Helena. Ela envolve os braços em mim e eu abraço-a de volta.

—Natal em Roma, — eu digo. —Teremos um mês inteiro juntas.

Helena me espreme. —Eu não posso esperar. — Ela me solta e nós assisto Gregory carregando as malas para o barco. —Você seja boa para ele, — diz ela.

Eu só aceno, não tiro os olhos dele.

Ela vira-se para mim, toca no meu cabelo loiro. —E eu gosto mais desse tom em você. — Eu tingi de volta para a minha cor natural logo após a nossa reunião.

—Eu também. —

Gregory retorna e Helena sorri. —É melhor cuidar bem da minha irmã, — ela diz a ele, e embora seja para ser uma piada, eu sei que há um aviso também.

—Você cuide bem das minhas sobrinhas, — ele diz a ela.

—Você as estragou. — Ele fez isso. Gregory é melhor com bebês do que imaginei que seria.

—É o meu trabalho, — diz ele.

—Se você precisar de algo —— Sebastian começa a me dizer.

—Cristo, — Gregory corta-o, envolve um braço em torno de mim. —Se ela precisar de alguma coisa, eu darei à dela.

Helena pega ambos os bebês, Gregory e Sebastian apertam as mãos, em seguida, se abraçam como os homens se abraçam, com um tapinha rápido nas costas. —Vemo-nos daqui a uns meses, irmão.

Gregory acena. —Sim, nos vemos em uns meses.

Nós subimos no barco e Remy dirige se afastando, o motor barulhento, a brisa não muito boa. Quando eles são apenas pontos na distância, Gregory envolve a mão em torno da minha.

—Tudo bem? — ele pergunta.

Eu me viro para ele. —Sim. — Eu empurro o cabelo do seu rosto para trás. —Sim, eu estou bem.

Ele envolve o braço em volta da minha cintura e me puxa mais perto e a maneira como ele olha para mim às vezes, é como se ele ainda não pudesse acreditar que é real, porque eu sei que não posso. De onde viemos, onde começamos, é a coisa mais estranha. A coisa mais impossivel.

—Eu te amo, — diz ele.

Ele se inclina para baixo e me beija, e eu envolvo minhas mãos em volta da sua nuca e beijo-o de volta e quando paramos o beijo, eu inclino minha bochecha em seu peito e fecho os olhos.

—Eu te amo também.



CAPÍTULO 30

Gregory

Amélia não vê a casa há seis meses. O sol está se pondo quando chegamos e eu percebo que é a primeira vez que ela está vendo-a depois do descongelamento da neve.

Este inverno foi duro com mais neve e gelo do que a cidade tinha visto em cem anos. Ela se encaixa, de uma forma. Por um longo tempo, parecia que ela e eu estávamos congelados no tempo. Como se nenhum de nós podesse ir além do que aconteceu.

Eu aperto o botão para abrir os portões e ela se endireita, olhando ansiosamente para a frente, olhando para cada caminho, vendo os jardins verdejantes, a água fluindo da fonte que já foi apenas uma rocha desmoronando.

Eu estaciono o carro e nós saimos, eu olho para ela e sorrio.

—Uau, — ela diz quando eu vou até ela e pego sua mão. —É lindo.

—Espere até ver o interior.

Eu a acompanho e Irina vem nos cumprimentar, seguida por Matteo. O cheiro de pão caseiro flutua através do ar e os quartos estão ilumindos com luz solar derramando a partir das janelas.

—Parece mais brilhante, — diz Amélia.

Ela tem razão, parece, embora fisicamente, nada mudou.

Matteo pega nossas malas e nós caminhamos para a sala de estar.

—Você está com fome? — Eu pergunto.

Seu olhar se vira para o corredor que leva à biblioteca. —Não, — ela responde de forma distraida. —Ainda não.

Irina acena e desaparece na cozinha.

—Venha, — eu digo, levando-a em direção à biblioteca.

Ela hesita.

Eu me viro para ela, conheço seus olhos cautelosos. —Está tudo bem. —

Ela acena, deixa-me levá-la para o corredor que não é tão escuro e nem tão frio como era. Eu abro a porta da biblioteca, que está inundada de luz e ela volta a sorrir, porque eu substituí o vidro manchado e escuro por cores combinando com o afresco restaurado acima de nossas cabeças e estamos cercados por azuis macios, amarelos brilhantes e rosas profundos.

Tudo o que estava escuro agora é iluminado.

O labirinto de estantes está limpo, os livros que puderam ser recuperados, recuperados. Três paredes compõem as prateleiras agora, todas empilhadas alto com livros e, em vez de uma única poltrona, há duas aqui agora. Uma para ela e outra para mim.

—A porta, — diz ela, olhando para onde estava a porta que a levou às catacumbas uma vez, se foi.

—Foi fechada. As prateleiras construídas na parede.

Ela olha para mim.

—Você se lembra do barulho naquele dia?

Aquele dia.

Ela acena. Ela sabe qual dia eu quero dizer.

—Foram as pedras cedendo. Os ossos da garotinha foram enterrados atrás delas.

—O quê?

—A garotinha que morava aqui.

—Talvez seja onde ela estava me guiando o tempo todo. Ela queria ser encontrada.

—Talvez.

—Você tem certeza que eles eram dela?

Sim. DNA. Dela e do filhote de cachorro. Ela foi enterrada ao lado de sua mãe em uma sepultura adequada.

—Estou contente. Espero que ela esteja em paz.

Ela anda pela sala, toca algumas das lombadas dos livros.

Eu a vejo e penso na luz aqui e acho que tem a ver com ela. Acho que ela traz a luz para esta casa.

Na minha vida.

Eu enfio a mão em meu bolso e caminho até ela.

Ela guarda o livro que ela estava olhando, olha para mim, me lê tão bem agora. Como se ela estivesse totalmente em sintonia comigo. Como se ela fosse parte de mim.

—O que você está fazendo? — ela pergunta com um sorriso.

Eu levanto minha mão e abro a caixinha nela.

Dentro dela encontra-se um anel. Um aro de platina e diamantes em torno de uma única safira perfeita que empalidece ao lado de seus

belos olhos.

O design é complicado e único, como ela.

Ela olha para ele, toca a boca com os dedos de uma mão como se ela não pudesse acreditar, toca o aro com os dedos da outra. Ela vira os belos olhos para mim, procurando os meus.

—Eu quero me casar com você, — eu digo.

Ela ri, um estranho tipo de riso nervoso. Olha o anel na minha mão de novo.

Eu pego a sua mão esquerda, deslizo o anel no dedo.

—Porquê?

Eu olho para ela, rio enquanto balanço minha cabeça. —Você faz as perguntas mais estranhas nos momentos mais estranhos.

Ela olha para as nossas mãos e eu coloco o anel em seu dedo. É um ajuste perfeito.

Eu pego o rosto dela nas minhas mãos e inclino-a para cima. — Você vai se casar comigo, Amélia?

Uma lágrima desliza em sua bochecha, mas sua boca se move em um sorriso e ela aceita. — Sim. Sim, Gregory. Eu me casarei com você.

EPÍLOGO 1

Sebastian

Natal

Meu irmão me faz parecer um babaca, mas eu estou apenas protegendo o que é meu. O que sempre foi meu. Ele teria feito o mesmo se estivesse no meu lugar. E ele vai agora saber com Amélia Willow.

Mas o tempo cura.

Não estamos próximos, Gregory e eu, mas nunca fomos muito chegados. Agora que ele tem Amélia, no entanto, tudo é diferente. Ele está diferente. Não tão ansioso ou arredio. Não tanto de fora, talvez.

—Esta coisa é desconfortável, — diz Gregory, entrando na sala de estar.

Eu olho para ele e tenho que concordar. O smoking *é* desconfortável. Eu puxo o meu colarinho.

—Ela não vai mamar se ela te ouvir, — diz Helena. —Você não pode ir para outro lugar?

Gregory dá-lhe um sorriso, caminha até onde Helena acabou de afastar a bebê que está à procura de seu tio. Ela sorri um sorriso enorme assim que o vê.

—Não, — diz Gregory.

Eu rolo meus olhos quando Gregory se abaixa para a bebê e a mamadeira.

Ela murmura quando Gregory faz cócegas no pescoço e é a vez de

Helena rolar os olhos.

—Isso mesmo, querida. Seu tio favorito está aqui, —Gregory provoca, tomando um assento e deslizando a mamadeira em sua boca. —Talvez você possa cuspir em meu casaco, então eu tenho uma desculpa para tirá-lo.

—Não vai acontecer. Tenho um reserva. Se eu tenho que usar um, você também tem que usar um, —Eu digo, observando-os juntos. Assistindo enquanto a pequena Helena tem sua mão minúscula em seu queixo e está olhando para ele enquanto ela mama sua mamadeira.

Ele está observando-a também, fazendo caretas. Os tolos. É a coisa mais estranha vê-lo assim.

Helena vem a mim, senta no meu colo, olha para eles também, então se vira para mim para me dar um sorriso quente, me abraçando pelos ombros.

—É estranho, — ela sussurra.

—Eu sei. — Eu envolvo meu braço em volta da cintura dela.

É dia de Natal e estamos reunidos na casa de Gregory, fora de Roma. E hoje é o casamento. E estou feliz por ele. Pelos dois.

—Você está bem? — Pergunto a Helena, cuja expressão fica mais séria quando ela os assiste.

Ela se vira para mim. —Sim. Tudo aconteceu tão rápido. Para nós. Para eles. Mas está tudo bem. É bom.

Irina caminha para dentro carregando Libby que está acordada.

—Acabei de alimentá-la, mas acho que ela quer a mãe dela.

Mas quando ela caminha em nossa direção, Libby levanta os braços para mim, seu lindo rosto radiante com um sorriso.

Helena fica quando eu levo Libby, meu sorriso se alargando quando ela agarra minhas bochechas. Helena se inclina para baixo para dar-lhe um beijo em cima de sua cabeça.

—É melhor eu voltar para Amy, — diz ela.

—Devemos sair em breve.

—O sacerdote vai esperar, — diz Gregory. —Eu estou pagando o suficiente para fazer isso hoje.

—Eu só quero ter certeza de que estaremos de volta a tempo de abrir a montanha de presentes para as meninas, — eu digo, levantando minhas sobrancelhas para ele. —Você sabe que este dia não é diferente de qualquer outro dia para elas, certo? Quero dizer, elas são muito pequenas para saber o que é Natal ou que seu tio as estraga.

—Não olhe para mim. Isso foi tudo ideia de Amélia.

—E sua tia. Estragando todas vocês, —Eu digo a Libby, fazendo cócegas no nariz dela com o meu, tentando fazê-la soltar o punhado de cabelo que ela está puxando.

As meninas estão vestidas com lindos vestidos brancos, prontas para a cerimônia. Charlotte e Samantha ainda estão dormindo em seus assentos de carro.

Eu encontro o olhar do meu irmão quando ele desloca a bebê para o ombro, colocando a mamadeira vazia de lado e esfregando suas costas. Ela coloca a cabeça sobre ele, satisfeita.

—Olhe para nós, — eu digo. —Nunca teria adivinhado que este seria o lugar onde eu estaria. Onde estaríamos.

Gregory sorri. —Conte-me sobre isso.

Há um momento calmo. —Estamos bem? — Eu pergunto.

Nunca conversamos sobre isso. Falei sobre como ele foi embora.

Falei sobre o contrato que o fiz assinar para mantê-lo longe de Helena antes de abandonar meus direitos sobre sua parte da herança.

Sim. Estamos bem, irmão, — diz ele.

—Estou contente.

A pequena Helena solta um pequeno arroto fazendo-nos sorrir tanto como ouvimos o som de saltos clicando nas escadas. Caminhamos até à borda da sala de estar e eu olho para o meu irmão quando ele primeiro coloca os olhos em Amélia e meu sorriso alarga. Eu pego Libby em um braço e sua irmã de suas costas com a minha outra mão.

Ele olha para mim.

—Me dê, — eu digo, alcançando meu braço para pegar o bebê. — Vai buscar a sua noiva.

Ele sorri, entrega a bebê Helena e vira o olhar de volta para as escadas enquanto Amélia desce, vestindo um vestido feito à mão de renda branca com mangas compridas, um decote alto e uma generosa saia que cai até ao chão.

Helena segue atrás com o longo véu recolhido em seus braços.

Ela está linda, ambas estão.

Uma vez que chegam ao primeiro andar e Gregory pega as mãos de Amélia, Helena vem ao meu lado e ela tem lágrimas em seus olhos e um sorriso satisfeito em seu rosto.

Eu beijo a bochecha dela. —Eu te amo, você sabe disso? — Eu sussurro.

Ela olhou para mim. —Nunca pare de me dizer isso.

Irina vem para levar as bebês, e eu levo minha esposa em meus braços.


TWISTED

EPÍLOGO 2

Gregory

O presente

—Você realmente não deveria me ver antes do casamento. Dá má sorte, —Amélia diz uma vez que todos foram para os para ocupar seus assentos, e estamos sozinhos na casa.

—Eu acho que você e eu estamos atrasados para a boa sorte, — eu digo, colocando um fio de cabelo loiro atrás de sua orelha. —Você está linda. — Eu puxo-a para mim, gostando do feitio de trás do vestido que é recatado e sensual tudo de uma vez.

Ela cora, olhar tímido. —Muito obrigado. E você também.

—O smoking é desconfortável.

—Supere isso.

Eu me inclino para beijá-la levemente nos lábios. —Eu não posso esperar para tirá-la do vestido.

—O seu cérebro nunca vai a algum lugar além de sexo?

—Raramente.

A porta se abre e Sebastian coloca sua cabeça dentro. — Vocês dois estão prontos?

Amélia abre a boca para responder, mas eu a detenho. —Nós seguiremos depois. Você vai na frente.

Sebastian leva um momento para nos estudar, acena e

desaparece.

—Nós vamos chegar atrasados, — diz Amélia.

—Nós somos o casal principal. Eles esperam.

Eu puxo-a para a sala de estar, chego aos presentes empilhados para as meninas e escolho o que eu quero. Eu tenho que segurá-lo longe dela.

—Estaremos dando os presentes depois, — diz ela, olhando para ele.

—Apenas um. Este é apenas para nós, de qualquer maneira.

Ela alcança, pega, dá-me um olhar estranho quando ela percebe que é apenas uma folha de papel enrolado.

—O que é isto?

—Abra-o.

Ela puxa a fita para desembrulhar lentamente, tira a embalagem, um papel decorado para desenrolar o que está dentro. Ela o estuda, sulca suas sobrancelhas e olha para mim.

—O que é isso?, — pergunta ela.

—Bem, — eu digo, virando a folha para que nós dois olharmos para ele. —Isso me representa.

—Mas é um crânio parcial.

—Meu lado negro. — Eu pisco. —E isso, este é você no caso de que não tenha certeza. — Mas ela deve ter porque os olhos, eles estão perfeitos. E do jeito que ela está segurando minha cara e me beijando, bem, ela deveria saber. —O pássaro

—É o mesmo que eu sempre vejo.

—Um novo começo. Literalmente apagando o passado.

—Uma tatuagem?

Eu aceno. —Aqui, — Eu toco no local onde a cena do poste de chicotadas inacabado está nas minhas costas.

Lágrimas enchem seus olhos e ela olha da folha de volta para mim, e quando eu a puxo em meus braços, eu limpo a lágrima que desliza.

—Sua maquiagem, — eu digo, embora eu não me importe se ela tem estrias negras correndo pelo rosto. Ela ainda seria a mulher mais bonita que já vi.

—Eu te amo tanto, você sabe disso?

—Espero que sim, Considerando que você está prestes a se casar comigo. — Eu digo, tentando descontrair. Eu aperto-a mais perto. Juro que nunca estarei perto o suficiente. Não com ela. —Eu te amo, Amélia. Eu não posso imaginar nunca estar sem você. E eu nunca quero que você olhe para mim, em qualquer parte de mim, e ache que você não é tudo.

Ela coloca a cabeça no meu ombro, toca minha bochecha.

—Porque você é. Você é tudo para mim.

FIM

TWISTED